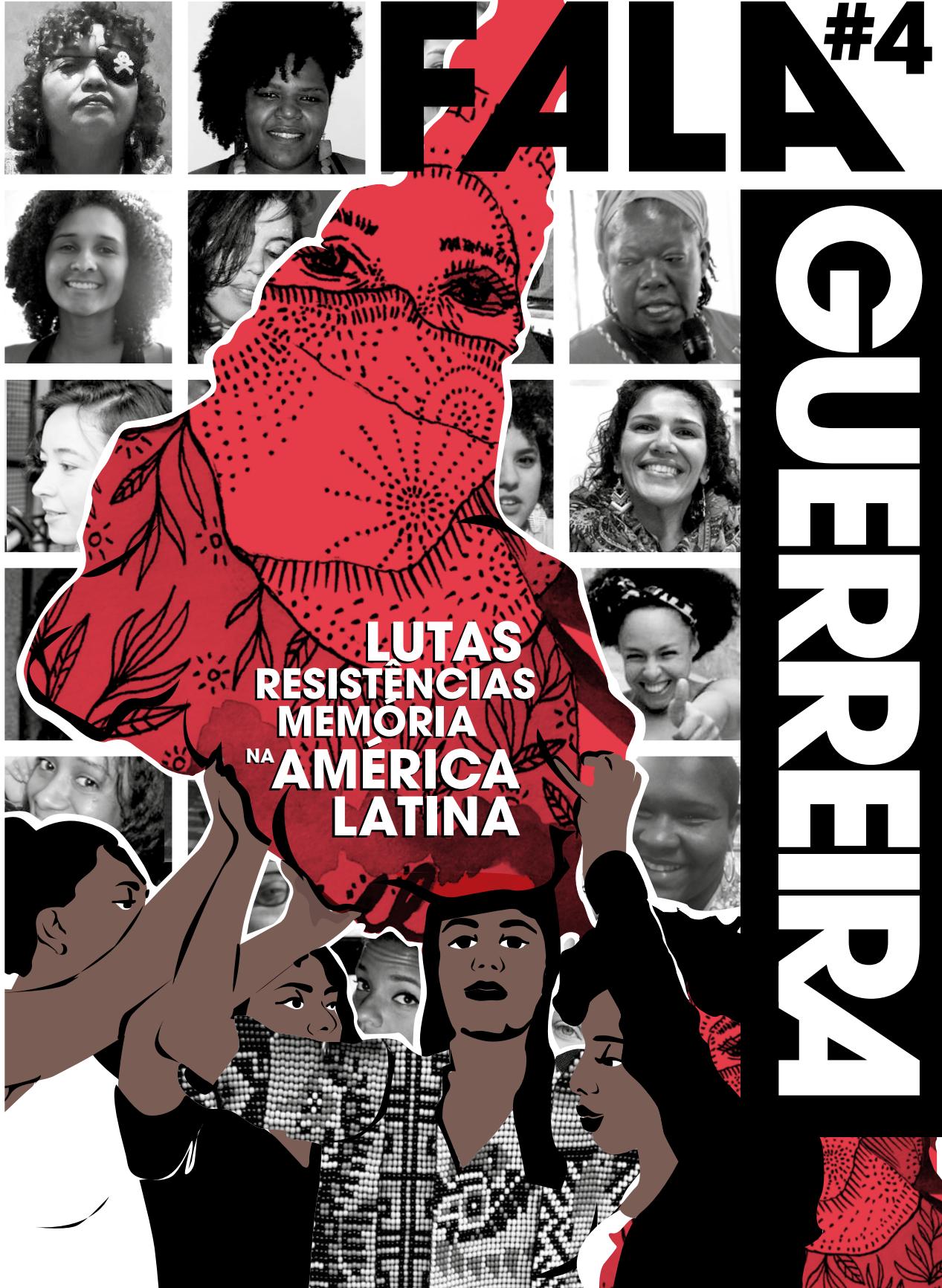


# FALA #4

que  
quer  
a

LUTAS  
RESISTÊNCIAS  
MEMÓRIA  
NA AMÉRICA  
LATINA





# FALA GUERREIRA!

## OH NÓIS AQUI DE NOVO!

Voltamos depois de um ano do lançamento da última revista. Percorremos caminhos sonhados e compartilhados entre nós. Estradas que cortaram nossos cotidianos e nos levaram ao encontro com a nossa **LATINIDADE**. Atravessamos fronteiras inimagináveis para viver a experiência de sentirmos o prazer de estar em casa, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância da nossa querida **QUEBRADA**.

O tempo foi longo. Cada momento foi saboreado, ao longo deste ano sentimos cada segundo de tudo que realizamos, cada atividade foi intensa e necessitamos parar e olhar para dentro da nossa coletiva e nos cuidar, sentir os passos que já foram dados. O desafio estava posto para nós guerreiras: encontrar entre as fronteiras a força nas cirandas com as mulheres, de **TERRITÓRIOS DISTANTES**, mas que se aproximam quando nossas vidas se entrelaçam. Convidamos parceiras que nos inspiraram para nos ensinar e contar sobre suas histórias de vida e de batalha. Essa revista é fruto da necessidade de **DIALOGAR E MATERIALIZAR** as experiências de várias mulheres periféricas transitando por território latino-americano.

Sabemos que a imensidão dessas terras e toda sua complexidade histórica, política e cultural não serão esgotadas nas próximas páginas.

Enquanto esboçamos as linhas que vão compor esse editorial, o nosso corpo pede descanso e nossa cabeça mal consegue realizar um raciocínio simples, numa palavra: cansaço. Ainda que estejamos aqui nesse momento de finalização motivadas por tantas outras coisas que transcendem a primeira sensação, negar o

cansaço seria negar o processo, negar o processo é não nos reconhecermos: somos mulheres, mães, estudantes, **TRABALHADORAS** e estamos no pouco tempo que nos sobra fazendo uso da nossa palavra-ação, materializando em páginas o mundo que acreditamos - e que tarefa árdua! Escrever talvez seja um dos atos mais difíceis e prazerosos. Essa revista é uma bela síntese disso!

Talvez haja nesse exato momento outras **MULHERES REUNIDAS** em algum canto do mundo produzindo alguma coisa da qual acreditam, talvez elas não estejam produzindo uma revista como nós, pode ser que estejam na luta das professoras contra as reformas educacionais no **MÉXICO**, numa manifestação contra o feminicídio na **ARGENTINA**, na luta pela preservação das tradições e do território na **COLÔMBIA**, na trincheira cotidiana das mulheres indígenas pelo bem viver na **BOLÍVIA**, na luta das mulheres negras no Peru ou organizando um paro pelas 34 meninas assassinadas pelo Estado na **GUATEMALA**, e talvez elas também estejam tomadas pelo cansaço, mas ainda assim vão se amparando, ajudando umas às outras, e caminhando, sempre caminhando, porque elas tem

graffiti: NENE SURREAL



**MUCHAS GRACIAS**  
QUEM FORTALECEU, COLANDO NAS NOSSAS FESTAS:  
SELETANDO (SALVE AUDÁCIA!), DESCENDO ATÉ O CHÃO,  
COMPRANDO NOSSAS BREJA E QUITUTES (<3 SUZI). NÃO É  
POSSÍVEL CITAR TODA GALERA QUE SOMOU NAS VIAGENS, MAS,

**SATISFAÇÃO TOTAL**  
**PELA IRMANDADE.**

AXÉ PRA COLETIVIDADE QUE FAZ A GIRA GIRAR  
COM ALEGRIA E REBELDIA.

**Salve Nós!**

## expediente

PROJETO **FALA GUERREIRA!**  
MULHER E MÍDIA NA QUEBRADA

#4 ♀ março/2017

**FALA GUERREIRA** É Alessandra Tavares de Oliveira, Ana Liz, Carla Aguiar, Bia Oliveira, Carolina Teixeira, Danielle Braga, Danielle Regina de Oliveira, Dandara Gomes, Dayse Oliveira, Gabriela Miranda, Izabela Machado, Jenyffer Nascimento, Lia Moreira, Mariana Brito, Michelle Mesquita, Formiga, Nath Pires, Patrícia Tirola, Rita Carneiro, Silvana Martins

**REVISÃO:** Ana Liz e Dayse Oliveira

**ILUSTRAÇÕES:** Carolina Teixeira (Itzá)

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:** Silsil do Brasil

**AS PARÇAS:** Valquíria Palma (diagramação), Semayat Oliveira, Juliana Mercuri (tradução), Juliana dos Santos (andanças)

✉ falaguerreira@gmail.com    [facebook.com/falaguerreira](https://facebook.com/falaguerreira)

## realização

**#FALA  
GUERREIRA**

**Bloco  
Beco**

**VAI**  
Instituto de Inovação Cultural

**PREFEITURA DE  
SÃO PAULO**

## AS PALAVRAS PRECISAM DIZER...

...mas nem sempre dizem, há palavras que nos chegam esvaziadas de sentido. Por isso, esse texto é um convite para pensar alguns termos que provavelmente já escutamos, mas que nem sempre conseguimos nos apropriar do seu significado. Sabemos que a linguagem teórica é, por um lado, ferramenta de exclusão para nós que temos pouco e precário acesso à educação formal. Por outro, apresenta a possibilidade de compreensão crítica da nossa própria realidade, vista, vivida e sentida.

O mundo é movido por uma ordem econômica mundial que explora nossos territórios e nossos corpos, a essa ordem que vem de cima para oprimir os de baixo, chamamos de **CAPITALISMO**. Hoje em dia vivemos na forma **NEOLIBERAL** do capitalismo, que potencializa a dominação dos países ricos (geralmente situados na Europa e Estados Unidos da América – ao norte do planeta) sobre os países mais pobres (geralmente encontrados em América Latina, África e Oriente Médio – ao sul do mundão), e essa dominação se dá principalmente através do domínio do Estado.

**ESTADO**, essa maneira de governar que veio lá de longe, sabemos que é estratégia do colonizador para decidir o rumo das nossas vidas, nos explorando. Como seria um governo de nós para nós?

Atravessando mais fronteiras com hermanas em países vizinhos, sentimos a revolta contra a **COLONIZAÇÃO**, que desde 1492 massacra os povos originários de nuestra América, rouba nossas terras e derrama sangue desde África até desembarcar aqui. Antes de nos invadirem, nossos ancestrais – os **POVOS ORIGINÁRIOS DA AMÉRICA** – era os que estavam aqui cuidando dos altos das montanhas, das terras férteis da

colheita, sentindo os ventos litorâneos... potiguaras, tupinambás, mapuches, tupi-guaranis, guaranis-kaiowá, maias, astecas, incas...

Nossos corpos em movimento gritam e lutam contra o Estado racista cruel que assassina todos os dias o nosso povo pobre e preto – a isso chamamos de **GENOCÍDIO**, projeto de extermínio do povo pobre e preto.

Nosso sangue escorre. Nosso sangue mancha nosso território.

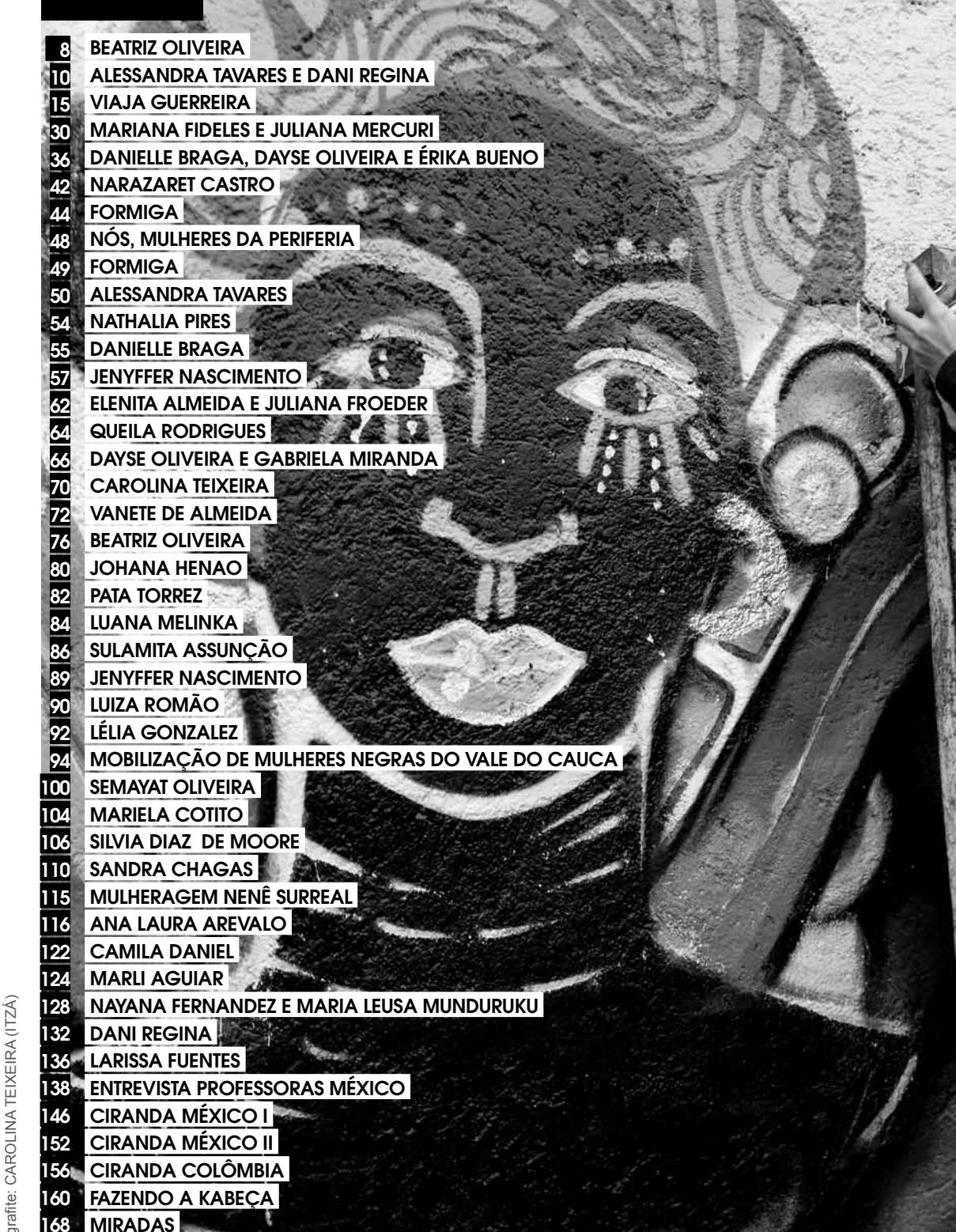
Nós, mulheres, estamos sendo assassinadas cotidianamente por homens que acreditam que o corpo feminino pertence a eles. À morte de mulheres chamamos de **FEMINÍCÍDIO** - é a destruição de nossa identidade, trocada pela figura de um ser que precisa ser submisso e obediente ao homem através da dominação violenta. Nossas mentes aprendem a língua do opressor. Nas escolas, trazidas da Europa de outros tempos, tempos antigos, quiseram nos ensinar a obedecer à repressão. Ousaram jogar nossas histórias e experiências no esquecimento. Nossos saberes também sangraram. O nome disso é **EPISTEMICÍDIO**: o apagamento de nossa memória, de como nos educamos e de nossos aprendizados. Dizem que o nosso jeito de pensar não é certo e nos empurram um conhecimento que não nos pertence, mas que aprisiona nosso saber de estar no mundo.

Colonização, Capitalismo, Neoliberalismo, Genocídio, Epistemicídio e Feminicídio são termos que, em nosso vocabulário, são sinônimos de morte e dominação. Resgatar quem somos e a nossa história coletiva é um dos primeiros passos para derrubar os reinados construídos pela colonização. Não é uma briga apenas por identidade, é também a construção de uma realidade a partir da nossa própria sabedoria.

## Índice

8	BEATRIZ OLIVEIRA
10	ALESSANDRA TAVARES E DANI REGINA
15	VIAJA GUERREIRA
30	MARIANA FIDELES E JULIANA MERCURI
36	DANIELLE BRAGA, DAYSE OLIVEIRA E ÉRIKA BUENO
42	NARAZARET CASTRO
44	FORMIGA
48	NÓS, MULHERES DA PERIFERIA
49	FORMIGA
50	ALESSANDRA TAVARES
54	NATHALIA PIRES
55	DANIELLE BRAGA
57	JENYFFER NASCIMENTO
62	ELENITA ALMEIDA E JULIANA FROEDER
64	QUEILA RODRIGUES
66	DAYSE OLIVEIRA E GABRIELA MIRANDA
70	CAROLINA TEIXEIRA
72	VANETE DE ALMEIDA
76	BEATRIZ OLIVEIRA
80	JOHANA HENAO
82	PATA TORREZ
84	LUANA MELINKA
86	SULAMITA ASSUNÇÃO
89	JENYFFER NASCIMENTO
90	LUIZA ROMÃO
92	LÉLIA GONZALEZ
94	MOBILIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DO VALE DO CAUCA
100	SEMAYAT OLIVEIRA
104	MARIELA COTITO
106	SILVIA DIAZ DE MOORE
110	SANDRA CHAGAS
115	MULHERAGEM NENÊ SURREAL
116	ANA LAURA AREVALO
122	CAMILA DANIEL
124	MARLI AGUIAR
128	NAYANA FERNANDEZ E MARIA LEUSA MUNDURUKU
132	DANI REGINA
136	LARISSA FUENTES
138	ENTREVISTA PROFESSORAS MÉXICO
146	CIRANDA MÉXICO I
152	CIRANDA MÉXICO II
156	CIRANDA COLÔMBIA
160	FAZENDO A KABEÇA
168	MIRADAS

graffiti: CAROLINA TEIXEIRA (ITZÁ)



# O SANGUE NÃO ESTANCA: AS VEIAS DA AMÉRICA LATINA CONTINUAM ABERTAS

*Em 2016, Mc Carol, mandou um papo reto com seu hit “Não foi Cabral”:*

**Pedro Álvares Cabral**  
**Chegou 22 de abril**  
**Depois colonizou**  
**Chamando de Pau-Brasil**  
**Ninguém trouxe família**  
**Muito menos filho**  
**Porque já sabia**  
**Que ia matar vários índios**  
**Treze Caravelas**  
**Trouxe muita morte**  
**Um milhão de índio**  
**Morreu de tuberculose**  
**(...)**

**A**primeira vez que escutei essa música, lembrei de uma passagem do livro “As veias Abertas da América Latina”, livro escrito pelo uruguaiense que tão bem soube traduzir as angústias e os amores por *nuestra patria*, o velho Galeano: Os índios das Américas somavam entre 70 e 90 milhões de pessoas, quando os conquistadores estrangeiros apareceram no horizonte; um século e meio depois tinham-se reduzido, no total, a apenas 3,5 milhões. A colonização é sem dúvida alguma um sistema político, social e econômico muito cruel para um dos lados. No caso, para o nosso. Às vezes eu me pego imaginando uns bagulhos do tipo: mano, já pensou se o curso da história tivesse sido diferente? Já imaginou, ter vivido sob os nossos costumes ancestrais, ter cuidado do corpo, da alma, da mente e do coração de um jeito avesso a essa medicalização compulsória que nos aprisiona? Ter nos alimentado com mais maíz, buriti, açaí, mandioca... Que maravilha seria poder ter tido a referência dos nossos povos indígenas e negros desde os primeiros momentos da alfabetização; Quem dera não existisse a pobreza de muitos para sustentar a riqueza de poucos. A gente tem saudade do que não viveu, por acreditar que teria sido melhor, e essa saudade dói. O colonizador foi além de saqueador um grande opressor, um verdadeiro suicida. O desenrolar da colonial não foi passivo. Esse papo de que somos um povo passivo e profundamente complacentes é história pra dominador dormir. Aqui, deste outro lado da história, sempre houve combatividade. Seja numa quebrada aqui na zona sul, num *Cinturón de miseria* no México, numa *Villa Miseria* na Argentina, numa *Ciudadela* na Bolívia, numa *población callampa* no Chile, numa *comuna* na Colômbia, num *Tugurio* em Costa Rica, nas “*Llega y pon*” em Cuba, nos *Guasmos* em Equador, no *Champerío* em El Salvador, nas *Arrabales* em Guatemala e Porto Rico, nos *Barrios* em Honduras e da Nicarágua, nas *Barriadas* brujas no Panamá, nas *chacaritas* no Paraguai, nos *conos* em Perú, em algum *Barrio malo* na República Dominicana, no *Cantegril* em Uruguai, em todos os *Ranchos* na Venezuela, cotidianamente nós temos construído a nossa resistência, temos bradado com voz firme e eloquente que esse não é o mundo que queremos, e que não descansaremos enquanto a nossa utopia não for chamada de realidade. Estamos caminhando, sem privilégios ou acomodações, caminhamos com nossos pés calejados, com nossos cansaços e dores, porém com a certeza de que não estamos sozinhas, somos muitas. **“Tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes”** (Provérbio Mexicano).

**MIL VEZES VENCEREMOS!**

Ilustração: CAROLINA TEIXEIRA (ITZÁ)



## NÓS, MULHERES, COLOCAMOS A INICIATIVA.

Nós definimos e intuímos o grau de provocação, nós escolhemos nossas palavras, nós elegemos os temas, nós elegemos o cenário e as horas segundo nosso calendário de amor e de luta.

E, enquanto nós mulheres fazemos isso, psiquiatras, juízes, doutores, funcionários, intermediários e tecnocratas recortam e manipulam e constroem uma realidade à sua medida, mas imprevisivelmente e para além de seus cálculos a iniciativa permanece ao nosso lado e em nosso território.

A iniciativa é um dos nossos poucos tesouros, nos exige horizontes e sonhos próprios e não emprestados, nos exige acrobacias e flexibilidades inimagináveis para dançar cada dia uma coreografia nova, distinta, imprevista e indigesta. ■

(Trecho de La Virgen de Los Deseos, Mujeres Creando - Pg. 21)

# SEMELHANDO ENCONTROS, FLORESCENDO REBELDIAS ATÉ QUE NOSSAS (R)EXISTÊNCIAS TRANSBORDEM A REVOLUÇÃO

Por Alessandra Tavares e Dani Regina

**H**á quem diga que viajar é pra descansar, pra conhecer lugares, que é sinônimo de férias etc., mas arriscamos dizer que viajar é um privilégio, se tratando ainda de viagens internacionais é um privilégio bem grande. O turismo definitivamente não foi feito para pobres circularem pelo mundo e isto é proposital. Ao nos depararmos em terras estrangeiras com as mesmas contradições que vivemos aqui, mas em novas formas, percebemos aquilo que parece “pequeno” como grande, e percebemos nossa condição de povo mundo e, diante disso, nos tornamos maiores.

Desafiar essa programação foi o que nos motivou a circular por dois países da América Latina: México e Colômbia. Mais do que isso, nosso caminhar foi cruzar pessoas com quem pudéssemos compartilhar nossos sonhos e nossas ações. Passamos no México pelo II Encontro Internacional Feminista (Cidade do México), no Festival Comparte por la Humanidad (San Cristobal de Las Casas e Caravol Oventik) e na Colômbia na II Bienal Iberoamericana de Infâncias y Juventudes (Manizales). Com certeza voltamos maiores, mais fortes e rebeldes.

Queríamos mais do que tudo encontrar outras guerreiras, partilhar alegrias e dores, compartilhar nossas palavras e escutar as aulas.

**“A MULHER DO TERCEIRO MUNDO SE REVOLTA: NÓS ANULAMOS, NÓS APAGAMOS SUAS IMPRESSÕES DE HOMEM BRANCO. QUANDO VOCÊ VIER BATER EM NOSSAS PORTAS E CARIMBAR NOSSAS FACES COM ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, QUANDO VOCÊ CHEGAR COM SEUS FERRETES E MARCAR PROPRIEDADE PRIVADA EM NOSSAS NÁDEGAS, NÓS VOMITAREMOS DE VOLTA NA SUA BOCA A CULPA, A AUTORECUSA E O ÓDIO RACIAL QUE VOCÊ NOS FEZ ENGOLIR À FORÇA. NÃO SEREMOS MAIS SUPORTE PARA SEUS MEDOS PROJETADOS. ESTAMOS CANSADAS DO PAPEL DE CORDEIROS SACRIFICIAIS E BODES EXPIATÓRIOS.”**

Gloria Anzaldúa em *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo, 1981\**

**“NÓS DIZEMOS: TUDO PARA A VIDA, NADA PARA A MORTE, O TERRITÓRIO NÃO SE VENDE, SE AMA, SE CUIDA, SE DEFENDE.”**

Pronunciamento da mobilização de mulheres afrodescendentes pelo cuidado da vida e dos territórios ancestrais – Colômbia 2014\*



Nossas energias estavam depositadas em conhecer as pessoas, suas histórias e a luta das mulheres em seus territórios, entender nossas semelhanças e diferenças. Nos Perceber como latino-americanas e sentir em nosso corpo o que isso significa. Obviamente também estávamos animadas em conhecer o território estrangeiro, se encantar com novas geografias e calendários (que nem diriam xs compas zapatistas). Mas fugimos um pouco dos cartões postais e percorremos caminhos que camaradas estavam dispostxs a nos mostrar, e foi mágico...

A pretensão desse texto não é descrever a viagem, não seria justo, já que há uma multiplicidade de vivências, cada qual com sua singularidade e também a ideia não é um guia para mochileiras México-Colômbia. Aliás, quem são xs mochileirxs? Que cor de pele elxs têm? Qual é a realidade em que estão inseridxs? Quais nacionalidades? Quais mulheres podem viajar sozinhas (por exemplo, uma mãe solo)? Questões pra gente pensar e desafiar e, simultaneamente, fazer do mundo um lugar possível e crer que ele também é nosso. Porque sabemos que a barreira do racismo e sexism não espalha gratidão pelas estradas. De todo modo, a ideia aqui é expressar nossas sensações e o que politicamente significou para a nossa coletiva.

Fomos em coletivo para esses dois países, a viagem mais cheia foi Colômbia, conseguimos ir num bonde de 10 guerreiras. Falar portunhol era nosso lema, afinal nenhuma de nós falava espanhol fluente, a fronteira linguística não foi barreira para se comunicar. Nem tudo foi flores, mas florescemos a cada passo dado. Fortalecemo-nos em cada olhar e nos descobrimos diante de cada desafio. Nossas revistas se espalharam, as palavras se teceram, círculo de mulheres foram viciados (às vezes com 3 línguas diferentes com tradução simultânea) e o que ficou em cada uma de nós ainda germina em nossos corpos para nascer em terra fértil que habitamos, nas quebradas do mundão.

Encontrar mulheres de outras nacionalidades aqui na América Latina foi uma maneira de resgatar a nossa latinidade e perceber o que dela habita em nós. Percebemos o quanto o nosso país se nega como cultura la-

tina, como nos sentimos em nosso país tão distantes de *nuestrxs hermanas y hermanos* e como todas essas barreiras se tornam porosas quando atravessamos a fronteira. Uma grande mudança foi a percepção de que nós somos latinas, não pelos mapas ou pela geografia, somos profundamente latinas, essa dor e essa alegria também é nossa e a luta de nós mulheres latinas do terceiro mundo é uma arma potente contra o capitalismo. O enfrentamento das mulheres que conhecemos muito se assemelha com *nosostros*. A luta pelo território, seja dos nossos corpos ou pela terra em que vivemos, é crucial para entender o que alimenta nossa alma, o que nos faz sangrar.

Nestas duas viagens conhecemos dezenas de pessoas, algumas ficaram mais próximas outras passaram pelos nossos caminhos. Cada história que ouvimos nestes encontros fortaleceu nossas concepções de luta. Muitas vezes, desanimamos e pensamos que o nosso fazer é pouco diante da barbárie que estamos vivendo ou que precisaríamos ser grandes e fazer uma frente maior. Não é a extensão das nossas ações ou da nossa luta que mostra força e, sim, a partir do que fazemos, resgatando nossa sociabilidade e nosso jeito de fazer. Investir no pequeno, mesmo que quase invisível, com inteireza, com troca, com força e rebeldia. Porque aprendemos que o milho não nasce inteiro, ele é feito de pequenos grãos e devagar e sempre como os caracóis é que caminha nossa luta. Voltamos mais fortes, firmes e certa que é na nossa quebrada e no caminho que trilham nossos pés que se dá nossa luta. E cada companheira desse caminho é fundamental.



**6.** A queridona Monse Emiliana levando o Punga Crew para um rolê graffiti em San Miguel Topilejo, quebrada do DF . **7.** Expedição México 1 em San Cristovan de Las Casas, Chiapas. **8.** Bonde da Colômbia com a amiga Johana Forero em Manizales. **9.** Expedição México 2 com a hermana Larissa Fuentes. **10.** Show do Nação Zumbi com nossa vizinha de Medellín Maria Helena. **11.** Bonde da Colômbia na cabana mágica do nosso querido conterrâneo Renato Bob nos Andes de Medellin.





**11.** Bonde da Colômbia pronto pra sobrevoar Manizales no Aerocable. **12.** A galeria dos coletivos que dividiram suas experiências com gente na mesa da II Bienal de Infâncias e Juventudes de Manizales.

11



Temos muitas semelhanças em nossas diferenças. Uma delas é o cuidado entre nós mulheres, o fortalecimento de nós por nós e a força para expandir esse cuidado com *nuestros pueblos*. Fomos muito cuidadas por todas as mães que nos receberam, os laços de compaheirismo que fizemos com nossas hermanas é energia que pulsa dentro de nós e que levamos para nossos territórios. Tecemos resistências. Nos tornamos irmãs de luta. Nos amamos rebeldemente. Diante da tríade perversa que nos assassina (o capitalismo, o machismo e o racismo) sabemos que seu fim, ou seja, a nossa vitória por outro mundo possível, está entrelaçado a todas nós guerreiras. Não estamos sozinhas, nos sentimos unidas, fortalecidas e cientes de que a revolução certamente será feminista.

O que ouvimos lá é o que sentimos aqui. Em outro

idioma ouvimos nossas próprias vozes e suas histórias de dor, mutilação, abandono, repressão e violência, mas também, de transgressão, rebeldia, independência, força e luta. Muda o contexto não o sentido. E nestes encontros percebemos a colonização das nossas terras, corpos e mentes e, também a resistência para apropriar-se de tudo que é nosso. Nestes encontros na Colômbia e no México o desenvolvimento se mostra em carne viva. A mesma carne ferida que levamos com nossos corpos, encontram nestas estradas apoio para continuar. Diante dessas mulheres, povos e comunidades nenhum outro caminho é possível e isso aqueceu nosso coração. Nada pode ser negociável, afinal, desde 1492 os nossos corpos sangram e nada menos que a revolução dos corpos, terras e mentes honrará nossas ancestrais.

### AQUI ESTAMOS DE PÉ E VIVA A AMÉRICA LATINA!

\* os textos podem ser acessados nestes links:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>

<https://afrocolombian.org/2014/12/04/pronunciamiento-04-de-la-movilizacion-de-mujeres-afrodescendientes-por-el-cuidado-de-la-vida-y-los-territorios-ancestrales/>

# DEPOIMENTOS



*Nuestro norte es el Sur.*  
Torres García

ALESSANDRA TAVARES

**A** primeira vez que coloquei meus pés em território estrangeiro foi em 2009. Havia terminado a graduação e queria provar tudo aquilo que ouvia nos corredores. Fui rumo à Bolívia. Essa viagem foi mais do que posso descrever aqui. Ela rompeu ou, pelo menos, fraturou uma crença profundamente arraigada na alma das pessoas da minha classe, gênero e cor. Para nós, o mundo não nos pertence. É sempre algo distante e impossível que faz crescer todo tipo de angústia imaginável. Não somos socializadas a acreditar que podemos ganhar a estrada, aliás somos socializadas para ter medo disso. O nosso pouco dinheiro é para deixar nas prateleiras das milhares de lojas, supermercados e produtos que nos prometem saciar o vazio que criam em nós. Foi nesse primeiro passo que me vi. Senti, vi e toquei as mesmas dores que havia no meu corpo: racismo, colonização, epistemicídio, desumanização e classismo. Também vivenciei a resistência, força, beleza e gana que criaram no meu peito a profunda certeza que somos latinos. Que as forças que nos uniu criou nossa resistência quase mítica. De lá pra cá, consegui vivenciar histórias de luta que me inspiram muito na Argentina, Uruguai, Peru, Colômbia e México que só fizeram com que este sentimento crescesse. Viva a América Latina! Viva todas as mulheres que decidem acreditar que é possível! ■

VIAJAGUERRERA



## CARLINHA ARAIlda AGUIAR

### VIAGEM PARA MÉXICO

**E**m julho de 2016 fui convidada pela coletiva Fala Guerreira, da qual faço parte, a viajar para o México e participar do Festival CompArte pela Humanidad e colaborar na atividade que propomos, uma ciranda com mulheres. Este festival é organizado pelos zapatistas, na cidade de Chiapas, há 8 horas de ônibus da Cidade do México, capital do país.

### TIRANDO O BENDITO PASSAPORTE //

Aqui no Brasil fiz os corres para tirar o passaporte e logo percebi que para tirar o bendito tem toda uma “burrocacia” e temos que ter muita paciência. Depois de agendar a entrevista na Polícia Federal, cheguei e percebi alguns olhares de muitas pessoas que ali estavam, pessoas de pele lisa e rosada. Eu ali para tirar o passaporte... Quem era eu? uma mulher nordestina considerada fora dos padrões da sociedade. Mas encarei tudo isso e logo foi chamada por um grande painel luminoso. Chegando à mesa fui recebida com desprezo por uma funcionária de mau humor, que logo perguntou se eu havia votado nas eleições e queria os comprovantes, se eu não tivesse ela disse que não poderia fazer nada e eu teria que agendar novamente passando pelo mesmo processo anterior... Mas eu fui esperta e tinha os comprovantes para decepção da funcionária! (risos)

Depois de alguns dias, voltei e peguei o passaporte. Minha alegria ao tê-lo em minhas mãos era imensa....

### DESTINO – MÉXICO!

Ainda no Brasil a ansiedade era grande demais, “Como assim, vou para o México?!”, era a pergunta que pulsava em minha mente. Eis que então chegou o grande dia! Me organizei para ir ao aeroporto e lá fomos nós.

Fiquei muito ansiosa no aeroporto da Cidade do México, a galera da polícia muito brava e assustadora de início, pedindo o papel da imigração e querendo saber logo o quê iríamos fazer em seu país. Falamos que a gente era turistas e que ficaria por 15 dias somente. Aqueles cachorros cheirando nossa bagagem, foi uma revista muito detalhada e minuciosa. Na sequência, fomos logo fazer o câmbio do nosso dinheiro individual e da grana coletiva arrecadada pelas festas em nossa coletiva.

### EXPERIÊNCIA RITUALÍSTICA DO TEMAZCAL

Ainda em Chiapas, a nossa amiga Larissa nos convidou para participar de um ritual religioso e medicinal, o Temazcal. O que é o Temazcal? É uma cerimônia muito antiga usada por vários povos e com muita força na tradição indígena.

Não sabia de nada que iria acontecer, ela só pediu para irmos com roupas confortáveis. Chegando lá, era um lugar lindo, com uma casa e um terreno bem grande, com muitas árvores e flores, ela nos apresentou a uma mulher muito bonita com um semblante que mostrava uma calma e uma luz radiante. Logo começaram a chegar mais pessoas que traziam um ar de paz que fiquei muito à vontade. Fiquei observando tudo ao meu redor, tinha uma espécie de tenda, mas não era exatamente... Era redonda como se fosse um útero, foram colocados por cima da tenda alguns cobertores, de forma que ficava bem fechado e protegido, dentro dela a gente entra engatinhando para exercitar a humildade.

Como uma oca indígena daqui no Brasil, por baixo era uma estrutura de madeira transpassada, por cima tinham vários tecidos, tipo esses que são doados para pessoas em situação de rua. Estava quente, mas com uma brisa bem gostosa. Tinha, dentro do “útero”, um buraco no chão não muito grande. Antes de conhecer todos esses detalhes por dentro, essa mulher muito bonita, nos convidou para fazermos um círculo ao redor de uma fogueira. Nessa fogueira, havia algumas pedras de formato redondos, são pedras de origem vulcânica e havia uma outra mulher que ficava o tempo todo cuidando de aquecer as pedras, deixando-as em brasa por 2 ou 3 horas para serem usadas no ritual.

Voltando a moça bonita, percebendo que nós éramos brasileiras e não falávamos muito bem o espanhol, nos perguntou se a gente entendia bem o que ela falava. Sim, nós entendíamos tudo! Ela foi bem cuidadosa com a gente, começou a falar da importância daquele ritual. Terra, água, fogo e ar. São os quatro elementos que conduzem o que somos e o que seremos. Tinham muitas frutas, bolo, me fez lembrar da religião budista.

Havia uma preparação de um ritual para entrar naquele “útero”, estávamos em círculo e quando fôssemos entrar tinha que ser pelo lado direito. A mulher bonita me olhou por várias vezes e eu disfarcei para não ficar sem graça, disse que quando estivéssemos lá dentro era pra respirar bem fundo se ficasse com medo. Guardei aquelas palavras, pois tenho muito medo de escuro, então fomos entrando conforme as orientações. Como o “útero” era redondo ela foi nos acomodando para que ficássemos à vontade, tinha mais ou menos umas 15 a 20 pessoas. No ritual, explicou que tinham 4 portas e se alguém não conseguisse ir até o fim tinha os intervalos das portas, momento em que as pessoas poderiam sair. Todos entraram, ela fechou o portão e não conseguímos ver nada, era muito escuro e eu entrei em pânico. Segurei a mão da Larissa porque ela, percebendo meu desespero, me deu a sua mão para que eu segurasse e

eu me senti mais segura. Lembrei do que a mulher bonita havia falado “para respirar bem fundo”. A moça que estava cuidando das pedras na fogueira entrou e foi colocado uma, duas ou três pedras, foi falando da importância delas e conforme ia pondo as pedras dentro do buraco foi dizendo “la bolita, la bolita, la bolita” e fechou a porta. Durante o ritual, a moça bonita tocava um instrumento parecido com um pandeiro e muitas plantas com arruda e outras folhas.

Passamos pela primeira porta, a mulher bonita perguntou se estava tudo bem. Depois de uns 20 ou 30 minutos, quem quisesse sair poderia, mas resistimos e ficamos todos ali. Na segunda porta eu estava me segurando e respirando bem fundo, não conseguia ver nada e meu ouvido ficou bem alerta para tudo lá dentro. Passamos pela segunda porta, continuamos lá, suando muito, porque a cada porta que se abria entrava “la bolita, la bolita”, eram as pedras quentes. Na terceira porta duas amigas saíram, eu resisti e fiquei com as outras, mas como o meu ouvido estava bem alerta pude ouvir pessoas chorando e outras bem emocionadas, acho que era lembrando de algo marcante em suas vidas.

Chegou a última porta, já estávamos desesperadas, estava muito quente. Conseguí chegar ao final e na hora de sair, as pessoas foram saindo, uma a uma. Ela, a mulher bonita, foi nos receber na porta de saída da tenda, parecia um parto e era... A maioria das pessoas ao sair estavam quase nuas porque era muito quente lá dentro. Foi lindo me sentir nascendo de

novo! Minha respiração melhorou, senti a mesma calma de quando a mulher bonita nos recebeu na chegada. Quando todas as pessoas saíram da tenda, ela pediu para tomar um banho com água que estava em uma bacia grande com bastante flores e um cheiro agradável. Ela falava palavras bonitas e carinhosas para todos que estavam lá, mas ela se preocupou com uma moça que chorava muito, ela acariciou e colocou no colo para acalmar.

Ficar no calor e na escuridão ali dentro aproxima mente e coração. O calor purifica o corpo, trabalha a mente e controla a ansiedade, é preciso ter autocontrole dos pensamentos da mente. É um momento de superação porque você tem que ter controle sobre você, e você acaba se superando.

#### **DE VOLTA PRA MINHA TERRA**

Saímos de lá com uma sensação de bem estar que não dá para explicar com palavras. Fiquei com essa sensação até chegar de volta a São Paulo. Chegando aqui fiquei duas semanas só sentindo tudo aquilo que eu não conseguia explicar... Só agora, depois de sete meses, é que me expressei escrevendo.

Fiquei pensando em toda as experiências de viver todos aqueles momentos, de conhecer outras culturas, pessoas tão especiais, no Festival em Chiapas com tantas mulheres de culturas diferentes e saberes múltiplos e na Capital do México visitado os Museus... foi lindo. ■



**BIA OLIVEIRA**

**E**verão aqui no México, o sol começa a raiar cedo sobre as nossas cabeças. Essa noite eu mal dormi, um dia inteiro se passou e já é quase noite novamente, o cansaço alerta o meu corpo que algumas horas de sono cairiam muito bem, mas há dentro de mim alguma coisa queimando, quase como uma chama incessante que mantém aceso não só os meus olhos, mas o universo de quinquilharias que carrego.

Essa viagem talvez seja uma das mais especiais da minha vida. Eu sonhei estar aqui. Quando alguma coisa tem gosto de sonho realizado me parece que ela ocupa um lugar diferente dentro da gente. Por muito tempo eu auto sabotei os meus sonhos, principalmente esses que são carregados de uma certa impossibilidade concreta de realização. Nesse sentido, essa viagem também tem um gosto de retorno aos sonhos e de todas as inqui-

tações que isso é capaz de despertar.

Tenho muito viva a lembrança da primeira vez que escutei falar sobre o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), foi na escola, na oitava série, durante uma aula de História. Achei a história de resistência dos povos indígenas mexicanos tão fascinante. Lembro do meu professor, como bom comunista que era, enfatizar várias vezes que somente nós, o povo, poderíamos decidir o rumo de nossa própria história. O levante zapatista de 1994 tinha um significado importante para o meu professor, e passou a ter para mim, não sei exatamente quando... talvez depois de ter lido e conseguido entender com mais propriedade o curso das coisas. Não cabem nessas linhas relatar o que foi ser aluna daquele homem dotado de esperança na luta por uma forma de sociedade sem qualquer tipo de opressão, foi, sem dúvida alguma, um divisor de águas para a minha vida. Falei tudo isso porque me parece tão injusto relatar mais adiante a minha experiência num território zapatista sem dizer quando de fato as coisas começaram...

Logo que coloquei os meus pés no caracol Oventic um arrepi generalizado tomou conta do meu corpo. Estar aqui faz parte do emaranhado que tentei esboçar um pouco nas linhas anteriores.

A colonização, o imperialismo, a opressão de gênero, de raça, de etnia, tudo isso marca nossa vida enquanto frutos da nossa terra Latino América, respirar o mesmo ar que um povo que tomou para si os rumos da própria vida é sem dúvida oxigenar os pulmões com ares revolucionários.

O movimento zapatista é dotado de

contradições, assim como todos os movimentos que se colocam na contramão dessa realidade que se coloca como insuperável. Reconstruir a vida com autonomia, com a alegre rebeldia, com a responsabilidade de fazer germinar as sementes de um mundo onde caibam muitos mundos, não é uma tarefa fácil, e também não deve ser somente das/dos zapatistas, essa também é uma tarefa nossa. Os mapas, com toda a sua geografia, não devem servir para nos separar, mas para orientar os nossos encontros.

O meu corpo se rende ao cansaço e, daqui, do outro lado do hemisfério, eu apago as velas que estavam iluminado o meu caderno, só que antes de fechar os olhos imagino uma outra mulher que também tenha levantado da sua cama para escrever algum relato cotidiano porque a chama incessante não há deixou dormir. Talvez esse seja também um encontro. ■

**São Cristobal de las Casas,  
30 de Julho de 2016**



**DANIELLE  
BRAGA**

## DANIELLE BRAGA

**I**mpressions de viajar para descobrir em mim um ser novo e com possibilidades.

Essa foi minha primeira viagem, daí já sabemos como os viajantes de primeira viagem se comportam. Em particular, fiquei boba com tudo, feliz com tudo e preocupada com tudo, saudades da minha filhona que ficou em terras brasileiras com a minha família. Tentei não levar as tetras para lá e, com alguns puxões de orelha, tentei me concentrar e me conectar com as energias que estava recebendo. Viajar me fez adquirir um outro tempo, um outro ritmo, entender que é muito importante me conectar com pessoas completamente diferentes de mim - e como aprendi com tudo isso! De imediato, eu me boicotei porque somos educadas a priorizar tudo, menos a nós mesmas, e com a ajudinha das minhas Deusas e amigas da Fala Guerreira não foi possível eu me boicotar dessa vez! Mas foi quase. Dei uma parcelada monstrona no cartão do pai da "Xerim" <3 e segui rumo à Colômbia. Foi emocionante contar para minha família que agora tinham uma filha com "status internacional", meu pai ficou com um sorriso enorme, minha irmã chorou, meu irmão vibrou de alegria.

Foi um passo que dei contrariando o que eu acreditei que aconteceria comigo, uma garota de 26 anos, periférica, mãe solo, com histórias que preferi deixar onde as cabe (no passado) e dar espaço para encher minha nova mala da vida com lembranças que me tornam mais forte.

Tentei conhecer e me permitir ser atravessada por tudo que a Colômbia trouxe. Foi rico, foi explosão, foi revigorante, foi histórico! ■



**DANI REGINA**

**T**ive a sorte de atravessar a fronteira para Uruguai (em 2013 - me presenteei de formatura de graduação), México e Colômbia (2016). Todos esses lugares despertaram boas vibrações em meu coração, em muitos sentidos. Mas a viagem que mais me marcou foi à ida ao México. Era um sonho de luta encontrar xs zapatistas. Era algo que pra mim era inimaginável de alcançar. Quando pisei no caracol Oventik, o sol brilhou no meu coração, até tirei os sapatos pra sentir nos meus pés aquela vibração da terra. Parece besteira, mas acredito no toque da pele, na troca de olhares, no encontro de vidas mesmo que silenciosamente. E minha vida estava ali acontecendo em território zapatista. Foi uma sensação que não consigo descrever. Senti e guardo na pele, na memória. Outra experiência mexicana foi participar do Temazcal, ritual de origem asteca e maia. Naquele momento minha alma entendeu alguma coisa. Essa viagem me fez reconectar com a magia da vida, com a rebeldia dos povos originários, com um cotidiano in-

ventivo e encantador. Viajar pela América Latina me fez perceber que parte do Brasil que vivo, desencantou, assassinou nossa ancestralidade indígena, fez com que a dimensão astral com a vida sumisse, virasse mentira, colonizou nossas verdades. Aqui, em terras babilônicas paulistas, parece que o capitalismo dimensionou as nossas vidas em um cotidiano enfeitiçado pela ciência-razão, dilacerou nossa afrolatinidade colonizando o império da racionalidade europeia (com pouca emoção). Que a sabedoria dos nossos mitos fortaleça nossas resistências! Que desapareçam os muros que nos separam, porque "um muro é apenas um muro e nada além disso. Ele pode ser posto abaixo" (viva a Assata Shakur!). ■



**DAYSE OLIVEIRA**

**U**m dia me perguntaram porque eu nunca tinha viajado para fora do Brasil, se eu não tinha curiosidade de conhecer outros países. Eu lembro que fiquei abraçada nessa questão por dias, achando estranho que eu nunca tivesse pensado em viajar como uma possibilidade. Hoje eu sei que não há coincidência nisso, há uma negação a nós, mulheres pobres e periféricas, de que o mundo também é nosso.

Pensei os dias e pensei os destinos. Peru foi o primeiro deles. Depois escolhi a Argentina, o Chile, a Bolívia e agora o México. Eu não falo espanhol – hoje já arranco um pouco mais. Passei a fronteira do idioma, do medo de não conseguir me comunicar, do pânico de ser mulher num território completamente desconhecido. E ganhei expansão dos horizontes e das ideias, do repertório e das companhias. Se antes viajar era uma impossibilidade, hoje ela é a próxima porta frente a mim. Foi na estrada que eu ganhei autonomia, que ganhei autoconhecimento e que acessei outras maneiras de sonhar. Viajar foi revolução pra mim. Hoje, dividido as janelas e ventos com as companheiras de luta e existência, traçamos novas linhas pelo mundo. E estendemos o chão para outras descobrirem novos territórios também. ■



**GABRIELA MIRANDA**

**N**ão foi uma decisão simples, mas foi a decisão mais cheia de certeza e dona de mim que eu já tomei em toda minha vida. Foi minha decisão mais consciente, mais sã, mais necessária e mais louca: Eu tinha certeza que iria pra Colômbia. Eu iria fazer minha primeira viagem sozinha (!!!) para outro país, motivada pela causa que eu escolhi pra minha vida (o feminismo preto e periférico) com as minhas irmãs de luta. Isso tudo me enchia o peito de uma forma que transborda até hoje só de pensar que eu, de fato, consegui.

Eu fiquei com medo de não conseguir pagar as passagens, eu fiquei com medo de me perder, eu fiquei com medo de não conseguir me comunicar por causa da língua. Eu fiquei com tanto medo. Mas, principalmente, eu fiquei com medo de me sabotar! E deixar de ir porque de alguma forma, sistêmica e indiretamente, me foi dito que aquele lugar – acadêmico, de acesso a viagens internacionais e de alta representatividade – eu não poderia alcançar. Ainda mais, tão “cedo”. Por todo esse valor simbólico, afetivo e de resistência é que essa viagem diz tanto e tudo sobre mim.

Eu levei comigo minha mãe, minha avó, minha irmã. Eu as levei porque nós estávamos lá fora, resistindo e existindo. Pra contar a nossa história, da nossa perspectiva. Pela nossa voz, pela nossa ação, pela nossa mobilização. Tive a felicidade, imensurável, de contar com minhas parceiras do Fala Guerreira, meus amigos, outras minas, coletivos, um mundaréu de gente que fez isso ser tão real. Mesmo com os medos, mesmo com as dúvidas. Porque estar ali, em outro país, conhecendo outra sociedade, ultrapassando e sendo ultrapassada, era, concretamente: alegria e rebeldia! ■

**GABRIELA MIRANDA**



**JENYFFER NASCIMENTO**

**E**u sempre pensava em conhecer outras cidades do Brasil, confesso que tinha um certo preconceito de fazer viagens internacionais sem antes conhecer muitos lugares do próprio país. Mas o Brasil é tão grande né? E aí a vida me mostrou que eu não precisava ser tão rígida e que uma coisa não necessariamente excluía a outra. Foi assim que, em 2014, comecei as minhas andanças pela América Latina, desde então conheci a Argentina, o Uruguai e o México e quase fui a Colômbia ano passado, mas acabei não indo por não ter com quem deixar meu filho.

Sobre conhecer esses lugares, fico aqui com a sensação de ter que traduzir algo por vezes intraduzível... Sabe aquela sensação de beijar na boca alguém que tem a mesma pegada que a sua? A gente não sabe explicar isso direito, mas dá pra compartilhar o que sentiu. Foi assim que me senti no Uruguai plenamente apaixonada pela brisa fresca do Rio del Plata, especialmente caminhando pelo Bairro Sur, um bairro negro de muita força e resistência cultural.

Na Argentina, desfrutei dos vinhos baratos e da festiva noite. Entre vai e vens perdi meu cartão e fiquei sem dinheiro nenhum e uma moça brasileira que conheci lá emprestou uma quantidade pra poder passar o resto dos dias. No final, passei perrengue com o dinheiro, só dava pra comprar “pancho” (cachorro quente), no almoço e na janta, e o cigarro ir enganando a fome. Não fui à museus, fiquei por alguns dias só lendo e observando o vai e vem das pessoas. Achava muito estranho não encontrar pessoas negras pelas ruas, principalmente nos bairros “centrais” e tive aquela sensação dolorosa de “não pertencimento”.

No México, eu me senti como se estivesse dentro de um filme que eu nunca havia pensado em atuar, eu sentia uma certa magia, sabe aquilo que a gente vai vivendo e mal acredita que é real? Era essa



**RITA  
CARNEIRO**

a minha sensação! E no México, eu tive a certeza que a colonização espanhola foi tão devastadora quanto a nossa e pela primeira vez me senti verdadeiramente conectada a um sentimento de pertencimento à América Latina!

Também tem esse lance de ter que se virar pra falar outro idioma, no começo é muito estranho e ao mesmo tempo incrível. Acho que o mais divertido foi que eu perdi o medo de errar, afinal ninguém me conhecia e eu me dei a oportunidade de experimentar! E aprendi muito sobre “hablar con otras personas” (risos).

No final das contas, o que me motiva mesmo é saber que vou conhecer as pessoas do lugar, muito mais do que paisagens e fotografias. Gosto mesmo de registrar os cheiros e os jeitos das pessoas, em especial o caminhar e o viver das mulheres. As pessoas são sempre um presente, onde quer que elas estejam, e é por isso que quero continuar andando e explorando astutamente mais e mais territórios, dentro e fora de mim. ■

**V**iagei pela primeira vez para Argentina junto com o movimento cultural de literatura para participar da Feira de Livros de Buenos Aires - Saraus - abril/maio 2014, foi grande, importante, de muita energia boa, prazerosa. Mas não me tocou tanto como a viagem para o México, não sei como explicar este sentimento que vieram de dentro de mim, fazendo com que cada momento vivenciado me trouxesse um constante taquicardia. As emoções foram tantas que achei que o velho coração não pudesse aguentar. A ciranda me fez viver uma experiência inesquecível. Estar com aquelas mulheres de vários países e poder compartilhar, mesmo que por pouco tempo, uma vivência corporal, poder tocá-las, abraçá-las, sentir os diferentes cheiros, guardados em mim. Poder ouvi-las e concluir que não importa a distância, o idioma, a cor da pele ou etnia, passamos pelas mesmas situações de machismo, de violência, tornando a nossa luta árdua. Fiquei pensando, poxa vida, imaginem se conseguíssemos nos juntar. Enfim, quando participei do Temazcal foi uma viagem por dentro de mim tão grande que me trouxe um turbilhão de sentimentos e emoções. Lembranças da minha mãe muito grande que comecei a chorar muito e as minhas lágrimas misturavam-se com o meu suor - que não era pouco. Me senti como se tivesse acabado de nascer. No caracol Oventic, as emoções não foram diferentes, não tenho palavras para descrever, jamais pensei que poderia estar ali vivenciando tudo aquilo com os zapatistas. No passeio que fizemos em Teotihuacán, foi mais um dos momentos mais emocionantes de minha vida, quando subimos à pirâmide do sol, não imaginei nem que conseguiria subir e depois, quando con-

**RITA CARNEIRO**

segui chegar lá em cima, depois de subir 260 degraus, estar lá em cima, foi uma emoção muito grande, senti saudades da minha família, desejei que estivessem vivenciando tudo isso comigo. É, não devemos deixar de acreditar que tudo é possível, não devemos deixar de lutar!!! ■



**SILVANA  
MARTINS**

**A**primeira vez que cai no mundo, me lembro tanto, foi em 2003, eu tinha 25 anos e um sonho de viver em outro país, essa vontade que pensei tantas vezes ser impossível. Acreditei e tomei coragem. Tinha terminado a faculdade de Propaganda e Marketing, já trabalhava há uns dois anos como editora de arte (entrei como estagiária e o baguio ficou grande em mim). Queria mais,

manjei que podia, pedi as contas, juntei a rescisão, o fundo de garantia, paguei 6 meses de uma escola de inglês que me dava um visto de estudante e me mandei pra Londres na intenção de viver um ano lá, aprender o tal inglês e estudar artes, rs. Resumindo assim parece que foi bem fácil né, só que não foi não. Meu inglês tadinho, tinha o repertório do verbo *to be* que aprendi da quinta série ao colegial, mais alguma coisa das músicas que eu gostava.

Foi um puta choque pra mim, acho que fiquei uns três meses pelo menos quase muda, poucas palavras rsrs, timidez até o talo do talo. Fui aprendendo na escola, nos bicos que fui fazendo de garçonete em eventos, no ter que sobreviver na cidade, até conseguir ter alguma fluência pra me virar melhor.

Eu ligava pra minha mãe e ela, tão fofo, com o coração mais apertado do mundo, me confortava, me dava dicas, nunca me esqueço que um dia ela me disse: “Fia, vai conversar com os velhinhos, eles sempre procuram alguém pra conversar, ai você se solta com eles!”, rsrs e assim eu fiz, tinha uma senhora que sempre me cumprimentava e morava no andar de baixo. Fiz um biscoitinho falei “Olá”, e ela, Chérie, me ajudou tanto.

Eu fui com dinheiro pra viver um mês, bem contadinho, lembro que a libra era 5 reais, afff. Na última semana desse mês consegui um trampo. Dava pra pagar o quarto e a comida, só era bem puxado, saia da escola às 12h, entrava lá às 13h e só saia às 23h. Meu visto de estudante permitia 6 horas de trabalho por dia, eu trabalhava 11 pelo mesmo preço rs. Lembro de um dia que tava indo pra essa cafeteria e meu celular tocou, nossa que

pânico quando atendi e era alguém falando em inglês, quando eu entendi a palavra *job*, já soltei uma frase decorada: *I need a job, I can't understand you, but I can learn quickly, text me the address and I go now* - "eu preciso do emprego, não entendo muito bem, mas eu aprendo muito rápido, me manda uma mensagem com o endereço e eu vou agora até você". Era o *Hackney Community College* e eles precisavam de alguém pra limpar as mesas da cantina da escola. Faltei no outro trampo e fui pra lá, e já fiquei, por quase um ano. Me encontrei lá, semeei amizades, foi da hora.

Nessa época Hackney era uma quebrada de Londres, já me senti no Parque do Lago, nem era tão deficitário, nem era no final da M Boi Mirim, mas era um bairro com calor humano, sorrisos, cheio de africanos, caribenhos, indianos, turcos... Gente mais quente e muita solidariedade, inclusão e ações de identidade de povo que me despertou no final pra voltar pra casa e ser mais gente, mas útil, conhecer minhas raízes e, ainda não sabia, mas ser muito mais feliz. E foi apartir de lá que minha viagem engatou, entre perrengues mil, virei cozinheira, ajudei uma galera da hora a fazer uma revista em português e inglês chamada *JungleDrums*, estudei design gráfico e o plano de um ano virou três. Sempre que dava eu viajava mais, Marrocos, França, Itália, Polônia, e pra fechar lindamente, sentir o sol brilhar, calor e praia, passei os três últimos meses morando em Barcelona, na Espanha.

Essa experiência me amadureceu muito. Carrego pessoas queridas até hoje em lembranças e amizades que

não quero perder nunca. Minha biblioteca visual também viu o mundo e tá tudo aqui na minha cachola. De volta ao Brasil, fui compartilhar meus conhecimentos de designer gráfica com uma galera num projeto jornalístico perto da minha casa, o Becos e Vielas, conheci a Cooperifa e entendi que eu podia contribuir muito pra fortalecer a nossa identidade periférica. Em 2009 fui para o Peru, conhecer outro Lugar Sonho, Machu Picchu, e me senti pela primeira vez, olhando na bolinha das/os Hermanas/os, latinoamericana, e senti ódio dos invasores/colonizadores, e quis saber, sentir e viver mais o sentimento latino, nossas lutas, nossas dores, nosso elo perdido com os povos ancestrais dos nossos territórios.

Em 2013 fui pra Bolívia, La Paz, no Encontro Latino Americano de Culturas Comunitárias, o Cultura Viva, lá conheci e troquei com um monte de parsas que fazia a cultura reviver dentro de nós e das nossas quebradas latinoamericanas. 2016 entretanto foi o ano que esse sentimento explodiu em mim com as experiências de viagem coletiva com as minhas irmãs da Fala Guerreira, México e Colômbia ainda estão em processo dentro de mim de tão especiais, intensas de um povo lindo, saberes, sabores e exemplos de luta e o amor e cuidado das minhas companheiras de viagem. De tudo isso, tiro algumas certezas: Cada viagem é um tanto muito grande de evolução e que cada vez mais sou um elo da corrente, e a corrente não se rompe aqui. ■

## CAROLINA TEIXEIRA

**U**m passo à frente. Um passo à frente! E quando eu enxerguei a cordilheira dos Andes foi um estremecer no corpo, que de pequeno virou minúsculo. Senti medo, o coração acelerando e o corpo petrificado. Lembro do frio entrando em cada poro da pele e os tons de verde da mata e as flores virarem uma aquarela nos olhos. Era tudo tão grande.

Aí fui puxando o fio da memória... o rosto da minha avó e o forno a lenha, a minha casa e os móveis parados me esperando, do pessoal aqui da sul que me ensinou a ser contente sempre de cabeça erguida. Lembrei e olhei minhas hermanas, bonitas na sua inteireza de mulheres vivas, tão próximas, tão juntas. Devo ter segurado na mão da Dani (eu sempre faço isso) e vi que o que estávamos sentindo era maior que a cordilheira: era medo e era a mais profunda flor de coragem que brotou. Na real, sipá foi milagre.

Porque milagre deve de ser isso mesmo. E o milagre mais improvável era esse, estávamos mesmo lá, e o nosso corpo pequeno foi ficando grande, grande, maior que a maior

montanha. De um jeito que éramos mulheres periféricas caminhando depois da fronteira, e depois que assistimos a esse milagre o que se alargou nunca mais voltou pro mesmo lugar. Então fomos iniciadas com esse passamontanha imaginário.

Quem vê a gente andando na rua talvez pense que estamos em punga, a milhão indo trabalhar e cansadas finalizando essa edição da Fala Guerreira, acolá lavando louça e lidando com um coração despedaçado. Riscando a faca, em negaça, em riba! E é verdade...

Mas aqui dentro, construímos morada infinita de umbigo cósmico, onde o tempo gira irmanado com os movimentos dos povos insurgentes. É um ninho onde a água corre e a comida brota do chão, onde o passo de uma formiga se pode ouvir. Onde a delicadeza construiu teia de viver. Ali, onde tudo é colorido pra dar passagem. Pra deixar ser.

Quem olha, se não se demora em coragem e medo, não vê. Acha que a gente foi viajar. ■





## MARI BRITO

**C**omo autêntica pisciana que sou, desde criança aprendi a viajar para os mais impensáveis lugares, claro que tudo dentro da minha vasta imaginação. Ser de uma família pobre de 5 irmãos não me oferecia grandes possibilidades, então o jeito era me embalar dentro dos meus sonhos. Com o passar dos anos, já formada e com trabalho fixo, fui aprendendo que, talvez, fosse possível me aventurar a sair de dentro de minha caixinha e então fiz minha primeira viagem, aos 26 anos. Num breve desbravamento pelo Nordeste Brasileiro, uma sensação indescritível, já que seria a primeira vez que eu sairia da minha caixinha dos sonhos e voaria por este céu azul no gigantesco pássaro de metal. Aos 28 anos fiz minha segunda viagem, já com uma sensação diferente, pois desta vez fui em

busca de minhas raízes ancestrais, e com uma sensação de que eu, mulher preta e periférica, era capaz e merecedora de desbravar qualquer território.

No ano de 2016 surgiu a possibilidade de ir com as manas parceiras ao México. No primeiro momento achei que seria a melhor coisa do universo, logo fiquei me imaginando atravessando fronteira e falando outro idioma, que sonho! Mas por forças do destino não foi possível, eis que no mesmo ano surge a segunda oportunidade e desta vez eu tinha certeza que havia chegado a minha vez! Fiz muitos planos, muitos esforços, comprei passagem e desisti...

Na minha mente eu tinha um discurso pronto para responder as inúmeras pessoas que me perguntavam o porquê da desistência, o trabalho, a família... Mas no fundo o que gritava era um medo ensurdecedor e uma paralisante sensação de não ser merecedora. No meu inconsciente pairava uma insistente pergunta: Por que eu? Será que eu realmente mereço? E os meus irmãos e minha família? Por que não eles? Em meio a isso, vinham

como um filme as inúmeras frases racistas de uma vida inteira de desmerecimento e desvalorização das meninas pretas e periféricas, que desde muito cedo são ensinadas que seus lugares são as cozinhas e banheiros das patroas.

Me deparei diante da terceira oportunidade, desta vez seria uma viagem para a Colômbia, com quase todas as manas da Fala Guerreira. Mais uma vez me deparei diante de um grande sonho a ser realizado, desta vez tinha colocado como meta principal vencer a barreira da autossabotagem. Para vencer essa barreira que se formou dentro de mim, um longo e difícil percurso de reflexão teve que ser feito - e é claro que não foi possível sozinha. Finalmente consegui, estava eu lá, no dia 04 de novembro de 2016, embarcando para a Colômbia, me sentindo como um pássaro prestes a sair da gaiola. Novamente com todos os sonhos do mundo, me sentindo capaz e merecedora de tudo o que o universo pode me proporcionar. À propósito, a viagem foi maravilhosa e até hoje estou refletindo sobre o que foi isso para mim. Mas do que eu tenho certeza é que nunca mais serei a mesma. Não posso prometer que nunca mais vou me sabotar, mas a cada passo que eu der, será sempre a partir de lugares dentro de mim que nunca foram habitados nem pelos meus sonhos mais inusitados... ■

**M**inha primeira viagem pra fora de SP foi em 2016 com 23 anos para a Colômbia. Foi uma grande felicidade pensar a possibilidade de uma viagem internacional, porque sério nunca passou na minha cabeça que isso seria uma realidade, quando realmente estava tudo pronto e entrei no aeroporto pela primeira vez achei tudo grandioso, quando vi um avião de tão perto fiquei até assustada pelo tamanho (era enorme), minha vontade era ficar pulando quando uma criança vê um brinquedo toda feliz, foram muitos sentimentos antes de entrar no avião. Antes pensava que tinha muito medo de entrar em um avião, mas não tive, acho até que isso foi um mecanismo que eu criei dentro da minha cabeça por pensar que uma mulher da periferia não ia ter dinheiro para viajar de avião. Penso que nosso cotidiano é tão batalhado que parecia ser impossível sobrar dinheiro, mas enfim, fui! E foi muito especial e fico muito grata por ter essa experiência marcada na minha vida. ■



## PATRÍCIA TIROLA

# FEMINISMO NA AMÉRICA

## LATINA: REIVINDICANDO TERRITÓRIO

**POR MARIANA  
FIDELES E JULIANA  
MERCURI DO  
OBESRVATÓRI@  
DOS DIREITOS E  
CIDADANIA DA  
MULHER DO F&F  
ADVOGADAS**

[HTTP://OBSERVATORIAFFADVOGADAS.TUMBBR.COM/](http://OBSERVATORIAFFADVOGADAS.TUMBBR.COM/)

**C**omo todos os movimentos políticos, o feminismo nasce de uma necessidade. No caso, nasce das necessidades das mulheres e, portanto, sua teoria e prática se desenvolve a partir das necessidades das mulheres.

A narrativa histórica do feminismo na América Latina foi realizada por mulheres que queriam fazer um contraponto à história contada pelos homens. Ao fazer a pesquisa nos deparamos com uma questão: quem foram e são as mulheres que contam essa história? O que elas contam? A historiografia feminista latinoamericana nos deixa em uma situação ambígua: se por um lado nos interessa conhecer a história das lutas das mulheres no nosso continente, por outro, também estamos reféns de nos depararmos com a seleção de fatos e registros organizados por mulheres majoritariamente brancas e burguesas.

A história “oficial”, produzida pelos homens e brancos, contada através de publicações nas universidades, omitem propositalmente a participação de não brancos e mulheres. O esforço de apagar a história dos oprimidos é uma estratégia permanente de poder utilizado pelo patriarcado ocidental branco. O silêncio é

Graffiti: MÔNICA MIRIOS

sem dúvida uma das grandes violências da dominação masculina branca europeizada, que além de violentar os corpos com seu comportamento genocida, aniquila também qualquer modo de viver e ver o mundo que não seja o seu. É o que se chama epistemicídio, provocar a morte de outros conhecimentos e maneiras de conhecer o mundo.

Sabemos também que mulheres brancas e de classe alta são em todo o continente quem ocupa predominantemente os espaços acadêmicos de produção de conhecimento. Ao enfrentarem os homens para ocuparem o meio acadêmico com seus corpos e suas narrativas, produziram e ainda produzem teoria e análise política feminista da “Nossa América”. Geralmente escolhem dados e fatos para seus trabalhos que, mesmo realizado em contraposição daqueles produzidos pelos homens, refletem o ainda atual racismo e classismo presente no feminismo e na academia.

O que isso quer dizer? Que quando pesquisamos feminismo latino-americano nos deparamos quase sempre com numa narrativa comum e feitas por mulheres brancas, de classe alta e intelectuais com valores dos poderes dominantes. A partir de seu lugar na sociedade acabaram criando uma ideia de mulher que construiu um imaginário



de mulher latino americana que não corresponde às múltiplas realidades e experiências de ser mulher neste território. São os reflexos do que chamamos de feminismo hegemônico.

Sabemos que o feminismo hegemônico contribui para o avanço do reconhecimento pela igualdade dentro do ordenamento do sistema masculino dominante, mas isso não significou dignidade plena para as mulheres, menos ainda para mulheres que sofrem também opressão por sua raça e classe.

Presenciamos uma vez e outra vez mais a dinâmica de uma cadeia de silenciamentos: homens brancos que silenciam homens não brancos e mulheres. Mulheres silenciadas pelos homens. E mulheres brancas tomando as vozes de mulheres negras e indígenas e impondo-se como representantes de todas as mulheres.

Então, para falarmos da história do feminismo latino-americano não podemos falar também de um feminismo hegemônico, de uma narrativa só, que pretende ser oficial. Aqui contaremos rapidamente essa história porque ela também é parte do feminismo na América Latina, fazendo sempre a ressalva de que não contempla o bem viver de todas as mulheres do continente. Destacaremos vertentes do feminismo latino americano que estão ativos atualmente, mas que não podemos afirmar ainda quando começaram a entender-se como movimentos políticos. As origens desses movimentos são e serão contadas pelas suas ativistas e teóricas de acordo com suas necessidades. Historicamente as universidade e ins-

tituições não foram espaços ocupados por feministas latino-americanas indígenas, negras, lésbicas e transsexuais, reproduzindo uma história única. Formatar trajetórias políticas em publicações acadêmicas, políticas institucionais e ONGs - espaços de poder - parece ser o formato adotado pelo feminismo hegemônico para legitimar-se como um movimento aglutinador de *todas as mulheres*.

Em toda a América Latina, a luta por direitos civis e legais das mulheres durante as décadas de 1910 a 1940 foi pragmática: articularam-se respostas aos ataques antifeministas dos homens que se assustavam pelos seus ideais, tentaram e conseguiram a reforma dos códigos civis para superar a subordinação legal das mulheres ao pai ou ao esposo, obtiveram igualdade civil com os homens e fundaram partidos abertamente feministas. A maioria das analistas feministas da América Latina concorda que entre as décadas 1940 até 1970 foram "anos adormecidos" para o movimento feminista e o feminismo teórico latino-americano.

Nesse período da história regional as lutas sindicais nas quais as mulheres estavam envolvidas minhavam; o sufragismo já não tinha razão de ser, a moda massiva impôs padrões; a política voltou a bases mais conservadoras, e as mulheres dos setores populares sofriam com as repressões de seus movimentos. Apesar desta atuação contida durante esses anos, a literatura produzida por mulheres latino-americanas dessa época questionava a cultura e descrevia violências e opressões, enumerava injustiças, renegava o dever de ser feminino. Vítimas ou heroínas, as personagens de escritoras reinventaram narrativas ao apresentar interesse pelo cotidiano, as rebeliões ocultas, as solidariedades interclassistas e interraciais entre mulheres.

No fim da década de 1970, o feminismo na América Latina juntou mulheres ao redor de um projeto que se opunha ao autoritarismo na vida cotidiana e na vida política, revindicava uma identidade feminina. Também se multiplicaram os grupos de autoconsciência, as organizações de mulheres, as publicações libertárias e coletivas nos espaços autônomos e outras formas de resistência, além de explorar a liberação do corpo.

Durante três décadas, o feminismo latino-americano foi se diferenciando, fortalecendo seu poder de romper, fazendo emergir a voz de mulheres lésbicas e periféricas às políticas de identidade negra e indígena. Propuseram outro projeto para as mulheres: já não a emancipação pela lei, senão a liberação sexual, teórica, política, corporal de suas vidas. Mulheres de diversos lugares de fala no território se fizeram com a palavra para expressar posições claramente diferentes sobre a política das mulheres e para as mulheres, provenientes de diálogo entre si. Se essa diversidade não for respeitada, corremos o risco de reproduzir uma história única, a de um só feminismo Latino-Americano e também hegemônico, aniquilando outras territorialidades.

## E AGORA?

Acreditar na superação do modelo de sociedade vigente é uma escolha política de potencial revolucionário. Os feminismos latino-americanos que lutam contra o patriarcado, também lutam para contar a experiência de grupos de mulheres que foram silenciados pelo feminismo hegemônico. Essa revindicação *por falar de si desde de um lugar* pode ser interpretada também como uma revindicação pelo território. O território é o lugar onde vivemos, onde pensamos e criamos significados para nós mesmas e para o mundo do qual fazemos parte. É o lugar da nossa experiência, e por isso ao revindicar o lugar de onde pensamos e falamos de nós mesmas, também revindicamos o território. O corpo também é território. Os fe-

minismos que apresentaremos evidenciam territórios profundos, que se integram, sobrepõem, negam e superam o território único, que recebeu do colonizador o nome de América Latina.

## O FEMINISMO DESDE ABYA YALA

Abya Yala é o nome pelo qual os povos originários chamavam o território que conhecemos como América Latina. Umas de suas manifestações é o Feminismo Comunitário. Através do território abya yala existem diversas adaptações dessa prática e teo-



<http://www.iconoclastistas.net>  
Infográfico *La Trenza Insurrecta* produzido pelo coletivo Iconoclastistas, que apresenta fatos da história da resistência indígena e a participação das mulheres

ria feminista, modelada pelos valores dos diversos povos indígenas. Um de seus aspectos centrais é concepção de organização social onde a comunidade é formada metade por homens e metade por mulheres: “*A negação de uma das partes atenta também contra a existência da outra. Submeter a mulher a identidade do homem, ou vice e versa, é cercear a meta-de do potencial da comunidade, sociedade ou humanidade. Ao submeter a mulher, se submete a comunidade porque a mulher é a metade da comunidade e ao submeter uma parte da comunidade os homens se submetem a si mesmos, porque eles também são comunidade.*” (PAREDES, 2010). Propõem outro projeto de socialização a partir desse entendimento. Este feminismo rejeita a ideia de que antes da colonização não havia dominação dos homens sobre as mulheres e afirma que o processo colonizador combinou estruturas de dominação das sociedades que já ocupavam o território com a dominação patriarcal do colonizador, vulnerabilizando duplamente a condição das mulheres. O pensar desde si proporcionou a esse feminismo um marco conceitual próprio que corresponde aos valores culturais dos povos indígenas.

## LESBO FEMINISMO

A sexualidade da mulher foi questionada pelas feministas que nomearam em feminino os alcances e limites de uma revolução sexual

postulada pelos homens progressistas. A análise do corpo e da sexualidade das mulheres por mulheres, armadas de especulações próprias e do próprio direito de nomear sua experiência, revindicando o próprio corpo como território em si, rompendo com a ideia de sexualidade vinculada a reprodutividade e propondo a separação do gozo sexual das alianças sexo-afetiva. O Lesbofeminismo é uma proposta teórica e prática que aponta o entendimento da heterossexualidade como um regime político e não como uma expressão da sexualidade ou prática sexual. A partir dessa análise se construiu o conceito de heteropatriarcado que faz referência ao fato de que o sistema patriarcal se sustenta mediante a heterossexualidade. O Lesbofeminismo retoma conceitos e apertos do feminismo lésbico branco ocidental, porém realiza uma revisão crítica a partir do contexto Abya Yala, pelo qual diversas autoras incorporaram uma análise não colonial, antirracista e classista.

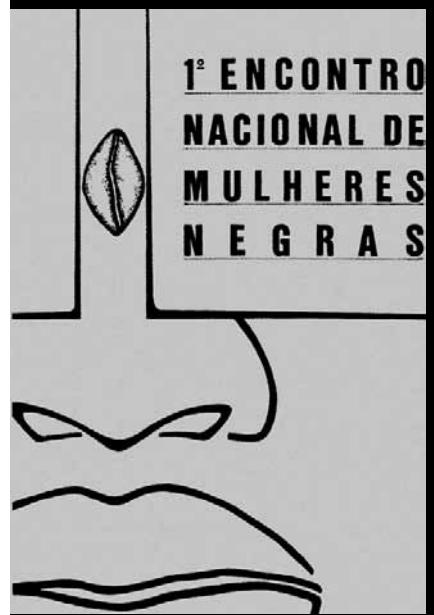
▼“Tus sueños son pura realidad”  
<https://lolaperla.carbonmade.com/projects/5175292>  
 Performance *Sigo Viva...Cuidado!!!* da artista mexicana  
 Lola Perla



## FEMINISMO NEGRO

Nasce na falta de espaço da mulher negra dentro do movimento feminista hegemônico e do próprio movimento negro, fazendo a sua intersecção de sujeito mulher e negra. No Brasil tem a sua constituição simbólica no I Encontro Nacional de Mulheres Negras, ocorrido em 1988, com a presença de aproximadamente 450 mulheres, marcado também pelo centenário da abolição. Tem como condição não desvincular a prática da teoria, somando a produção de conhecimento (intelectual e acadêmico) e participação ativa em movimentos sociais. Em suas narrativas destrói as ideias masculinas e brancas de corpo-servil e corpo-sem mente que atingem a sua condição de mulher negra. Propõe uma nova forma de pensar a sociedade a partir desse lugar que ocupa, que experiência opressões que interseccionam gênero, raça e classe, o que lhes conferem potenciais igualmente revolucionários. ■

## 1º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS



Cartaz do 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras

### REFERÉNCIAS:

- GARGALLO, Francesca. “Teorías y prácticas feministas en Nuestra América”, conferencia leída en el Aula Magna de la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, Universidad Nacional de Cuyo em : <https://francescagargallo.wordpress.com/ensayos/feminismo-no-occidental/teorias-y-practicas-feministas-en-nuestramerica/>
- GARGALLO, Francesca, “Las diversas teorías y prácticas feministas de mujeres indígenas”, conferencia leída para la presentación del libro Feminismos desde Abya Yala. Ideas y proposiciones de las mujeres de 607 pueblos en nuestra América, de Francesca Gargallo (Ed. Desde Abajo, Col. Pensadoras latinoamericanas, 2012, 295 pp., ISBN 789588454597), en la Universidad Técnologica y Pedagógica de Colombia, Tunja, 5 de septiembre de 2012. <https://francescagargallo.files.wordpress.com/2014/01/francesca-gargallo-feminismos-desde-abya-yala-ene20141.pdf>
- BRITTO, Clovis Carvalho. A organização das feministas negras no Brasil, Núbia Regina Moreira. Cad. Pagu, Campinas , n. 38, p. 433-440, June 2012 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83322012000100016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83322012000100016&lng=en&nrm=iso)>. access on 05 Feb. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83322012000100016>.

# FEMINÍCIO

**É O ASSASSINATO  
DE MULHERES E  
PONTO!**



ilustração: RINI TEMPLETON

**NI LA TIERRA, NI LAS MUJERES  
SOMOS TERRITORIO DE CONQUISTA**



udo que vem de mulheres e pertence ao gênero “FEMININO” está sujeito ao assassinato pelo sistema patriarcal. O Patriarcado assassina simbolicamente as mulheres dentro de um cotidiano que nega o assassinato das mulheres na realidade. É um paradoxo em que a condição de “ser mulher” está posta e queremos o fim dos assassinatos, estupros coletivos, assédios nas ruas, nos ônibus em todos os lugares públicos. Queremos poder andar na rua sem a nítida sensação de que estamos sendo olhadas através do olhar de um Jack, um maníaco que se sente muito confortável em nos fazer sentir medo.

Para cada mulher que é assassinada pelo feminicídio uma de nós se cala por conta da violência que estamos expostas por denunciar as violações que somos atravessadas. O MEDO é paralizante, é um dos principais reforçadores para condicionar as mulheres a fazer o que a sociedade patriarcal deseja. Por isso devemos enfrentar nossos medos, nos unir, nos articularmos, pensar ações conjuntas para dominar os espaços públicos que também é nosso. A rua é um campo de batalha, não existe uma lei no Brasil que proíbe nós mulheres de andarmos na rua depois de escurecer, mas quando infligimos uma regra social as reações no corpo entram em ação, o

suor nas mãos toma conta, a sensação de que qualquer homem pode te parar e ninguém mais vai saber de você. Por isso é muito comum ver mulheres a noite correndo para chegar em um local mais seguro, ou simplesmente correndo na rua, e garantir que não é para chegar mais cedo em casa. Sou a favor de nós mulheres nos unirmos e prestar carona solidária a outras mulheres (claro as que tem carro), mas não só pras manas do rolê. Viu outra mulher sozinha no ponto de ônibus, esta tarde da noite, porque não oferecer carona? Uma vez, a alguns anos atrás, estava no ponto de ônibus aguardando um ônibus para voltar para casa, parou uma moto do lado e simplesmente pediu pra eu subir na moto que ele “conhecia um lugar baratinho”, fiquei

totalmente sem reação, ele insistiu, desligou a moto, e eu simplesmente parada, fiquei com MEDO, creio que ele se assustou com a presença de outro homem que atravessou a rua e foi embora. O que poderia ter acontecido comigo naquele dia? Contrariando o que se espera, era de manhã e estava com moletom, mas a discussão é que isso não deve acontecer nem de dia nem de noite, não deve acontecer nunca!

É compreensivo que as mulheres fiquem caladas devido ao excesso de argumentos machistas que inverte os papéis de vítima e agressor, tornando as mulheres tantas vezes culpadas pelas violências sofridas. Como é o caso quando vemos exemplos de meninas que sofreram estupros coletivos e ainda tiveram suas vidas investigadas, suas mães foram culpadas, suas roupas foram culpadas, seus corpos de menina foram culpados, mas o autor da violência não, esse não!

Usar FEMInício e não HOMICídio é simbólico para representar expressivamente o quanto importante é falar que as mulheres estão sendo constantemente

invisibilizadas e as mulheres que estão morrendo não tem voz nem quem fale por elas depois de mortas. O Centro de Defesa e Convivência de Mulheres - Mulheres Vivas do Campo Limpo tem um projeto em que resgatou 16 casos de mulheres que foram assassinadas em decorrência da violência doméstica. Além de tentar recuperar a memória dessas mulheres, já que são mulheres que viveram tão próximas a nós e são puramente o reflexo da nossa dificuldade de olhar com SOROridade (SORO – Irmã) para as mulheres que estão ao nosso meio, frequentam os mesmos espaços tais como supermercado, UBS, praças, mas dentro dos espaços domésticos viviam um filme de terror inacreditável de viver. E não foi surpresa saber que a maior parte dos casos não foram registrados como Feminicídio. Os corpos tem nomes; número de filhos, região de execução, idade, tipo de arma e “motivo” da morte, todos os dados são reais.

A impunidade dos casos e a inversão dos papéis causam em nós mulheres uma sensação de que a única

forma de sobrevivermos a essa guerra declarada a nós é pela Luta.

## FEMINICÍDIO O QUE O JUDICIÁRIO PRECISA COMPREENDER?

A lei 13.104/2015 alterou o Código Penal brasileiro ao tipificar esse crime – homicídio cometido com requintes de crueldade, contra mulheres, por motivações de gênero.

Ocorre que temos um ordenamento jurídico machista e patriarcal, que aos poucos vem sendo modificado em sua estrutura e essa mudança caminha a passos de tartaruga dentre os seus operadores do direito, que são juízes, delegados, advogados, policiais, e de-

### INFORMAÇÕES DOS CASOS QUE FORAM COLHIDAS EM PARCERIA DO CDCM - MULHERES VIVAS COM O FORUM CRIMINAL DA BARRA FUNDA.

#### † ANA SHERLY 43 ANOS – branca

2 Filhos  
**Autor:** amante  
**Modo de execução:** arma de fogo  
**“Motivo”:** rompeu o relacionamento  
**Local:** via pública – no local de trabalho – santo amaro

#### † JANETE 56 ANOS – branca

1 Filho  
**Autor:** “companheiro”  
**Modo de execução:** espancamento (Golpes no rosto e cabeça)  
**“Motivo”:** discussão após festa  
**Local:** residência – jardim guaembu ii

#### † JOSILENE 35 ANOS – parda

1 Filho  
**Autor:** marido  
**Modo de execução:** golpe na nuca com uma cadeira  
**“Motivo”:** discussão após festa  
**Local:** residência – grajaú

#### † KELEN 23 ANOS – branca

2 Filhos  
**Autor:** “companheiro”  
**Modo de execução:** enforcamento com lençol de cama  
**“Motivo”:** ciúmes  
**Local:** residência – parque grajaú

## MOTIVO REAL: MACHISMO

#### † FRANCILENE 22 ANOS – preta

1 Filho  
**Autor:** ex “companheiro”  
**Modo de execução:** faca de cozinha  
**“Motivo”:** recusava pagar pensão alimentícia  
**Local:** via pública – ao sair da igreja – parque maria fernanda

#### † VIVIANE 28 ANOS – preta

4 Filhos  
**Autor:** ex “companheiro”  
**Modo de execução:** mandou matar Arma de fogo  
**“Motivo”:** havia iniciado uma nova relação  
**Local:** residência – jardim noronha

#### † NILGIMAR 41 ANOS – preta

1 Filho  
**Autor:** “companheiro”  
**Modo de execução:** pedaço de pau  
**“Motivo”:** não aceitava que visitasse seu filho que morava com o ex marido  
**Local:** residência – chácara cocaia

#### † EDILENE 28 ANOS – parda

4 Filhos  
**Autor:** ex “companheiro”  
**Modo de execução:** arma de fogo  
**“Motivo”:** não permitia que trabalhasse  
**Local:** via pública – indo para o trabalho - jardim progresso

mais representantes das leis do Estado. Tendo em vista que os operadores do Estado não receberam formação acadêmica adequada sobre questões de gênero, de modo que existe uma grande parcela de profissionais com posturas machistas de acordo com a visão do patriarcado.

Trago minha crítica, pois com a promulgação da lei do feminicídio aplicada a nível nacional, não vemos nos tribunais o reconhecimento de casos tipificados como feminicídio. Porque os operadores do direito têm dificuldades em reconhecer a violência praticada em razão do gênero.

Assim, as mulheres tem tido imensa dificuldade em ter ajuda jurídica às suas demandas, pois a elas são exigidas provas de violências que deixam danos morais e psicológicos, danos es-

tes que o judiciário não está acostumado a apreciar e por isso, não lhes dão devida atenção. Salvo claro, nos poucos anos em que o direito penal reconhecia, vergonhosamente, a tese da legítima defesa da honra, para os casos em que o companheiro assassinava a sua esposa.

Hoje, esse mesmo conjunto de leis que há anos respaldou essa tese estúpida, hoje tem dificuldades em reconhecer o feminicídio, tipificando os casos em que o assassinato tem como vítima a companheira direta, mas se a vítima for a sogra, ou a nora, a tipificação resta fica como homicídio qualificado, e a consequência para o autor da violência é uma queda na pena máxima. Pois se reconhecido como feminicídio tem-se uma pena máxima de 30 anos, ao passo que no homicídio qualificado, tem-se a pena máxima em 14 anos.

**ÉRIKA BUENO**  
Advogada Feminista

## MOTIVO REAL: MACHISMO

### † AGATHA 21 ANOS – parda

1 Filho  
**Autor:** ex namorado  
**Modo de execução:** arma de fogo  
**"Motivo":** não aceitou o término do namoro  
**Local:** residência – Jardim Leticia

### † MARIA 55 ANOS – parda

1 Filho  
**Autor:** genro  
**Modo de execução:** faca de cozinha  
**"Motivo":** tentou proteger a filha  
**Local:** via pública – rua de casa – Jardim Iporá

### † MARIA 55 ANOS – branca

1 Filho  
**Autor:** ex “companheiro”  
**Modo de execução:**arma de fogo  
**“Motivo”:** ciúmes  
**Local:** residência – barraco viela

### † DUCICLEIDE 30 ANOS – parda

Sem filhos  
**Autor:** ex “companheiro”  
**Modo de execução:**arma de fogo  
**“Motivo”:** não aceitou fim do relacionamento  
**Local:** via pública - no ponto de ônibus voltando do trabalho – Jardim Santo Amaro

## 2. NI UNA A MENOS O LEVANTE PARA O BASTA!

Nossas mãos unidas unem também nossos territórios. Porque a dor que nos aproxima aumenta a luta, põe nossos pés em marcha e nossa voz para fora: Ni una a menos! Na Argentina, a cada 30 horas uma mulher é assassinada – pelo fato de ser mulher. Um número tão alto que nos lembra o tempo todo que nosso corpo está na mira e que pode ser violado a qualquer momento.

Em 19 de outubro de 2016, uma quarta-feira, chovia em Buenos Aires, capital da Argentina. Vestindo preto, elas marcharam por liberdade e pelo direito de serem mulheres numa socie-

dade que nos vigia e pune física e psicologicamente. Gritaram – e gritamos – para que possamos existir.

A manifestação chamava também por uma irmã, drogada, assassinada e estuprada por dois homens no dia 15 de outubro do mesmo ano. Lucía Perez tinha 16 anos. Foi morta por empalação – uma punição corporal antiga que consiste em espetar um pedaço de pau no ânus e deixa-lo até a morte da vítima. E como definir essa violência se não como uma convicção masculina de domínio sobre o corpo das mulheres?

Nosso corpo não é convite! E foi por Lucía, por elas e por todas nós, mulheres, que nossas irmãs argentinas saíram às ruas. Pelos sonhos que temos, pelo futuro que queremos, pelo potencial que cada uma de nós tem de construir um outro jeito de estar e ser no mundo. Para que nossas histórias não sejam apagadas, para que nossas filhas e filhos, nem nossas mães, sejam abandonadas...

**SEGUIMOS EM LUTA! NAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO, EM MAR DEL PLATA, EM TODA AMÉRICA LATINA. ATÉ ESTANCAR O NOSSO SANGUE! ■**

## MOTIVO REAL: MACHISMO

### † KÁTIA 30 ANOS

1 Filha  
**Autor:** genro  
**Modo de execução:** faca de cozinha  
**“Motivo”:** proibiu o namoro da filha  
**Local:** via pública – na frente de sua casa - Parque Santa Bárbara

### † SANDRA 33 ANOS - 2 Filhos

**Autor:** “companheiro”  
**Modo de execução:** faca de cozinha (tentou atear fogo nos filhos)  
**“Motivo”:** discussão por consumo de álcool pelo marido  
**Local:** residência

### † SANDRA 33 ANOS - 2 Filhos

**Autor:** “companheiro”  
**Modo de execução:** asfixiou com as próprias mãos  
**“Motivo”:** não aceitou mudar de cidade após descoberta da traição do marido  
**Local:** residência

### † ILKA 56 ANOS - 4 Filhos

**Autor:** “companheiro”  
**Modo de execução:** panela com água fervente  
**“Motivo”:** autor não gostava de ser contrariado  
**Local:** residência

# O ANO QUE ME TORNEI FEMI NIS TA

NAZARET DE CASTRO é Jornalista, em 2016 participou do levante NiUnaMenos

TRADUÇÃO: Juliana Mercuri



ilustração: CAROLINA TEIXEIRA (ITZÁ)

**C**omo costuma acontecer, o despertar se manifestou de um dia para outro, com acelerada urgência, mas vinha desde anos atrás cozinhando a fogo lento; durante gerações interílias de mulheres guerreiras, como minha mãe, que me ensinou o valor da independência; e antes dela minha avó Hermínia, que resistiu silenciosamente erguendo sobre sua própria fortaleza, robusta e flexível como uma árvore. Apoiadas em sua memória, nós coletamos seus testemunhos. E, em 2016, todo esse acúmulo tomou forma nas ruas de Buenos Aires e de todo o mundo, fazendo evidente que a revolução será feminista, ou não será...

Falo de mim, mas creio que minha experiência é similar a de muitas mulheres argentinas e migrantes e que tivemos a certeza de estar participando de um momento histórico. Tudo começou em 3 de junho de 2015, o primeiro Ni Una Menos (Nenhuma a Menos). A inesperada contundência e massividade daquela concentração, organizada espontaneamente por um grupo de jornalistas feministas, deixou al-

gumas certezas: uma, que se lutamos juntas somos irrefreáveis; outra, que, como escutei da mexicana Rachel Gutiérrez, estamos decididas a mover a linha do suportável, a não tolerar mais mortes, estupros, insultos, assédio ou ofensas. Segue acontecendo: a cada 30 horas, uma mulher é assassinada na Argentina por ser mulher. Mas hoje sabemos que se tocam a uma, respondemos todas.

Em 3 de junho de 2016, a manifestação voltou a ser massiva, embora já não nos surpreendesse. Ficou claro que essa data não era flor de um dia, senão uma chama que nos guia enquanto seguimos sendo oprimidas por esses homens com medo da mulher sem medo, como escreveu Eduardo Galeano. Hoje, seguimos sentindo medo – cada noite, quando voltamos para casa sozinhas pelas ruas mal iluminadas -, mas sabemos também que isso não vai nos parar.

Ni Una Menos foi um dispositivo comunicacional que conseguiu aderir a uma causa incontestável - não queremos que continuem nos matando – mulheres e homens de toda condição. Essa explosão não podia ser entendida sem o Encontro Nacional de Mulheres que se celebra anualmente na Argentina há 32 anos; no ano passado se celebrou em Rosário e nos reunimos 90 mil mulheres. Durante três dias se organizaram oficinas de temáticas diversas; em 2016, pela primeira vez, houve uma oficina de mulheres afrodescendentes, em um país onde elas têm sido sistematicamente negadas. No último dia, o encontro foi selado com uma manifestação massiva que, frequentemente, termina envolvida em polêmica, porque há quem lhe acredite mais ameaçador e sinistro encher de grafites a catedral que os crimes cotidianos que denunciam essas pinturas.

Mas o decisivo do Encontro vai muito além. É uma experiência que atravessa a mente, o corpo e a alma, até chegar às entranhas. Durante três dias, nos perguntamos que significa ser mulher, compartilhamos nossas dores, lambemos nossas feridas; e observamos isso que nos ocorre quando nós, mulheres, nos juntamos. Por isso pedimos aos homens que, mesmo que apoiem nossa luta, que fiquem de lado desta vez e nos deixem

construir; assumindo, obviamente, que nem todas as mulheres têm vaginas e que há tantas formas de ser mulher como mulheres que povoam a terra.

A poucos dias de voltar de Rosário, com essas sensações ainda acumuladas no estômago, soubemos que, enquanto nós caminhávamos empoderadas pelas ruas rosarinhas, em Mar Del Plata, Lucía foi estuprada, torturada e empalada. Tinha 16 anos. Morreu de dor. Dilacerada em suas entranhas. Nas mãos de dois homens que não são monstros, senão filhos sóbrios do patriarcado que impõem sua monstruosidade assassina desde a aparente segurança do cotidiano. A comoção foi seguida pela ação: em 19 de outubro, quarta feira negra e chuvosa, marchamos furiosas, por Lucía e por milhares de mulheres que já não estão, e por nós, que não queremos seguir vivendo com medo.

Comparecer ao encontro e a Marcha do 19 me converteu em feminista, radical, com todas as letras. Eu já acreditava que era, mas foi quando entendi a posição incômoda e o caminho interminável que implica ser feminista. Que, não se nasce mulher senão se torna uma, como escreveu Simone de Beauvoir, uma feminista se constrói e desconstrói ao longo de uma vida inteira.

Escrevo essas linhas em um cinco de março. Em poucos dias, no 8-M, paramos de produzir e cuidar e sairemos às ruas, para gritar para o mundo que sou soberana de nossos corpos e que não descansaremos até que todos os homens do mundo aprendam. Estamos mais despertas e mais acompanhadas que nunca. Juntas e parceiras. ■

# LESBOFOBIA NA KEBRADA,

## LESBOFOBIA NO MUNDÃO \*



tem a meta de kolokar lá todos os kasos de homicídio, suicídio kontra gente gay, lésbika, bisexual, transexual, transgênero e até heterossexual ke morre por kausa de homofobia. Vai vendo, fui pesquisar todas as lésbika ke foram mortas no ano de 2016. Logo de kara o primeirão foi um caso de casal lésbiko: Roseli Rodrigues Correia tinha 20 ano e Elicris Muniz da Silva de 24 ano, as duas era branka e foram encontradas na casa delas morta kom tiros. Elas morava em Ibateguara – Alagoas. A casa delas tinha sido arrombada. Outra notícia do fim de janeiro ke saiu no jornal: Thais Giedry Borges dos Santos tinha 22 ano, kor não deklarada, foi assassinada em Kampo Grande – Mato Grosso do Sul. Ela namorava uma mulher kasada e o marido da mina matou ela degolada. Velha tradição maskulinista da talarikagem, como se a mina fosse propriedade do kara. Em fevereiro no estado do Acre, na cidade de Cruzeiro do Sul, teve uma lésbika ke matou a outra e se matou depois. Foi Itamila Moura de Sousa, branka de 18 ano, ke atirou na ex-namorada, Hanna Júlia Araújo, também 18 ano e era branka. Importante fala disso dai mana, violência entre lésbikas não é a mema koisa ke violência kontra mulher numa relação heterossexual, porke noiz vive num sistema du poder du macho ke acha ke é mais do ke noiz ke é fêmea, ai akontece vários feminicídio kontra as mulheres só porke ela é mulher.

Só ke a gente ke é lésbika pode tá reproduzindo koisas eskrota do sistema heterossexual, igual essa lésbika ke matou a ex-namorada. Noiz tem ke

**K**ero tá explanando o ke ker dizer essa palavra eksita para linguagem periférica, mas vivida no dia a dia de uma par de lésbikas que mora nas margens da cidade. Pra mim lésbika ker dizer pessoa do sexo feminino ke namora pessoa do sexo feminino, entende? E a lesbofobia é us prekonceito ke essas mina sofre tá ligado? Os prekoncimentos vem de monte kuando a gente destrói o armário e bota a kara no sol pra se nomear lésbika. Tem várias situação ke ker dizer lesbofobia. Tipo igual kuando uma lésbika konta pra família ke gosta de mulher e é tirada pelo pai, pela mãe, sendo expulsa de casa ou apa-

nhando. Teve uma mão ke uma lésbika ke passa num filme sobre mulheres ke apanham dentro de casa e usavam a lei Maria da Penha, ke ela fala ke o pai e a mãe dela obrigou ela a kome lixo porke fikou sabendo ke ela é lésbika. E outras koisas mais, tipo igual no Tocantins ke u pai tentou estuprar a filha de 14 só porke ela gosta de mulher também.

Tava pesquisando sobre u tema no site “Quem a homofobia matou hoje?” ke é um site do Grupo Gay da Bahia, ke

ilustração: KAETHE BUTCHER

KI NEM EU FALEI ANTES,  
LESBIKA PRA MIM É  
FÊMEA KE  
NAMORA FÊMEA,  
ENTÃO PRO  
SISTEMA  
DOS MACHO  
ELES TRATA A GENTE  
INFERIOR  
TAMBÉM.

falar de violência entre lésbikas porke a gente precisa memo diskutir isso dai pra reduzir us danos na kabeça das lésbikas ke sofreu na mão da kompanheira abusiva e pra ke as lésbikas ke agride possa mudar de atitude, porke se não pode akontecer merdas pior igual essa dai ke eu citei.

Depois, no mês fevereiro, Priscila Aparecida Santos da Costa, ke era lésbika e preta, tinha 25 ano, não usava visual feminino, diskutiu kom um kara folgado porke ele tava falando merda pra ela por ela ser lésbika dentro de um bar em Itanhém – SP, ai tomou tiro na frente da sua namorada e du seu irmão. Nada justifica uma pessoa chegar do nada e komeçar a xingar um lésbika porke é lesbika isso é uma tiracão, esse kara tava errado.

## EM ABRIL DE 2016, LUANA BARBOSA DOS REIS SANTOS,

tinha 34 ano, era mãe, preta, pobre e lésbika ke não usava visual feminino e foi a bola da vez, foi um kaso ke deixou a komuniadade lésbika e a komunidade lésbika negra em choke! Ela tomou um enkuadro na rua de sua kasa na hora ke ela tava de moto levando seu filho pra eskola ai us polícia mandou ela parar. Nesse enkuadro, us polícia mandou ela pôr as mão pra traz e abaixar a kabeça, na sequênciа eles chutaram ela pra ela abrir as perna ai ela kaiu. Na hora ke ela levantou deu um soko e um chute nos polícia e ai foi espankada kom um kassete. Eles ameaçou ela de morte também. O filho de Luana viu tudo. Luana foi levada pra delegacia pra assinar um B.O. de lesão korporal e desakato a autoridade. Só no outro dia ke ela foi pro hospital. Lamentavelmente, 5 dia depois da agressão ela morreu de esquimiose cerebral e traumatismo do crânio encefálico por causa da agressão policial.

Em julho, teve um assassinato ke o “Quem a homofobia matou hoje” mostrou a notícia ke foi transhomen, mas as páginas de lésbika no facebook noticiou como lésbika, u perfil dela no face ta como lésbika, então eu vou nomear ela como ela se apresentava: lésbika! Porke muitas vez noiz ke é lésbika ke gosta de um visual maskulino tem nossa lesbianidade apagada pelo sistema, no kaso isso dai vem de uma ideia errada, achar ke toda lésbika kaminhoneira ker ser homem. No caso Diana Dias, ke tinha 33 ano e era preta, não usava visual feminino, morava na cidade de Venda Nova do Imigrante no estado do Espírito Santo, tava num bote e diskutiu kom um kara ke kuando ela tava na rua kom uma mulher, ele pegou um pau kom pregos e matou ela a pauladas.

No mês de agosto a polícia konstatou ke duas lésbika ke morava em Portugal foi assassinada, vítima de prekonceito kontra lésbikas. O nome delas era Lidianne Santana de 16 ano, Thaiane Mila Mendes de 21 ano, as duas era brasileira e branka. Final de agosto também teve outra situação ke uma lésbika foi morta, ke foi Katiane Campos Góis, de 26 ano, pele pardaa, o korpo dela foi enkontrado no centro de Brasília



foto: ELAINE CAMPOS

– Distrito Federal, ela foi estrangulada e parcialmente keimada, também tem suspeita de estupro, ela foi enkontrada nua.

Em novembro Cristiane Maria Pereira, tinha 35 ano, era lésbika, era preta e da umbanda, importante lembrar esse fato porke tem um racismo e prekonceito religioso nas nossas kebrada, as pessoas de terreiro ke são pretas sofre um prekonceito ke violenta a integridade material e física, vinda de uma opressão da estrutura dessa sociedade do macho branko ke desde o tempo do Brasil kolonial reprime manifestações de religiões de matriz afrikana para mais facilmente dominar e esses prekonceito e violência chega nos dias atuais. Ela foi assassinada por socos na cidade de Mogi das Cruzes em São Paulo. Dezembro teve um kaso ke di novo o “Quem a homofobia matou hoje?” noticiou como situação de ódio kontra kara trans, mas ai noiz tem notícia de ke não é bem assim, vi no G1 ke Fabiana Brás e Daniela Silva eram branka, era também kasal, tomou mais de 13 tiro kuando elas passava de moto, na kebrada onde elas tava moran-

do fazia 15 dia. Os homicida alega ke foi uma disputa por ponto de tráfico. O G1 não menciona a idade delas.

Lesbofobia é não mostrar ke lésbika existe ou olhar pra noiz kom olhos prekonceituosos, é a mema koisa ke invizibilizar o ke noiz é de verdade. Xingamentos e piadas alimentam o ódio kontra lésbikas. Isso dai é a semente de ações de violência extrema. Krimes kruéis kontra pessoas do sexo feminino ke não praticavam o sexo heterossexual ke é a base do sistema de poder do macho ocidental, estupro korretivo, e achar ke lésbika kaminhoneira ker ser homem, tudo isso é repressão kontra minas ke negam o acesso sexual maskulino. Mulheres são violentadas pra os machos poder dominar. Lésbikas sofrem kom repressão porke praticam um sexo não reprodutivo. As lésbika preta sofre em dobro kom

o racismo e a lesbofobia. No kaso de Luana Barbosa vemos algo ke akontece kom kaulker pessoa preta ou periférica ke é a violência policial. Elas entraram pra estatística enkuanto lésbika ke foi assassinada e outras pra estatística do genocídio do povo preto, ke é um plano de extermínio de gente negra exekutado pelo Estado Brasileiro e pelas elites brankas do Brasil. Mas noiz ke sobreviveu precisa lutar kontra esses sistema da supremacia branka e maskulina, por isso vamos gritar nenhuma Luana, Cristiane, Daniela, Priscila, Katiane, Diana, Thaís, Roseli, Elicris, Itamila, Fabiana, Lidianne, Anna e Tahiane a menos! ■

**SAPATÃO NÃO  
É DIVERSIDADE  
SAPATÃO É  
RESISTÊNCIA!  
SAPATÃO É  
REVOLUÇÃO  
JÁ!**



foto: ELAINE CAMPOS

\* U lance do k é uma referência ao movimento anarkopunk, ke passou a escrever assim como forma de desobediência à norma kulta.



## NENHUMA LÉSBICA A MENOS! LUANA BARBOSA: PRESENTE!

**E**U NÃO ACREDITO QUE FOI A LUANA!" é a fala de muitas, de muitos. Ela, que resistiu e passou por todos os tipos de violência. Ela, que nasceu dois dias após a morte do pai e morreu com a mesma idade: 34 anos. Sobre quem tirou a vida dele não sabem até hoje, mas a dela sim. E por intuição ou apenas pela obviedade do ciclo vicioso de violência que acomete famílias negras, ouviu-se familiares comentarem baixinho no velório: "Ela morreu igual ao pai".

O natural seria que ela levasse o filho menor de idade à escola e fizesse o caminho de volta para a casa. Roseli (irmã de Luana) estava na casa em que moravam juntas fazendo exercícios físicos com sua mãe. ■

Trecho da matéria  
“DEPOIS DA MORTE,  
LUANA BARBOSA  
SAIU DA SITUAÇÃO DE  
ISOLAMENTO”, diz a  
irmã Roseli dos Reis”,  
publicado pelo coletivo  
Nós, Mulheres da Periferia  
em 02 de maio de 2016.  
Disponível em: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br>

As duas conversavam sobre a ideia de reunir a família para um almoço de comemoração dos 68 anos que dona Eurípedes ainda irá completar.

O espaço entre o que pode ser “paz” e o que pode não ser é tênue quando se tem uma família negra, principalmente vivendo em território periférico. Como diz o poema de Marcelino Freire, “a paz é muito branca”. Em uma brusca transição do cotidiano ao caos, a vida e os sonhos foram brutalmente feridos por gritos, humilhação, golpes, tiros e a invasão, sem mandato e sem autorização, de policiais militares em um lar vívido e liderado por mulheres negras.

Após ser agredida por três policiais no dia 8 de abril de 2016, Luana foi internada e faleceu cinco dias depois por uma isquemia cerebral. O laudo do Instituto Médico Legal (IML) comprova que o desfecho clínico é consequência de espancamento. Ela resistiu a abordagem policial e tentou impedir que fosse revistada por homens por ser mulher. Sua vida foi interrompida. Os policiais foram afastados da função. Roseli e sua família ainda lutam por justiça. ■

ilustração: CAROLINA TEIXEIRA (ITZÁ)



# POESIA

## O ÍNTIMUS\* É POLÍTICO

aborvente inteno faz mal  
pra mukosa vaginal  
ele é tipo uma esponja  
menina  
ke suga os protetoras  
naturais da vagina  
jogar absorvente industrial  
no meio ambiente  
prejudika o planeta ke faz  
parte da gente  
seja mestralmente radikal  
boicote absorvente industrial  
sempr livre kom a mídia  
burguesa eu não me engano  
viva o absorvente de pano!

## LO ÍNTIMO ES POLÍTICO

*los tampones hacen mal  
a la flora vaginal  
son como una esponja, chica  
que chupa la protección natural de la vagina  
tirar las toallas industriales a la naturaleza  
daña parte de nosotras, porque daña el planeta  
sé menstrualmente radical  
boicotea la toalla industrial  
siempre libre? no, no creo en lo q dice la tele  
viva la toalla femenina de tela!*

Tradução: minha parsa GABI ESTAMIRA  
ilustração: CAROLINA ITZÁ

\*Intimus y Siempre libre son marcas de  
toallas higiénicas en Brasil.

**SEJA SEMPRE RADICAL**



**ESSE DIA  
LONGO  
QUE  
PERSISTE  
EM NÃO  
ACABAR**

LEVARAM NOSSOS  
**FILHOS, NOSSOS  
IRMÃOS, NOSSOS PAIS**  
NOSSOS AVÔS,  
NOSSOS BISAVÔS  
E TATARAVÔS  
**TODOS MORTOS**  
NO MESMO DIA.  
ESSE **DIA LONGO**  
QUE PERSISTE  
EM **NÃO ACABAR**

DÉBORA MARIA DA SILVA  
Mães de Maio

foto: ALESSANDRA TAVARES



**A** colonização é mais que uma etapa histórica. Precisamos ampliar este conceito para um projeto cultural e estratégico de expansão capitalista. Assim, ela está em curso agora, pois a América Latina não foi integrada a uma economia capitalista no mundo todo, muito pelo contrário, ela a produziu. Este projeto colonial não se findou com as independências, pois essas mesmas não construíram uma emancipação político-econômica e cultural em nosso território. Assim, o que chamamos de colonização é a marca que carregamos em todo território-corpo. São nossas veias abertas jorrando sangue, lágrima e suor.

Sua continuidade se dá por uma colonialidade, um prosseguimento do processo de dominação que parece encerrar em termos estruturais já que foram formalizados os países, suas leis, eleições e outros adereços, mas permanecem as mesmas formas de poder fortalecendo hierarquias de raça e gênero, perpetuando assim, sujeitos subalternizados. É nessa dinâmica que se dão os processos, cada

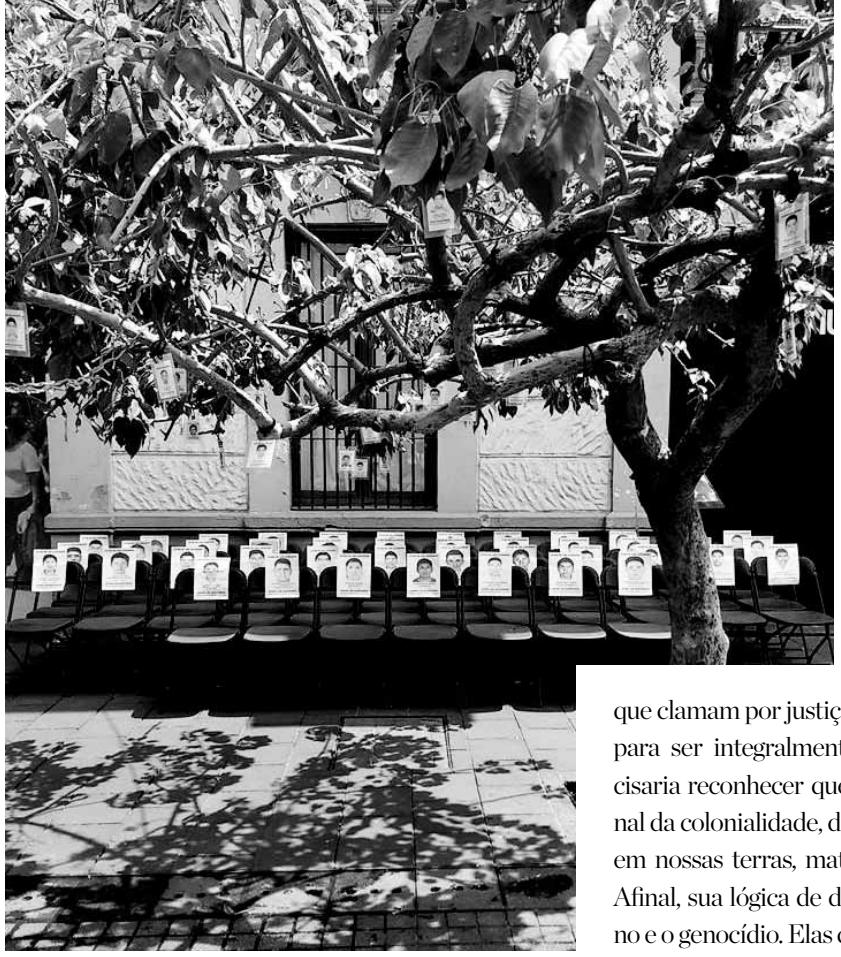


foto: ALESSANDRA TAVARES

vez mais atroz, de extermínio, opressão, exclusão e subcidadania. O projeto colonizador engendrou em todo território latino o extermínio dos povos originários, seqüestros de povos africanos, escravização, monoculturas, ditaduras, incontáveis estupros, feminicídios, destruições de saberes, genocídios e centenas de outras mazelas. Desde 1492 vivemos, como disse Débora, este longo dia que persiste em não acabar.

Contra o Estado, a colonialidade, o militarismo levantam-se milhares de mulheres em defesa da vida e de seus territórios contra o projeto de extermínio que não finda. Em defesa de “um novo dia”. Pensar na articulação dessas mulheres para além de resistências locais e compreender sua luta por terra, pelo culto da deusa (a força feminina) e pelo território. Uma luta pela nossa emancipação e liberdade.

Milhares de famílias, fazem parte dessa frente de luta na maioria, mulheres. São mães, irmãs, esposas e avós

que clamam por justiça. Uma justiça que para ser integralmente executada precisaria reconhecer que o Estado Nacional da colonialidade, desde sua fundação em nossas terras, mata e deixa morrer. Afinal, sua lógica de defesa é o extermínio e o genocídio. Elas clamam e continuam clamando por justiça, levando a cabo os maiores exemplos de luta. Aqui e ali, multiplicando em toda a América Latina. As lutas dessas corajosas companheiras, como as Mães de Maio-(SP) e As Mães do Acari-(RJ) no Brasil. Na Argentina, as Mães da Praça de Maio, e no México os familiares dos 43 estudantes desaparecidos de Ayotzinapa, além de muitos outros movimentos e coletivos.

Nas vozes dessas milhares de mulheres espalhadas na América Latina, muitas delas não citadas, entoam a mesma mensagem que anunciaram os descendentes dos povos maias (zapatistas) em silêncio em 2012:

Escutaram? É o som do mundo de vocês desmoronando. E do nosso ressurgindo! ■

## CARTA PÚBLICA EM DESAGRADO A PETERSON SILVA DE OLIVEIRA, MEU AMADO FILHO, EXECUTADO COVARDEMENTE PELA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO



Por: Tatiana Lima e Peterson Silva de Oliveira

Tive um filho honesto, maravilhoso, sem passagem nenhuma pela polícia, trabalhador e que me ajudava muito em casa. Peterson foi executado brutalmente pela polícia de São Paulo e a brutalidade foi tão grande que mataram a reputação dele: foi enterrado como “bandido” [inquérito criminal no DHPP: 32/2017].

No dia 14 de janeiro de 2017, no Jardim São Luís, zona sul de São Paulo, quando saía de uma festa de 15 anos, meu filho foi executado com um tiro certeiro na nuca. O que dizer de um tiro na nuca? Legítima defesa como afirmaram os assassinos? Não, foi covardia! Os policiais jogaram bombas de efeito moral para “dispersar” os meninos que saíam pacificamente da festa e, um desses policiais, irritado por ter errado o arremesso da segunda bomba, sacou seu revólver e atirou para matar.

E pensar que essa bala fui eu que paguei através dos impostos absurdos que nós, cidadãos, pagamos. Dói em minha alma.

Hoje tenho em mim a sede de justiça. Moro na periferia, mas já não sei se vale educar meus filhos para serem “cidadãos de bem”. Sei que o assassinato covarde do meu primogênito não vai acabar apenas em mais estatísticas, porque enquanto vida eu tiver lutarei para a sua imagem ser limpa.

Nem Ministério Público, nem Defensoria Pública: apoio de nada. O que fazer quando você ouve da boca de um promotor que “tem que esperar”, pois eles não poderiam “fazer nada”? Apenas me encaminharam para uma assistência psicológica no CRAVI (Centro de Referência e Apoio à Vítima). Deveriam me apoiar em todos os sentidos, mas não... A pergunta é: tenho realmente que sentar e esperar?

Foi no movimento MÃES de Maio que encontrei acolhida, primeiramente maternal, e o resto não foi nem preciso falar porque lá encontrei o que realmente queria ouvir de vocês, “autoridades” desse país.

Mães, estamos juntas e misturadas. Gratidão eterna!

Um detalhe: nada desabona a conduta do meu filho, mas, mesmo que desabonasse, ninguém merece morrer à traição, com um tiro de execução pelas costas.

Deus, você e eu sabemos como aconteceu e, lá no fundo, todo mundo sabe como acontece. Um crime, um assassinato, gente! E pior: depois de morto covardemente, meu filho foi vítima mais uma vez, quando forjaram desumanamente a cena da execução.

Ministro da “justiça”: meu grito é de “socorro”! Com essa carta, ninguém poderá alegar que não sabia do assassinato cruel e covarde do meu filho para justificar a conivência com essa barbárie.

Eu, Tatiana Lima, sinto na pele o descaso.

Vida que era sinônimo de alegria.

Morte que é sinônimo de tristeza e saudades.

**PETERSON PRESENTE. PETERSON SEMPRE TERÁ VOZ!**

foto: PONTE JORNALISMO



**N**o decorrer dos mais de 50 anos em que foram instituídas as antigas Febens, hoje nomeadas Fundação Casa, houve diversos relatos de jovens aprisionados denunciando atos de barbárie por quais eles passavam, graves denúncias de abusos sexuais, agressões físicas e psicológicas, torturas, humilhação, discriminação, entre outras violações dos direitos humanos que são negados a esses jovens que ficam submetidos a uma "Pedagogia da Ameaça", como relatou um dos internos de uma das fundações em uma carta divulgada pelo Jornal Brasil de Fato em 2014.

No final do ano de 2016 nós, da coletiva Fala Guerreira, foi convidada para mediar uma atividade na Fundação Casa Feminina de Taipas. O convite foi aceito de imediato, pois enxergamos ali uma ótima oportunidade de ocupar um espaço onde adolescentes mulheres necessitavam da nossa inspiração, compreensão, acima de tudo, de nossa força.

**NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2016 A COLETIVA FALA GUERREIRA PARTICIPOU DE UMA ATIVIDADE NA FUNDAÇÃO CASA DE TAIPAS, ZONA NORTE DE SÃO PAULO. A GUERREIRA NATÁLIA, DE 17 ANOS, PARTILHA SEU OLHAR SOBRE ESSA EXPERIÊNCIA. NO MÊS DE NOVEMBRO, MÃES DAS MENINAS QUE CUMPREM MEDIDAS SOCIO-EDUCATIVAS NESTA UNIDADE DENUNCIARAM AGRESSÕES FÍSICAS E PSICOLÓGICAS POR PARTE DOS AGENTES. A MESMA DENÚNCIA TAMBÉM FOI FEITA UM ANO ANTERIOR.**

Na Constituição Federal de 1988 existe o artigo 228 que define como direito do adolescente menor de 18 anos responder pelos seus atos mediante o cumprimento de medidas socioeducativas, sendo inimputável a ele ser ligado ao sistema carcerário tradicional. Através de minhas leituras e desta experiência do dia 19 de setembro, para mim este artigo é apenas mais um que só existe na teoria. Como sempre acontece, o governo pouco se mobiliza em situações precárias onde os principais atingidos somos nós pobres, pretos e periféricos e a mobilização é ainda menor quando somos nós mulheres.

Em Taipas, houve situações questionáveis desde nossa entrada, quando o primeiro funcionário que vimos foi um homem, figura que se repetiu durante todo o complexo, coisa que não deveria acontecer e nem ser tratada naturalmente já que estamos falando de uma Fundação Casa Feminina, lugar onde mulheres aprisionadas são agredidas e violentadas (lugar onde a Lei Maria da Penha não chega) por estes mesmos homens contratados pelo estado. Até na nossa saída, quando presenciamos uma situação revoltante e inaceitável de um dos guardas (homem), agredindo com tapas uma das garotas que não participou da nossa atividade, mas nos viu quando estávamos saindo e apenas levantou a cabeça para nos cumprimentar. Eu, como mulher e como adolescente, instantaneamente me coloquei no lugar daquela garota e tudo que eu senti foi vontade de socar e vomitar na cara dele, mas é claro que nos víamos em uma posição de mãos atadas e não poderíamos reviver da mesma maneira.

No decorrer da nossa atividade, algumas garotas se cuidavam, juntas penteavam o cabelo, cortavam, faziam tranças e então iam se comunicando, mas no geral havia grupinhos bem divididos, semelhante a uma sala de aula, porém no caso, elas passavam dias inteiros durante anos se limitando a um pequeno ciclo de comunicação. A falta de comunicação me preocupou em um outro momento, quando as garotas comentaram que não poderíamos

## FUNDAÇÃO CASA FEMININA DE TAIPAS

nos comunicar por carta porque na maioria das vezes as cartas escritas por elas vão para as mãos dos guardas, mas nunca chegam ao destino e então eu comecei a pensar o quanto essas garotas se sentem sozinhas e abandonadas, estavam ali meninas de diversos pontos da gigantesca cidade de São Paulo, do interior e de outros estados, havia filhas e havia mães que tinham seus direitos negados o direito de mandar uma carta querendo saber se estar tudo bem ou simplesmente dizendo que sente saudades.

A atividade proposta por nossa coletiva visava a todo momento dar voz àquelas jovens tão silenciadas pelo estado, então entramos na Fundação com a intenção de sermos ouvintes, mostrar a elas os nossos trabalhos anteriores e deixar o convite para que elas escrevessem para nossa revista. Continuando a dar a elas o poder de fala e foi proposta uma dinâmica para que escrevessem uma frase e nos devolvessem o papel. Concluo aqui o meu relato sobre esta vivência deixando como desfecho algumas respostas para esta pergunta:

**"PARA VOCÊ ?  
O QUE É SER ?  
GUERREIRA**

# GUATEMALA EM CINZAS DE DOR



nosso grito é abafado com fogo, mas o mesmo fogo que nos queima nos transforma.

Foram as bruxas queimadas em fogueras, foram as trabalhadoras queimadas na fábrica e, neste 8 de março de 2017, foram as meninas guatemaltecas que morreram queimadas protestando contra os abusos sexuais e sociais que seus corpos e subjetividade sofreram.

Uma assistente social leu, com voz trêmula e quase que pedindo desculpas, os nomes das meninas com mortes já confirmadas. As mães que ali estavam desmaiavam, caiam em choro compulsivo, rasgavam suas roupas e se descabelavam, gritando agora para que o mundo soubesse que elas existiram e resistiram até não aguentarem mais.

Foi um Feminicídio coletivo, 34 meninas morreram queimadas em um abrigo para jovens de 14 até os 17 anos, que estavam em situação de rua e passavam por violência doméstica ou sofriam abusos sexuais. O abrigo chamado Lar Seguro Virgem de Assunção, em San José Pínula, a 10 km da capital guatemalteca, tinha capacidade para institucionalizar 400 meninas, mas haviam 800 institucionalizadas. Já havia denúncias a respeito de abusos cometidos pelos funcionários do local, que iam desde queimaduras com cigarro, forçar comer fezes, a abusos sexuais denunciados tanto pelas meninas que estavam presas lá dentro quanto por suas mães e familiares, muitas vezes proibidas de entrar e ver suas filhas.

Houve reportagens que falavam em suicídio coletivo ou em protesto devido às condições precárias que as meninas estavam submetidas. Especularam que as próprias meninas foram responsáveis pelas suas mortes, "tendo uma atitude irresponsável", negando a responsabilidade do Estado. O protesto foi iniciado dia 07 de março, segundo informações 60 meninas fugiram e as demais deram continuidade aos protestos. Pela manhã o fogo já havia se alastrado e, mesmo dian-



## #FueElEstado



te da situação, os responsáveis chamararam policiais para construir uma barreira humana e impedir o acesso das mães e parentes presentes no local. E o mais grave, não abriram os portões.

As notícias, as fotos e os gritos de socorro e dor das mães que ouviam suas filhas gritando ajuda dentro do Lar dói em mim. A imagem da polícia impedindo que as mães se aproximassem, limitando-as a chorar, rasgar-se em pedaços por não ter permissão de acalentar as próprias filhas dói em mim. E se estamos tão latentes com nosso pertencimento de latino-americanas é necessário e urgente se fazer lembrar a vida das meninas que morreram pedido socorro e justiça. ■





ilustração: CAROLINA TEIXEIRA (ITZÁ)

mos submetidas vão mudando, piorando, se reinventando.

Nesta mesma noite, comecei a rascunhar algumas palavras no caderno da Mariana. Mariana era a única das mulheres da viagem que eu não conhecia antes. Ela pediu para registrar uma memória significativa desses 7 dias juntas para ficar de lembrança. Lembrei da adolescência quando escrevia mensagens no caderno das amigas, elas no meu... era bom fazer isso. Talvez ali já estivesse elementos de uma conexão feminina que sequer sabíamos nomear, mas certamente existia.

Dentro de minha cabeça um turbilhão. Uma mulher foi estuprada por mais de 30 homens e não há nada que eu possa fazer que reverta essa situação. Ao mesmo tempo me vinha à cabeça a sensação vivida no alto das Pirâmides de Teotihuacan, há 3 dias atrás. Eu nunca imaginei estar no alto de uma pirâmide e nem que estaria com 8 mulheres em uma investigação coletiva sobre ser mulher e ocupar um lugar no mundo, atravessando fronteiras mentais e geográficas.

Mundos internos e externos se movem quando as mulheres se unem. Talvez se fundássemos um novo Tempo ou uma Nova Era, nenhuma mulher seria estuprada, nenhuma mulher seria arrastada, nenhuma seria vista como louca, histérica ou insignificante, nenhuma mulher teria seu clítoris mutilado, nenhuma mulher sucumbiria ao silêncio.

Entre a realidade e o sonho, o dito e o não-dito, o anseio e o desespero, o medo e a guerra, nasceu esse poema, inicialmente rascunhado no caderninho da Mariana. Lembrança viva e materializada, segue sendo uma tentativa permanente de

## CIDADE DO MÉXICO, 25 DE MAIO DE 2016.

Já era noite, estávamos tomando cerveja dentro do quarto no hostel, depois de um dia inteiro de andanças. Sinceramente, estava ensaiando coragem para tomar banho e arrumar minha malas, era meu último dia de viagem e voltar nem sempre é uma tarefa fácil, são muitos sentimentos para embrulhar. Era noite alta quando a Carol anunciou a notícia: - uma mulher foi estuprada no RJ por mais de 30 homens. Silêncio. Não lembro de ter conseguido dizer nada a não ser "caralho, que foda!". Fiquei paralisada diante da notícia. No fundo eu preferia não saber, preferia que não tivessem me contado. A viagem estava no fim e só queria me organizar por dentro. Mas como depois de ouvir isso? Como fingir que a violência que aconteceu com essa moça não me atravessaria mesmo estando do outro lado da América? Impossível. Mas não consegui esboçar nenhuma outra reação, fiquei atônita, reflexiva. São tantas formas de violência contra nós mulheres, fico pensando que os requintes de crueldade aos quais so-

LEVANTE

## LEVANTE

JENYFFER NASCIMENTO

PORTUGUÊS-BRASILEIRO

Escuto passos  
Estão atrás de nós  
Meus sentidos farejam o medo  
Escuto passos  
Não consigo deixar de ouvi-los  
É inevitável

Olho para trás  
Ainda não posso avistar ninguém  
Mas os passos não cessam  
E permanecem latentes aos meus  
ouvidos  
Seja qual for a direção  
Pra onde quer que eu ande  
Escuto passos

Uma mulher que caminhava  
ao meu lado  
Segurou minha mão  
Olhou fundo nos meus olhos  
E disse pra eu não ter medo  
Quem vem lá?  
Quem vem lá!  
Quem vem lá...

Os passos que escutamos  
São  
Outras de nós  
Mulheres que seguram o fio da vida  
Não podemos vê-las mas já  
podemos senti-las  
Na firmeza do seu caminhar

TRADUÇÃO: JULIANA MERCURI

ESPAÑOL

*Escucho pasos  
Están atrás de nosotras  
Mis sentidos huelean el miedo  
Escucho pasos  
No puedo dejar de escucharlos  
Es inevitable*

*Miro para atrás  
Aun no puedo ver a nadie  
Pero los pasos no cesan  
Y permanecen latentes en  
mis oídos  
Sea cual sea la dirección  
donde quieras que ande  
Escucho pasos*

*Uma mujer que caminaba  
a mi lado  
Me sostuvo la mano  
Miró en lo profundo de mis ojos  
Y dijo que no tuviera miedo  
¿Quién viene allá?  
Quién viene allá!  
Quién viene allá(...)*

*Los pasos que escuchamos  
son  
Otras de nosotras  
Mujeres que sostienen el hilo de la vida  
No las podemos ver pero las podemos  
sentir  
En la firmeza de su caminar*

LEVANTE

LEVANTE

Muitas já estão descalças e cansadas  
Mas elas se juntarão a nós  
E nós nos juntaremos as outras  
Estão vindo de todos os bairros,  
cidades e países  
Trazem apenas suas histórias e filhos  
Deixaram tudo para trás  
Há mulheres que caminham  
há mais de 50 anos  
Há mulheres que começaram  
faz alguns séculos  
Há mulheres de caminhar recente

Algo está no ar e é denso  
Sinto que a revolução se aproxima

Não é papo de vanguarda  
Não nos confunda com um exército  
Somos um tsunami de indignações e  
vontade de existir  
Pisaram em nossos corações,  
esmagaram nossas vaginas  
Mutilaram nossos corpos, distorceram  
nossas ideias  
Ousaram nos silenciar  
E ainda assim caminhamos  
Porque a vida é movimento

Quando formos bilhões nesse  
caminhar  
Nos olharemos nos olhos com amor e  
serenidade  
Certas de que estamos no caminho  
E não é qualquer caminho  
É o NOSSO CAMINHO  
Tomaremos as praças, ruas, parques,  
becos, vielas, assentamentos, aldeias  
e vilarejos

*Muchas ya están solas y cansadas  
Pero se juntaran a nosotras  
Y nosotras nos juntaremos a otras  
Están viiendo de todos los barrios,  
ciudades y países  
Traen apenas sus historias e hijos  
Dejaran todo atrás  
Hay mujeres que caminan  
hace más de cincuenta años  
Hay mujeres que comenzaron  
hace algunos siglos  
Hay mujeres de caminar reciente*

*algo hay en el aire y es denso  
siento que la revolución se aproxima*

*No se trata de vanguardia  
No nos confunda con un ejercito  
Somos um tsunami de indignaciones y  
ganas de existir  
Pisaran en nuestros corazones,  
aplastaran nuestras vaginas  
Multilaran nuestros cuerpos,  
distorsionaran nuestras ideas  
Osaron silenciarnos  
Y aun así caminamos  
Porque la vida es movimiento*

*Cuando seamos mil millones en este  
caminar  
Nos miraremos a los ojos con amor y  
serenidad  
Convencidas de que estamos en el camino  
Y no es cualquier camino  
Es nuestro camino  
Tomaremos las plazas, calles, parques,  
callejones, pasillos, asentamientos,  
aldeas y pueblos*

E já não poderão deter-nos  
O sol brilhará ainda mais forte  
E toda dor, ruína, angústia,  
humilhação, violência e solidão  
Ficará num passado histórico  
De opressão de gênero

E abriremos definitivamente os marcos  
de uma nova Era  
Pintaremos de vermelho todas as  
casas  
E criaremos pictogravuras  
Como símbolo de luta e fertilidade  
Lembrando todo sangue derramado  
no percurso  
Que agora se derrama apenas para  
nutrir a terra  
Onde plantamos as sementes de um  
tempo novo  
O Tempo das Mulheres Autônomas

Agora sinto  
É incontrolável  
Escuto passos, mais passos  
Numa cadência contínua  
Que embalam meu caminho  
A direção aponta para uma pergunta

## ONDE MEU SANGUE ME LIBERTA?

Somos água viva  
E ainda que eu pudesse  
Não consigo mais parar  
  
Escuto passos, mais passos  
É só o começo.

*Y ya no nos podrán detener  
El sol brillará aun más fuerte  
Y todo el dolor, ruina, angustia,  
humillación y soledad  
Quedará en un pasado histórico  
De opresión de genero*

*Y abriremos definitivamente los  
marcos de una nueva era  
Pintaremos de rojo todas las  
casas  
Y crearemos pictogravuras  
Como símbolo de lucha y fertilidad  
Recordando toda la sangre  
derramada en el transcurso  
Que ahora se derrama apenas para  
nutrir la tierra  
Donde plantamos las semillas de un  
tiempo nuevo  
El tiempo de las Mujeres Autonomas*

*Ahora siento  
Es incontrolable...  
Escucho pasos, más pasos  
En una cadencia continua  
Que mece mi camino  
La dirección apunta para una pregunta*

## DONDE MI SANGRE ME LIBERTA?

*Nosotras somos agua viva  
Y aunque yo pudiera  
No consigo más parar  
  
Escucho pasos, más pasos  
Es sólo el comienzo*

# MULHERES QUE LUTAM

■ Elenita Santana Almeida e Juliana Froeder

Lutar é a palavra que acompanha a vida da maioria de nós mulheres, principalmente se tratando de quem somos: mulheres nordestinas, mulheres negras e indígenas, mulheres pobres e moradoras de periferia. Lutar na maior parte do tempo não é uma escolha é questão de sobrevivência. E cotidianamente seguimos lutando e transformando nossa vida, dos nossos filhos, nossa família, nosso entorno, nossa comunidade. Uma luta incansável e contínua, sem hora pra acabar.

Na maior parte das vezes, nós as guerreiras do cotidiano - MULHERES QUE LUTAM - não aparecemos em jornais, televisão ou revistas. Não teremos estátua ou monumento em nossa homenagem pelas ruas da cidade, nem teremos nossos nomes nos livros para que possam contar essa história aos mais novos, para que possam saber de nossas batalhas, nossas derrotas e nossas vitórias.

Mas não deixamos de mirar horizontes e temos aprendido com o feminismo periférico que conhecer, ouvir e reconhecer a história das mulheres na luta por creche, moradia, educação, saúde, direito das mulheres e em outras frentes, é reconhecer a nossa própria história, é termos um espelho que nos aponta um caminho a seguir.

## APRENDENDO COM AS NOSSAS HISTÓRIAS.

**A**partir de 2013, com a reestruturação das equipes da Diretoria Regional de Educação de Campo Limpo<sup>1</sup> e da Divisão Pedagógica, responsável pela formação continuada das professoras e professores, diferentes educadoras e educadores da região foram convidados a compor a nova equipe pedagógica com o desafio de pensar em formações que fossem de fato significativas e dialogassem com as realidades locais. Assim, identificou-se a necessidade de aprofundar o olhar sobre as histórias e identidades presentes na região.

Começou, dessa forma, o processo de escuta das moradoras e moradores do território. Durante as entrevistas, um nome se destacou devido ao seu

CONHECER AQUI, ALÉM DAS NOSSAS HISTÓRIAS:  
QUE LUTAM AQUI, ALÉM DAS NOSSAS REGIÃO:



**DIANE PARDIAL**

Psicóloga, educadora, produtora cultural e idealizadora da FELIZS (Feira Literária da Zona Sul) e articuladora do Sarau do Binho. Há 23 anos é engajada em projetos sociais, culturais da região de Campo Limpo, Jd. São Luiz e Paraisópolis.



**GAL MARTINS**

Dançarina, coreógrafa e atriz, fundadora da Cia Sansacroma de dança contemporânea com atuação artística e política no extremo sul de SP. Engajada nas questões étnico-raciais, sabe a importância do resgate das nossas raízes africanas.

envolvimento nas lutas antirracistas, pela saúde da população negra e pelos direitos das mulheres. Marisa Dandara esteve envolvida em diferentes movimentos em busca de melhorias na qualidade de vida da população.

Além de Marisa Dandara, surgiram tantos outros nomes de mulheres que lutaram e ainda lutam, por demandas como moradia, educação, saúde, direitos das mulheres, entre tantas outras frentes. Essas mulheres, tantas vezes foram ou são as mães, avós e tias de nossas e nossos estudantes, ou mesmo as educadoras de nossa região. Portanto, assumimos que essas histórias são significativas e precisam estar presentes no cotidiano das escolas.

Pensando em tornar essas histórias

visíveis junto aos profissionais de educação, planejamos uma série de ações, convidando as escolas e outras instituições que atuam no território a indicar mulheres que pela sua história de vida pudessem representar suas comunidades. Entre essas ações, houve em 2014 uma exposição de fotos e históricos das mulheres indicadas. Dando sequência a essa ação, sentimos a necessidade de organizar espaços em que as mulheres pudessem compartilhar suas experiências num diálogo com as professoras e professores, sempre buscando refletir sobre a importância da valorização dessas histórias nas escolas.

De 2014 a 2016 essas atividades se consolidaram, fazendo parte do calendário formativo da Diretoria

■ Elenita Santana Almeida e Juliana Froeder



**PAULA BEATRIZ  
DE SOUZA CRUZ**

É transexual, pedagoga, pós-graduada pela UNICAMP/SP. É diretora na escola EE Santa Rosa de Lima no Capão Redondo. É militante independente dos movimentos sociais, políticos, educacionais e culturais LGBTT.



**MARIA HORTÊNCIA  
SOUZA ROJO**

É enfermeira. Nascida e criada no interior da Bahia. Protagonizou o primeiro casamento lésbico da região de Capão Redondo e se orgulha dessa história junto a sua companheira com quem vive há mais de 20 anos.

Regional de Educação de nossa região. De lá para cá tivemos contato com diversas mulheres que muitas vezes foram silenciadas dentro dos debates educacionais. O movimento que posteriormente foi denominado “Mulheres que Lutam”, foi sem dúvida uma oportunidade para que as professoras e professores de Campo Limpo pudessem identificar as potencialidades das comunidades. Pensando que é comum que o nosso território quase sempre seja identificado por suas carências e que muitas vezes esse discurso serve para desqualificar as moradoras e moradores da nossa região, partiu para uma perspectiva de valorização das lutas denota uma mudança no modo de fazer educação.

Um marco do movimento MULHERES QUE LUTAM foi mulhergear e difundir a história de mais de 170 mulheres da região. Anualmente, era realizada uma exposição que colaborou para a constituição de uma memória do nosso território que evidencia a presença marcante da atuação feminina. Acreditamos que há diferentes formas de luta e que seus cenários são múltiplos. Consideramos de suma importância as experiências das mulheres dos nossos bairros, de nossas relações familiares e profissionais.

A fim de compartilhar essas experiências e também conhecer os debates realizados em outros locais, inscrevemos o relato do “Mulheres que Lutam” no “III Congresso de Estudos Pós-coloniais e IV Jornadas de Feminismo

## REFLEXO DAS CUNHADAS ME QUISERAM HISTÉRICA

## ME QUISERAM HISTÉRICA TROQUEI A VOCAL E FUI HISTÓRICA QUEILA RODRIGUES



**DONA LOURDES  
MARIA CECILIA DE LUNA**

Militante no “Clube de Mães/Luta de mulheres” desde o período da Ditadura Militar, hoje com 82 anos, foi e ainda é uma mulher de fundamental importância para os movimentos sociais na região M’ Boi Mirim.



**SUZI  
SOARES**

É professora, produtora cultural é idealizadora e organizadora do Sarau do Binho e da FELIZs. Além de sua trajetória de engajamento sócio-cultural, Suzi é dessas mulheres inspiradoras pelo seu brilho no olho, pela sua maneira de exercer amor e autocuidado com as pessoas que a cercam.

Pós-colonial” que aconteceu entre os dias 12 e 15 de Dezembro de 2016.

Nesse congresso percebemos as várias mobilizações de mulheres que lutam contra as desigualdades de gênero em países como o Peru, Chile, Uruguai, Cuba, México, Brasil e Argentina. Debateu-se sobre racismo, desqualificação das comunidades tradicionais, as relações de trabalho, a luta contra o feminicídio, entre tantas outras demandas. Presenciamos algumas contradições durante as apresentações, como, por exemplo, o protagonismo de homens durante debates sobre o feminismo. Contudo, nos animamos com experiências que revelavam a autoria de mulheres na educação e outros espaços de produção de conhecimento, como a resistência das parteiras

do Amapá, que mesmo após vários ataques do Estado e da comunidade médica, persistem nas práticas tradicionais de atendimento às gestantes.

Essa experiência foi importante para nos fortalecer e refletir sobre possibilidades de resistência frente aos ataques conservadores que vêm se intensificando no Brasil. Este ano (2017), voltamos a atuar como professoras em nossas escolas de origem com a certeza de que o movimento “Mulheres que Lutam” deixou profundas marcas nas escolas e comunidades. Educação e que, apesar de possíveis resistências, são várias as guerreiras e guerreiros que insistem em questionar as bases excludentes da educação, e que sem dúvida vão continuar lutando para a valorização e visibilização das nossas Histórias nas escolas. ■



# FALA GUERRINHA

**N**aquele sábado havia mais de 20 crianças brincando, conversando, gargalhando. Nós lanchamos. Tão logo terminaram de comer, eles voltaram a brincar. O pronome masculino, aqui, não indica todas as crianças como nossa Língua manda fazer. Nesse caso, foram apenas os meninos que entenderam que podiam retornar às brincadeiras – enquanto isso, as meninas recolhiam papéis e plásticos do chão, pegavam vassouras para retirar as migalhas de pão, tentavam reorganizar o espaço. Um (de tantos) comportamento machista naturalizado em nós – elas limpam, eles descansam/divertem.

Quando nós, da coletiva Fala Guerreira, montamos o curso de gênero para crianças de 7 a 12 anos, planejamos e elaboramos diversos temas para que eles percebessem as diferenças na constituição social

de uma menina e de um menino. Previmos conversar sobre brincadeiras, esportes, roupas e sonhos. Mas não há planejamento que dê melhor conta do que a espontaneidade das relações se desenrolando. O episódio descrito acima virou situação-problema. Virou também combinado: no encontro seguinte, as meninas descansaram enquanto os meninos limparam - importante dizer que não era uma inversão da situação, mas uma provocação de sensações para ambos os gêneros.

Saber que o machismo é uma norma social que atravessa todas/os nós parece generalista demais. Soa distante, soa teórico. É insuficiente

para perceber o quanto está impregnado na nossa rotina, no nosso pensamento e no nosso comportamento. No entanto, quando olhamos as crianças e percebemos que nelas já há faíscas do machismo se apresentando, a frase ganha corpo, ganha sentido. E por isso escolhemos trocar ideia com as/os pequenas/os. Para discutir, mas, bem mais que isso, para aprender com elas/eles.

Foram quatro dias de colheita. Foram mais ou menos 25 pares de olhos cruzando com os nossos, crescendo e nos pondo maiores. Quase todas as crianças eram moradoras do Jardim Ibirapuera, bairro que nos encontramos enquanto coletiva. Quase todas também já se conheciam por frequentarem atividades no Bloquinho do Brincar, onde realizamos o Fala Guerreirinha. Ainda assim, havia crianças novas, o que modificava a dinâmica e a energia

do grupo. Nós apostamos nisso para crescer juntas/os.

Já no primeiro encontro, Bruno, 9 anos, contou que fazia balé. Jean, 10 anos, que fazia ginástica. Os dois disseram gostar das atividades, mas não as fazem mais. O balé é coisa de menina, não está na lista de coisas permitidas ao gênero masculino. Menino que faz ginástica também vira mulher, assim como mulher que joga futebol é sapatão – ou seja, é meio homem. As afirmações causaram um caos sonoro e um debate entre eles. Sim, nós queríamos que elas/eles pensassem sobre essas verdades que traziam! E era fundamental que ouvissem uns aos outros, que a coletividade

fizesse presença ali. "É raro que qualquer professor, por eloquente que seja, consiga gerar por meio de seus atos um entusiasmo suficiente para criar uma sala de aula empolgante. O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo", escreve Bell Hooks em *Ensinando a Transgredir*. Funcionou. Adrielly, 11 anos, respondeu que: ainda que as meninas não saibam jogar bola, podem aprender, assim como há coisas que os meninos não sabem e que também vão aprender. Assertiva e pedagógica.

A cada sábado, montávamos um pedaço que seria o resultado do nosso encontro: um gibi. Um gibi feito por elas/eles, com desenhos e histórias que elas/eles mesmos elaboraram sobre gênero – que vão desde uma super-heroína ao grupo Combatentes do Preconceito. Cada criança ganhou 10 exemplares para distribuir a quem quiser. E não

há expressão que dê conta de explicar a reação de cada uma ao ver o gibi pronto. Arrisco dizer que é a sensação de se saber potente, de se ver criador e de ter a criação em mãos.

Nossas aprendizagens desse período trouxeram dor, puseram-nos pra repensar até mesmo as relações internas da coletiva. E por isso não é preciso hesitar em dizer que o projeto foi grande e nos colocou pra andar. Descobrimos novas fragilidades e novas forças e munidas delas prosseguimos na caminhada, na tentativa de plantar um lugar mais bonito para todas/os nós! Estamos a caminho...

**DAYSE DE OLIVEIRA**

QUE  
LEGAT



## CRIANÇAS: O AFETO QUE FAZ (MUITO) BARULHO!



**GABRIELA MIRANDA**

**E**u sempre fui meio adolescente e ainda sou mesmo a vida adulta insistindo impacientemente para que eu me aproprie dela, eu a evito. Fui dessas adolescentes que não conversava, não brincava e não tinha intenção nenhuma de me entrosar

com as crianças menores ou, enfim, qualquer pessoa que tivesse um ano a menos do que a minha idade.

De lá pra cá, eu fui alimentando esse lugar de me manter o mais distante possível de crianças e de todo esse universo da infância. No meio desse distanciamento, eu tive uma irmã – essa, onze anos mais nova do que – foi uma relação dolorosa, construída aos trancos e barrancos (mas, hoje, estamos em nossa fase mais bonita).

Precisei iniciar contextualizando para que o relato que se inicia agora ganhe mais caldo e alcance e devida intensidade.

No decorrer dos anos de 2015-2016 eu tive contato com uma porção de gente que me mostrou outros caminhos e me ensinou – literalmente – que tem uma porção de coisas mal resolvidas, que acontece enquanto somos crianças, que resultam no adulto que

somos. Foi ao me deparar com isso, com amigas que se tornaram mães, com a aproximação com a minha irmã – então, criança – da aproximação com a minha mãe, que eu fui resgatando esse lugar da infância. No meio desses processos, o projeto 'Fala Guerreirinha' onde eu pude personificar o quanto é importante pensarmos na criança como figura para construção de uma sociedade mais liberta. O projeto propunha, em uma série de encontros com crianças de 04 a 12 anos, discutirmos as relações de gênero na infância. Quando é, de fato, que se decide o que é coisa de menino e o que é coisa de menina? O que eles, na sua pequenez de gente, mas imensidão de possibilidades enxergavam disso?

Juntas – eu e as meninas – nos aventuremos em tardes de sábados inteiras nessa investigação compartilhada, que, certamente, fez muito mais sentido para mim do que pra eles. Hoje, ao final do projeto, eu vejo que para eles, talvez, eu tenha sido só 'a tia que está contando umas histórias e fazendo umas brincadeiras', enquanto que, para mim, eles foram às crianças que me fizeram resgatar – num lugar muito abandonado por mim – a questão da representatividade. De ter alguém – ou alguém – para mirar, para se sentir próximo ou para se sentir afastado, invadido. Estar perto delas, por algumas horas, me mostrou que os barulhos, as inquietações, as euforias e ansiedades são todos os formatos de afetos que eles dispõem para comunicar seus sentimentos, seus conhecimentos, seus incômodos e felicidades. E que, justamente por isso, é que se deve olhar com calma, atenção, cari-

nho, de perto, do lado – não de cima, tão pouco a frente.

Dado essas reflexões, hoje eu encerro o dia com o coração mais quente e, literalmente derretido. Por ter visto que, junto com eles, nós conseguimos criar algo. Pra materializar as sensações e o processo, um gibi. Mas que, pra, além disso, foi um tempo de partilha, de empoderamento, de autonomia para dividir umas tardes de sábado sem muito roteiro, poucas obrigações e muito carinho e confusão. Foi olhar para a infância como o território um de todos os lugares afetivos, sentimentais, intelectuais. Se eu pudesse dizer a cada um deles – cada um deles que fazia muito barulho na minha cabeça, que me abraçavam quando eu chegava que não me obedecia quando eu pedia silêncio que davam abraço de tchau no final do dia – o quanto eles me fizeram melhor enquanto pessoa, de uma forma menos adulta, eu falaria. ■

## MILENA MIRANDA, 11 ANOS

Você nunca vai se sentir desconfortável de sair na rua com uma roupa "muito curta". Você nunca vai sair de casa e ouvir as frases: "Ô lá em casa", "essa eu pegava", "essa até serve pra uma noite". Nenhuma mulher vai te parar no caminho para o banheiro da balada, puxar o seu cabelo ou seu braço e sussurrar no seu ouvido 'gostosa', só porque você quer ir ao banheiro. Ninguém vai te encoxar no transporte público; Ninguém vai tirar fotos íntimas suas, sem a sua permissão, e publicar na internet. Você sabe porque você nunca vai passar por isso? Porque você simplesmente homem, um gênero oposto ao meu. Porque tudo o que eu citei aqui acontece comigo e com mais de um milhão de mulheres no mundo.

Então eu continuo me perguntando, se ninguém faz isso com você, então porque você faz comigo? com elas? com a gente?

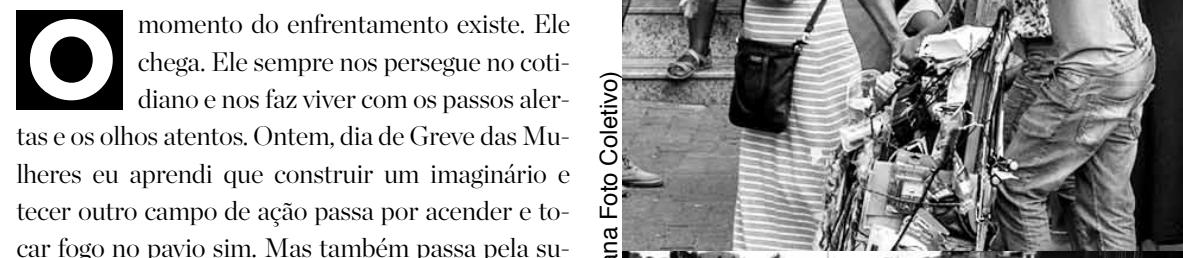


# 8 DE MARÇO NA QUEBRADA: TROCANDO IDEIA MANA A MANA



O momento do enfrentamento existe. Ele chega. Ele sempre nos persegue no cotidiano e nos faz viver com os passos alertas e os olhos atentos. Ontem, dia de Greve das Mulheres eu aprendi que construir um imaginário e tecer outro campo de ação passa por acender e tocar fogo no pavio sim. Mas também passa pela sutileza de olhar para debaixo de nossos pés e entender o território que vivemos. Passa por entender as cicatrizes e marcas subjetivas que carregamos e as mulheres que nos rodeiam carregam. Passa por escolher ficar. Permanecer. Por abandonar chaves de pensamento e pautas as quais entendemos mas que não nos movem. Entender que a vida nos encarreira no transporte do caminho para casa, que as pequenas humilhações e promessas de felicidade são ardidas, que a necessidade de perguntas e prosas na bolinha do olho alimenta mais que velhas soluções e frases prontas. Que cansamos de frases engessadas e vamos permanecer com as encruzilhadas. Porque na hora do vamo vê, quem tem cor-age?

Ecoa em mim até agora nosso encontro ontem. Fico forte aqui porque colocamos nossas palavras pra



*fotos: PAULA SERRA (Revista Vaidapé), GSÉ (DIO Campanha Foto Coletivo)*



AÇÃO DAS COLETIVAS

FALA GUERREIRA  
COMUNA DEUSA  
AUDÁCIA  
LUANA BARBOSA

EU  
TRABALHADORA  
PERIFÉRICA



#EUTRABALHADORAPERIFÉRICA  
#8MNAQUEBRADA  
#FEMINISMOMALOKEIRO  
#METIOLOKOPRODUÇÕES

andar. Elas entram no terminal de ônibus, pulam a catraca, sobem viela, dormem no beliche. Agradeço a benção de poder aprender com mulheres encarnadas. Com mulheres com brilho no olho de dignidade rebelde. Essas pequenas

imensas alegrias de multiplicar o pão e ser encorajada.

De poder construir algo bonito. Bonito de verdade. Que se toca no osso lá do fundo das boniteza eu consigo distinguir: isso é pura maravilha.

Viva nós. Viva a mulherada maloqueira e todas as minas monas e manos da quebrada. ■

ONDE O FEMINISMO FAZ A CURVA, ESTAMOS AQUI COM IDÉIA PRA TROCAR.



# VANETE DE ALMEIDA E A REDE DE MULHERES RURAIS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE

**V**ocê sabia que existe a Rede de Mulheres Rurais da América Latina e do Caribe – Rede LAC – e que Vanete de Almeida, mulher negra e sertaneja, foi uma das que ajudou a fundar essa organização? Ela faleceu em 2009 enfrentando um câncer. Foi uma guerreira que veio lá do interior de Pernambuco e fez história na vida de muitas mulheres rurais. Aqui vamos publicar uma pequena parte de uma entrevista concedida ao Museu da Pessoa, que remonta sua história (acesso: museudapessoa.net). Nada melhor que ela mesma para se apresentar. Com sua luta e sabedoria do sertão, Vanete deixa saudades e suas lembranças para que nós guerreiras avoemos por aí enraizadas em nossa ancestralidade, as palavras que seguem são fáscias para acalentar a chama de *nuestros corazones rebeldes y en lucha* (nossos corações rebeldes e em luta):

**E ESSE JEITO DE OUVIR, DE LEVAR UM ESTÍMULO (COM AS MULHERES)... VOCÊ FOI CRIANDO UM JEITO DE TRABALHAR, VANETE?**

**VANETE** Fui criando. Não sei de onde vinha a inspiração. Não sei. Fui escutando as mulheres e fui ajudando elas a falarem. Eu achava que eu não podia chegar com nada pronto. Eu nem sabia que mundo era aquele delas. Eu tinha que ouvi-las. Era muito emocionante. Porque, normalmente, até para dizer o nome delas elas tinham dificuldade. “Como é seu nome?”. Tinha um tempo para esperar até que elas conseguissem dizer seu nome. E assim fomos. Quando foi em 84, já dois anos desse pinga-pinga, desse trabalho de formiga, em 84, por conta de eu estar em tantos municípios, eu consegui fazer um encontro, no qual vieram mulheres de vários municípios. Eu trouxe duas para fazer a preparação, para a gente discutir como ia ser o encontro. E acho que vieram 23 ou 25 no primeiro. A gente chama de Encontro Molhado. Só tinha choro, só tinha lágrimas, só tinha dor.

(...)

**VOCÊ CONSEGUIU ORGANIZAR ESSE ENCONTRO COM O APOIO DE QUEM?**

**VANETE** Conseguir organizar esse encontro com o apoio dos sindicatos, alimentação, transporte. Trazer essas mulheres assustadas. “Para onde que nós estamos indo? Que é que vai acontecer? Que encontro é esse?”. E para esse encontro eu já pensei: “Vou fazer um cartaz. Esse encontro tem que acontecer com um cartaz. Como é que vai chegar essa notícia para outras mulheres se

**INICIADA EM 1990, A REDE DE MULHERES RURAIS DA AMÉRICA LATINA E CARIBE – REDE LAC SE CONSOLIDOU PELA DECISÃO DE 230 LIDERANÇAS RURAIS DE 100 ORGANIZAÇÕES DE 21 PAÍSES, NUM ENCONTRO INÉDITO, REALIZADO EM FORTALEZA, BRASIL, EM 1996. SUA PROPOSTA É ARTICULAR DIFERENTES GRUPOS, ORGANizações E MOVIMENTOS DE MULHERES RURAIS NO CONTINENTE. ELA TAMBÉM APÓIA E PARTICIPA DE DENÚNCIAS, CONSTRÓI E ENCAMINHA REIVINDICAÇÕES E PROPOSTAS. ATUA AINDA EM ARTICULAÇÕES POLÍTICAS EM DEFESA DE SEUS DIREITOS COMO MULHERES E CIDADÃS.**

Immaculada Lopez Prieto, Museu da Pessoa



foto: REVISTA TRIP

não tem um cartaz?”. Eu fiz um cartaz: “Somos mulheres e temos valor”. Era um cartaz simples, feito em uma gráfica em Serra Talhada, todo azul, com umas fotos de mulheres.

E, depois, fiz o relatório desse encontro. Elaborei um relatório bem bonito. Havia encontro em todo o estado e eu ia levar esse relatório e entregar para todo o estado. Porque dentro do sindicato, era muito mal visto esse meu trabalho com as mulheres. Diziam que eu era divisionista, diziam que eu estava querendo rebentar o movimento sindical com essa história de mulheres. Me faziam uma porção de acusações. Eu tive que fazer esse trabalho as escondidas. E aí o clima era tão difícil que eu não pude entregar o

relatório em mãos. Quando eles (os sindicalistas) saíram para almoçar, em cada cadeira eu botei um.

Ia haver um congresso de trabalhadores rurais em Brasília, não sei se era o quarto ou quinto. E eu disse, já com outra amiga minha, Daiza: “Vamos pegar o resumo desse pequeno encontro e vamos levar para o congresso como uma tese?”. E minha amiga: “Vamos”. Uma folha. Fizemos uma folha que era a participação de nós trabalhadoras rurais no nosso movimento sindical. Como tem toda uma burocracia, como nós estávamos em uma região do estado e isso tinha que passar dentro do material do estado, eu convoquei os homens (...) E foram cinco homens. Chegaram lá, conversaram com a direção, a direção disse “não”. Que já estava fechado o material do Estado e não ia botar aquilo.

Aí eu conhecia o pessoal da Oxfam, eu não desisti. Eu queria copiar cinco mil cópias para levar para cada participante do congresso, já que não tinha passado na tese de

Pernambuco. Aí fui. A Oxfam compreendeu, me apoiou.

Encaixotei todas essas cópias, botei dentro da mala e levei para Brasília, nos ônibus da delegação do sertão. E, na viagem, eu fui discutindo com as poucas mulheres que nós tínhamos que distribuir aquela tese com todo mundo e fazer com que a discussão passasse dentro da Comissão de sindicalismo no Congresso.

(...)

**UM PEQUENO DETALHE QUE VOCÊ FALOU: "CHEGUEI E FIZ UM RELATÓRIO". POR QUE ESSA PREOCUPAÇÃO EM FAZER UM RELATÓRIO JÁ DO PRIMEIRO ENCONTRO?**

**VANETE** E não só daquele. Tudo eu escrevia e guardava. Tudo. As primeiras reuniões, como foram, o que foi. E não sei também de onde veio, mas eu tinha um senso de registro da história. Eu achava que aquela história tinha que ser escrita. Tinha que estar registrada. E ela só podia estar registrada assim: à medida que eu fosse vivendo e fosse fazendo. Ia fazendo e guardando dentro do arquivo no Centro da Fetape em Serra Talhada – PE.

(...)

**E QUAL ERA O CONTEÚDO DESSES ENCONTROS? QUAL ERA A PRINCIPAL REIVINDICAÇÃO NAQUELE MOMENTO?**

**VANETE** Nesses primeiros momentos, era a participação, a organização. De que forma nós íamos fazer aquilo? Era também a identidade. “Quem sou eu?”. Era construir a autoestima. Era saber sobre o meu corpo. “Como ele funciona? Como ele é?” E tudo isso está registrado.

**SÃO TEMAS QUE SURGIAM DELAS?**

**VANETE** São temas que apareciam delas e que a gente ia construindo devagarinho. Me lembro que de cor a gente fez todos os pedaços do corpo: o coração, o fígado, o intestino, o útero. Estavam todas as fichinhas viradas, e a gente ia perguntando a cada uma como era seu corpo por dentro. E elas não sabiam. Nem os nomes dos outros elas sabiam. Sabia do coração, sabia do pulmão. O útero elas chamavam de outro nome. O intestino elas chamavam de outro nome. E a gente apontava tudo que elas conheciam, que elas sabiam no conjunto. E depois montava e dizia: “Isso aqui tem esse nome. É isso”. Era uma risada, elas riam, achavam bonito, estar aprendendo outras coi-

sas. Coisa muito simples, muito simples, muito pequenina da vida delas. Mas que elas precisavam ir dominando aquilo ali e sabendo.

Uma vez discutindo o corpo, uma mulher, ela ficava ouvindo assim, escutando, escutando, e pediu para falar: “Mas, Vanete, eu tive 16 filhos e não sabia que eu era uma engenharia dessas?” Então era tudo muito lindo! Os depoimentos de cada uma. A questão da mulher, da importância da mulher, das relações entre homens e mulheres. E, este era muito difícil, sempre de domínio, violência, exploração, machismo.

(...)

**E OS CAMINHOS DE DONA VANETE SE ENCONTRARAM NA NICARÁGUА...**

**VANETE** Nesse caminho, eu tinha ido para a Nicarágua. Em 1987, havia uma brigada, não sei como eu descobri, ia uma brigada de brasileiros para a Nicarágua. E eu assim, apaixonada pelo socialismo, né? “Eu vou lá ver como é.” E eu não tinha dinheiro para a passagem. Sempre fui pobre, sempre ganhei muito pouco. Aí eu passei uma carta circular para meus amigos: “Ó, pessoal, quero ir para a Nicarágua e não tenho dinheiro, vê como é que vocês me ajudam”. E chegou dinheiro na minha conta. Os trabalhadores me davam um real, dois reais, cinco reais. Um chegava com um casaco de frio, outro me dava uma meia, e estava pronta para ir para a Nicarágua. Nisso fui-me embora – eu só tinha Léo nessa época.

Fui para a Nicarágua, e lá a gente podia escolher para onde queria ir. E eu queria ir para o campo. Eu fui para uma fazenda estatal que se chamava La Pintada em Matagalpa. E fui colher café junto com os trabalhadores. Passei três meses. Perdi 10

**UMA VEZ DISCUTINDO O CORPO, UMA MULHER, ELA FICAVA OUVINDO ASSIM, ESCUTANDO, E PEDIU PARA FALAR:**

**“MAS, VANETE, EU TIVE 16 FILHOS E NÃO SABIA QUE EU ERA UMA ENGENHARIA DESSAS?”**

quilos, isso foi bom. Essa parte foi boa. E aí fiquei cheia de verme, parecia um zoológico de verme. Foi uma experiência boa, primeiro chegar na Nicarágua. Quando eu desci do avião, que pisei o solo da Nicarágua, eu não posso descrever a emoção que eu senti. Porque para mim, era como chegar no sonho. Eu tinha chegado no lugar onde os trabalhadores iam construir outra vida, era isso a Nicarágua para mim. Era chegar no sonho. Parecia que eu estava voando, não estava andando naquelas terras. E aí fui. Tive muitas decepções. Tanto com a delegação brasileira como com os dirigentes sandinistas. Tive confrontamentos etc.

Com os trabalhadores a minha relação foi a mais linda que você pode imaginar. Basta te dizer que eu estava assim, dentro da floresta, catando café e escutava: “Vanete, Vanete”. Era um trabalhador nicaraguense me trazendo uma comida especial. Eu ia passando e uma mulher chamava: “Vanete”. Ela estava me oferecendo um copo de leite. Então, minha relação com eles foi lindíssima.

**ESSE VÍNCULO COM A AMÉRICA LATINA COMEÇA A NASCER AÍ?**

**VANETE** É. Eu tive toda uma decepção com o socialismo, com os sandinistas.

Mas eu começo a pensar que nós temos que nos unir, que romper com as fronteiras. Que a Nicarágua não pode ficar tão longe do Brasil como é hoje. E eu já tinha ido a uma reunião feminista em 83, 84 onde as reuniões se davam na sala da casa onde eu estava hospedada. E ali, noto que eu precisava fazer alguma coisa.

**A QUAIS REUNIÕES NA SUA CASA VOCÊ ESTÁ SE REFERINDO?**

**VANETE** No encontro feminista. Eu encontrava com operárias, digo: “Vamos a minha casa conversar?” Encontrava uma mulher que trabalhava: “Vamos a minha casa conversar?”. E eu cheguei a juntar mais de 20 mulheres dentro da casa que eu estava hospedada – como um chalé – em uma conversa informal. Conversar como era no teu país, como era no meu. E aí eu botei na cabeça: “No próximo encontro feminista, eu vou fazer uma oficina dentro da programação. Aberta. Não vai ser assim na sala do meu chalé”. Foi quando eu propus a oficina “Nossas Vidas, Nossas Organizações”, para o V Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe na Argentina em 1990.

**ESPERANDO QUE ACONTECESSE O QUÊ?**

**VANETE** Ah! Eu esperava encontrar muitas mulheres lá, e que a gente ia falar muita coisa. E que ia ser uma oficina muito bonita. Mas aí no primeiro dia não chegou ninguém. Eu enchi de cartazes dizendo: “Mulheres rurais e quem trabalha com mulheres rurais vamos nos reunir em tal lugar”. Eu enchi no refeitório que eu sei que é um lugar onde todo mundo vai. No outro dia, estava cheia a oficina. Fiquei muito feliz. Estava super linda. E aí não nos separamos mais. Nessa oficina, todo dia, estávamos juntas.

**ERAM TRABALHADORAS RURAIS?**

**VANETE** De trabalhadoras rurais, estavam as brasileiras, Kika, do Uruguai, e duas argentinas. Eram poucas. Acho que oito mulheres rurais. A essas, eu dava a principal voz. Elas falavam primeiro. Depois, eu abria para a roda para escutá-las. E como fomos apertando a coisa, tiramos um documento para ser lido no final do encontro, dizendo qual era a posição das mulheres rurais naquele encontro. E nos reunimos – eu, Betty Leveau, Kika Casas, Isabel Saez e outra da Argentina: o que é que nós íamos fazer depois daquilo? Nós não podíamos parar ali. ■

# AQUI TEM MULHER FIRME ARREBENTANDO AS SUAS CORRENTEIS.



**A**ntes de começar o texto propriamente, gostaria de fazer algumas breves considerações. - Há tempos quero esboçar algumas linhas sobre as possíveis aproximações entre os feminismos da América Latina. Essa vontade surgiu de maneira mais aguçada quando comecei a pesquisar de maneira autônoma referências de mulheres latinas - tanto naquilo que concerne a formulação teórico crítica do pensamento feminista e/ou no que diz respeito aos processos de organização política de enfrentamento cotidiano do patriarcado e do machismo, já digo de pronto que a pesquisa não teve muito sucesso. Muito do que se formula

(e quem formula) sobre o feminismo ainda está centrada na perspectiva do feminismo europeu, hegemônico. Não excluo a importância das contribuições de todas as mulheres ao redor do mundo que lutaram/lutam e se dedicaram/dedicam pela emancipação social e política das mulheres, mas sabemos que a produção do conhecimento ainda é um espaço de disputa árdua, principalmente para nós, mulheres pobres, que temos nossa existência marcada pela dominação ideológica, social e política. O patriarcado e o machismo atuam de maneira semelhantes em todos os lugares em que se constituem como pilares da estrutura social, mas me parece um tanto sintomático não termos tantas referências de mulheres latino americanas no feminismo como temos de países europeus - por exemplo, as teóricas feministas francesas. Como já disse, esse texto não é para invalidar a produção de nenhuma feminista, mas é para provocar a reflexão sobre qual o espaço historicamente as mulheres do território abya yala tem ocupado no feminismo? Por que nossas produções, vivências e experiências feministas ainda são tão invisibilizadas?

Não procurarei dar respostas óbvias a tais perguntas, o que gostaria de fazer - talvez enquanto tentativa de alguma resposta é elucidar as semelhanças entre alguns feminismos que vem sendo construídos na nossa madre sofrida e amada latino américa e, para isso, utilizarei os ainda poucos referenciais disponíveis de maneira acessível sobre experiências feministas coletivas de alguns países da América Latina - espero que depois desse texto eu possa encontrar outras manas com a mesma sede de conhecimento (e descolonização) da nossa história (assim como encontrei na coletiva Fala Guerreira), para que possamos trocar, buscar e construir juntas. A história é movimento, e nós nunca estivemos paradas. *iAdelante, hermanas!*

## FEMINISMOS DISSIDENTES NO TERRITÓRIO ABYA YALA:

Até onde se sabe, o feminismo comunitário tem início na Bolívia nos anos 1990 aliado à luta contra o racismo, o neoliberalismo e o patriarcado. É um feminismo construído a partir do horizonte dos povos

indígenas da América Latina: o Bem Viver. O bem viver é uma ideologia que partilha de princípios da construção coletiva de outro mundo possível para toda a humanidade rompendo com a lógica perversa da propriedade privada da terra e dos meios de produção. O bem viver nada tem a ver com consumismo ou acúmulo de riqueza material, é exatamente o contrário disso - o bem viver está relacionado com a nossa conexão mais íntima com todos os elementos da natureza e com a nossa origem ancestral. É reconhecer-se como parte constituinte do meio em que se vive. O corpo também é território e o território também é corpo: ambos vivos, pulsantes e marcados por memórias ancestrais que de alguma forma os alimentam, ou melhor, nos alimentam. O feminismo comunitário surge, então, a partir da perspectiva de reafirmar a importância da relação harmônica com os recursos naturais e também com a nossa ancestralidade:

**NOMEAR A PACHAMAMA E A NATUREZA COMO ORIGEM, CONSTRUTORAS DO QUE SOMOS. SOMOS FILHAS DESTAS TERRAS , E A TERRA É MÃE E TAMBÉM NOSSA FILHA QUE TEMOS QUE CUIDAR E DE NENHUMA MANEIRA CONVERTÊ-LA EM PROPRIEDADE PRIVADA, MUITOS MENOS EXPORTÁ-LA. ESSA É FORMA DE PENSAR QUE A MÃE (TERRA) NOS FAZ E NÓS TAMBÉM FAZEMOS A MÃE (TERRA), É A MANEIRA DE ENTENDER COMO SE FAZEM AS CULTURAS, AS TRADIÇÕES E OS COSTUMES.**

(Julieta Paredes)

Parte desse entendimento está sedimentado na visão de mundo de alguns povos indígenas da América Latina.

O feminismo comunitário foi/é uma potente corrente do feminismo para as mulheres latino americanas indígenas no combate cotidiano ao machismo. Foi um avanço histórico para o feminismo enquanto movimento social e um importante questionamento sobre o feminismo que vinha sendo propagado, principalmente através das universidades, o chamado feminismo hegemônico.

O Feminismo comunitário surge como resistência das mulheres do território Abya Yala ao patriarcado, ao machismo, a misoginia, ao racismo e todas as opressões que nos assolam. Ainda que a história de mulheres feministas, pobres, negras, mestiças, indígenas seja pouco contada, é importante dizer que elas existem, lutam e resistem em todas as partes do mundo. Ainda que essas não tenham seus nomes estampados em listas de “feministas do ano”, estão dia após dia, ali, na miudeza do cotidiano, se rebelando contra as atrocidades desse sistema cruel, do Estado, e organizando a rebeldia feminina em seus territórios.

## FEMINISMO AUTÔNOMO: EXPERIÊNCIA DA COLETIVA MUJERES CREANDO

Em 1990, a conjuntura mundial passava por um momento árduo, concretiza-se o neoliberalismo enquanto regime social mundial, solapando ainda mais a vida dos povos do território Abya Yala. É nesse contexto que surge em 1992 a coletiva “*mujeres creando*”, num bairro da periferia da cidade de La Paz, Bolívia. A coletiva mujeres creando é uma iniciativa de mulheres feministas autônomas - o meu entendimento sobre feminismo autônomo é um feminismo livre de qualquer influência financeira e política de atores que possam incidir sobre os rumos do movimento. É um feminismo que trava a luta necessária contra a autoridade dos Estados e das instituições que servem ao Estado, por exemplo, a polícia, a Igreja. A coletiva mujeres creando tem como percussoras Julieta Paredes - uma das principais referências do feminismo comunitário, e María Galindo - uma das principais referências da luta anarco-feminista na Bolívia. Em 2002,

por diferenças políticas Julieta Paredes funda o *mujeres creando comunidad*, uma dissidência do *mujeres creando*. Não entrarei aqui nas polêmicas sobre esse assunto, o que gostaria de me deter é ao relato brevemente sobre a experiência do grupo ao qual María Galindo integra, o *mujeres creando*.

Quando ouvi falar da *mujeres creando*, o que mais me chamou atenção foi a ação política que elas desenvolvem na Bolívia e é um pouco sobre isso que vou escrever nas próximas linhas: A coletiva tem uma casa chamada A Virgem dos Desejos, e lá tem atendimento médico gratuito, biblioteca, livraria, sala de vídeos para exibição de filmes feministas e um amplo refeitório onde se realizam encontros políticos e culturais.

A casa das “*Mujeres Creando*” também conta com um serviço que apoia as mulheres que saíram do ciclo de violência e desenvolve projetos com mulheres em situação de prostituição.

Outra marca da coletiva é a utilização do grafite enquanto uma arma poderosa de comunicação e de denúncia ao machismo e às demais opressões. As *mujeres creando* fazem das ruas o território-corpo que pulsa rebeldia!

As *mujeres creando* têm denunciado de diversas maneiras todas as atrocidades, mas principalmente, através de manifestações nas ruas, as atrocidades praticadas pelos governos bolivianos à vida das mulheres. Mesmo que haja na Bolívia uma lei que criminalize o feminicídio, segundo dados da ONU mulheres, a Bolívia é o país latino-americano com maiores índices de violência machista e o segundo depois do Haiti em violência sexual. Isso só comprava o

que já sabemos, a violência patriarcal é estrutural, ela caminha de mãos dadas com as demais opressões, as leis não são suficientes para alterar as estruturas da sociedade na direção de uma verdadeira justiça de classe, raça e gênero.

A coletiva *mujeres creando* tem se preocupado com a vida das mulheres bolivianas, criando redes de apoio que interferiram em mudanças reais no cotidiano dessas mulheres. A militância das mulheres *creando* não se trata de filantropia barata, não se trata de caridade de maneira vertical, se trata de solidariedade de classe, se trata da luta vital pela nossa plena liberdade! Não podemos esperar que os de cima travem essa luta por nós.

## TECENDO FIOS ENTRE O FEMINISMO PERIFÉRICO E LATINO-AMERICANO

A discussão do feminismo é pensada em três momentos históricos, ou três ondas, como custamos dizer. Não desconsidero a importância de pensar o feminismo a partir dessa ótica histórica, mas a pergunta que sempre me faço, é em qual dessas ondas estaria o feminismo das mulheres periféricas? O que me parece é que os espaços de produção do conhecimento, principalmente a universidade, considera muito pouco - quase nada mesmo - a luta das mulheres faveladas. Estou falando da universidade porque as formulações feministas ficaram muito centradas nesse locus. Eu tenho uma crise danada com esse negócio de muita gente não considerar a importância histórica que mulheres que lideravam o Movimento Contra o Auto Custo de Vida. Eu, talvez de maneira errônea, as considere grandes referências

feministas. “O Movimento do Custo de Vida foi idealizado por frequentadoras do Clube, moradoras do Jardim Nakamura. Em 1975, Ano Internacional da Mulher, elas sugeriram uma pesquisa, realizada entre mil famílias, para esclarecer como era viver com os salários corroídos pela inflação. Com os dados do levantamento, já bem articuladas, resolveram aproveitar a efemeride para denunciar a carestia.” Vejam só meu povo, um movimento em plena ditadura militar (formada em sua maioria por mulheres donas de casa) se rebelar contra O Estado, e se rebelar porque o que estava em jogo era a própria sobrevivência do povo pobre, me parece uma coisa pra lá de potente! Ah, e antes disso teve o Clube de Mães da Zona Sul, outro importante marco histórico para que nós, mulheres periféricas, possamos nos referenciar.

Eu acho um tanto inocente quando escuto alguém dizer que as feministas periféricas são uma “nova vertente do feminismo” porque isso é de certa forma excluir o feminismo de luta que as mulheres pobres historicamente travaram, mas isso é uma perspectiva e dá um bom debate!

A periferia é o território das mulheres subversivas, que desafiam dia após dia as estatísticas do Estado opressor. O feminismo periférico, assim como o feminismo comunitário, o feminismo afro-colombiano e tantos outros feminismos que vêm sendo construídos na América Latina são um grito de rebeldia de mulheres que estão nos mostrando que a história não começa agora, que a história não pode ser contada somente a partir da oficialidade, porque a oficialidade não nos cabe: somos clandestinas! Nunca estivemos caladas, nossos poros transpiram ancestralidade e resistência. Estamos à margem, mas não estamos sozinhas, nossa força vem de antes!

Os feminismos em Aby Yala estão cada vez mais buscando tecer os fios de resistência que compõem o emaranhado que dão tons a essa terra tão cheia de complexidade.

A raiz da liberdade consiste em descolonizar nossos pensamentos, nossos conhecimentos, nossos afetos. É uma árdua tarefa, mas estamos dispostas a enfrentá-la. Nunca mais uma história sin nosotras! ■



►Johana Forero Henao, Ciudad de Manizales, Caldas. Colômbia Comuna San José

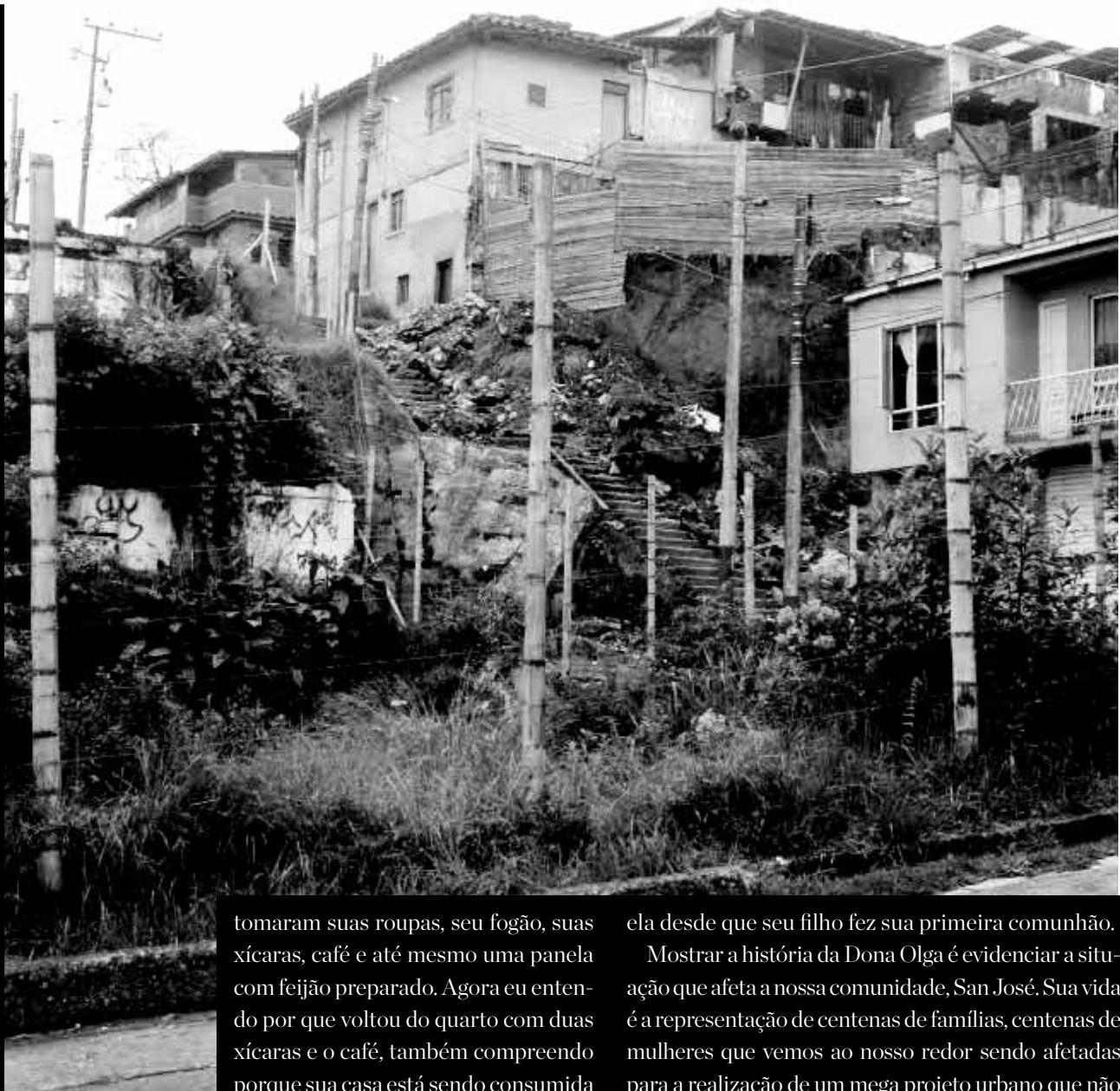
# UM CAFE COM DONA OLGA

As mulheres de San José, Colômbia, passaram a lutar pelo direito à moradia. Chegamos a conhecer uma das casas que funcionava como um centro cultural de resistência para guardar a memória de como viviam as famílias antes da construção de uma grande rodovia que cortou a cidade e desabrigou muitas famílias, forçando crianças a deixar as escolas próximas de suas casas. A promessa do Estado foi a construção de conjuntos habitacionais de 56 m<sup>2</sup>, erguidos em cima de morros - o que apresenta risco eminente de desmoronar. Uma das principais queixas dos moradores de San José contra a imposta racionalidade neoliberal era o tamanho dos apartamentos, já que antes as famílias viviam em sistema de coletividade (havia bibliotecas em suas casas para as crianças que ali moravam, a cozinha era coletiva, havia grandes salas, as casas cabiam até de 10 famílias), ideia totalmente incompatível com a possibilidade de morar em locais pequenos. A luta das mulheres foi registrada dentro de sua individualidade, mostrando aquilo que ainda tentam preservar para evidenciar sua tradição.

**D**ona Olga vive em San José há mais de cinquenta anos na companhia de um de seus filhos; quando visitei sua casa ela me ofereceu uma xícara de café enquanto se dirigia para um dos quartos. No mesmo momento eu comecei a fotografar a umidade que hoje existe na sua casa. Ao voltar para a sala, Dona Olga retorna com duas xícaras e uma bule para fazer café, eu silenciosamente analiso o cenário e continuo fotografando.

Caminho para a cozinha. Escuto ela relatar que há quatro anos se sente uma prisioneira em sua própria casa. A demolição levou todas as casas ao redor e sua resistência ficou sozinha no território. Deixou-a sozinha com seu filho, não existe nada nos oito quarteirões ao redor. As paredes da sua casa se deterioraram por causa de danos da construção da estrada, muitas rachaduras, na mesma proporção das grandes máquinas que passam por ali.

Sua casa deixou de ser aquele espaço cheio de memórias, repleto de sentimentos, de crianças, filhos e netos. Agora está cheio de desespero por não ser capaz de sair, ir à uma praça ou no mercado enquanto o seu filho trabalha. Sair de casa significa abandoná-la sozinha aos ladrões que



tomaram suas roupas, seu fogão, suas xícaras, café e até mesmo uma panela com feijão preparado. Agora eu entendendo por que voltou do quarto com duas xícaras e o café, também compreendo porque sua casa está sendo consumida pela umidade e pelo silêncio.

Agora eu começo a entender o porquê seu fogão está preso a uma corda e, o que é pior, as razões pelas quais não voltei a vê-la novamente no parque ou até mesmo na missa no domingo à tarde que era sagrada para

ela desde que seu filho fez sua primeira comunhão.

Mostrar a história da Dona Olga é evidenciar a situação que afeta a nossa comunidade, San José. Sua vida é a representação de centenas de famílias, centenas de mulheres que vemos ao nosso redor sendo afetadas para a realização de um mega projeto urbano que não respeita nossos direitos a uma vida digna. Queremos um desenvolvimento que venha a completar nossa identidade e, especialmente, nossa liberdade, porque como Dona Olga, eu também estou sofrendo a deterioração gradual da minha casa, sinto o aumento da insegurança nas ruas e, especialmente, a tristeza de ver como meus vizinhos que se vão um a um. ■

►Johana Forero Henao, Ciudad de Manizales, Caldas. Colômbia Comuna San José



## O VALE VEM DE MULHERES QUE RESISTEM NOS TERRITÓRIOS

**E**star em outro país gera o isolamento das culturas, redes familiares e sociais, situações que provocam incertezas e maior vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, migrar também quer dizer resistir, solidarizar-se e travar uma luta incessante para a resistência dos povos em suas terras.

Na última década ficou mais evidente a decisão das mulheres para migrar a outro país, em busca de melhores condições de trabalho, acesso à educação e saúde, à identidade e a não violência contínua em seu local de ori-

gem vinda de guerras e conflitos étnicos. Atualmente, as mulheres representam 49% do total da população migrante a nível mundial. Na América Latina e Caribe, essa porcentagem cresce para 50,1%.

Além dos números, devem ser tomados aspectos que geram vulnerabilidades com relação às mulheres migrantes. Elas enfrentam diversos obstáculos e riscos pelo simples fato de serem mulheres. Por exemplo, acidentes, abandono, extorsões, abuso de autoridade, violência sexual, exploração e tráfico de pessoas, nas mais diversas etapas da migração, quando saem de seus países, enfrentam as fronteiras e alfândegas e finalmente chegam a países desconhecidos e hostis. Cada um desses riscos é uma violação a

PATA TORREZ,  
BOLIVIANA,  
PROFESSORA  
DE CURSINHO  
COMUNITÁRIO, MÃE  
SOLA E ADVOGADA.

direitos e significa uma desvantagem.

A problemática de não ter um documento legal gera agravantes quando esse pedaço de papel tem consequências complexas e traz limitações a ela e a seus filhos. O impedimento da regularização gera a instabilidade e o não acesso a serviços públicos (que via de regra já são muito precários) e a impossibilidade, por exemplo, de se conseguir uma vaga em creches ou escolas, em obter um cartão de saúde pública etc.

Muitas mulheres já têm destino certo quando migram: o destino de um emprego precarizado em que têm de residir no mesmo local de trabalho (duras jornadas em oficinas de costuras, por exemplo). Os assédios e demais violências sexuais e domésticas são recorrentes e ocorrem de maneira silenciosa nesses ambientes, uma vez que a saída dos empregos gera a falta de moradia para ela e para seus filhos.

O mundo das migrantes sempre é rodeado por um medo de expulsão e deportação de suas famílias. A condição de ilegalidade também gera medo, insegurança e desconfiança ao procurar serviços estatais que envolvem instituições policiais como as delegacias da mulher. É pela falta de documentos também que estas mulheres não podem ter acesso a programas estatais de assistência, como os de moradia, saúde, transporte, lazer, cultura etc. Tais situações geram a marginalização das mulheres imigrantes e refugiadas da sociedade como um todo.

As refugiadas e imigrantes estão inseridas no processo das migrações contemporâneas caracterizadas por corpos e povos historicamente mar-

cados racialmente pelo seu genocídio, usurpação e expropriação de suas terras. Trata-se em sua maioria de mulheres indígenas e negras advindas de países pobres num cenário onde o Brasil é considerado uma potência regional e imperialista dentro da América Latina e África.

Além disso, presenciamos atualmente um momento delicado no Brasil e no mundo. Trata-se de políticas estatais baseadas em controle de fronteiras de Estados-Nações (países), construções de muros e prisões em prejuízo do controle dos corpos, de povos e de territórios. Para a comunidade imigrante e refugiada representa um aumento na restrição de liberdades políticas, aumento do discurso de ódio e aprofundamento e reafirmação do capitalismo. Em termos concretos, isso reflete na criminalização de mobilizações, precarização do trabalho e tráfico de pessoas.

A resistência dessas mulheres na cidade de São Paulo, em específico, se dá por meio, principalmente de organizações independentes e coletivos autônomos, compostos por mulheres ou por coletivos mistos das mais diversas nacionalidades, muitos deles que compõem a Frente de Mulheres Imigrantes e Refugiadas, formada há três anos. Entre as pautas está a luta por direitos iguais no país de destino, por uma legislação migratória inclusiva com enfoque de gênero, facilitação na regularização de documentos, o combate à violência policial, seja esta no âmbito militar e federal, bem como, o acesso a políticas públicas de saúde, educação e moradia.

Além disso, no âmbito das subjetividades do vale vem dessas mulheres, há também resistência nas mobilizações referentes ao apoio e não esquecimentos dos entes queridos que ficaram na terra de origem, na solidarização pelos povos que permanecem na luta incessante pela resistência à terra, como por exemplo, o apoio ao povo palestino, na luta contra as guerras civis e governos ditatoriais na África, bem como, nas resistências indígenas na América Latina. Diante da hostilidade do controle dos Estados e do capitalismo, é preciso solidariedade sem fronteiras.

# CORAÇÃO CHILENO NAS RÚAS DE ESSEPE

**S**ou chilena de sangue e de coração, nasci em Santiago no Hospital Barros Luco, dia 31 de dezembro de 1999, às 21h30min. Vim para o Brasil bem novinha, uns 6 anos, junto com minha irmã Iara, 5 anos mais nova e minha mãe. Os últimos tempos haviam sido complicados para ela, uma depressão pós-parto a deixou bem fragilizada, por isso partiu de volta ao aconchego da minha vó brasileira.

Filhas de pais ausentes que, por coincidência, eram artistas: o meu, músico; o da minha irmã, ator. Por muito tempo sofri com a falta dele, não entendia porque ele não queria falar comigo. Vinham-me as imagens dele bêbado no ônibus de viagem, ou das palavras rudes e machistas direcionadas à minha vó em reuniões familiares; ao mesmo tempo lembrava todas as festas tradicionais que eu ia, a música alta, as pessoas, os amigos engraçados, tudo misturava e virava sonho.

Desde então, me desconectei das minhas raízes. Falava em espanhol quando minha vó me ligava, mas não sabia mais conversar, frases prontas e gaguejos marcavam esses momentos. Deixei isso de lado, não me importei em estudar, ler, tocar o violão que tanto



MULHER INDIGENA CHILENA (MAPUCHE)  
ilustração: NICOLLE TALLER



me ninou na infância. Enquanto isso encontrava o meu lado brasileiro cada vez mais, a minha bagagem vinda da escola se transformou em militância e comecei a entender minha história. Filha de brasileira, neta e bisneta de nordestina e tataraneta de indígena, isso me nutriu! Aos 15 anos, logo depois de terminar um relacionamento abusivo, entendi que deveria sim participar de tudo o que acontecia no meu bairro, mesmo todo mundo me tirando e dizendo que eu era muito nova para entender. Frequentar espaços culturais como saraus, eventos de graffiti, rodas de conversa, me fizeram perceber o que é e como o machismo está configurado na célula primordial da sociedade: a família. Por isso, era tão difícil de discutir, os caras sempre foram assim e têm aval para serem assim. Enraizado.

Em junho de 2016 tive a oportunidade de me reencontrar comigo. Fui para o Chile sozinha depois de milhares de burocracias de documentos e outras tentativas de ir viajar que não haviam dado certo. Coração na boca. Me senti em uma odisséia dentro dos meus sonhos. Meu pai, mais gordo e mais velho, me levou para lugares que ele me levava quando era pequena, e eu de fato os conhecia! Os cheiros, as cores, a língua, as pessoas, tudo voltou de supetão no meu coração. Pude conversar com as mulheres guerreiras da minha família que fazem parte do movimento comunista, entendendo melhor como funciona o sistema educacional, de saúde, a questão do aborto, entre outras coisas que aqui são problemáticas. A cada passo era uma análise que eu fazia, levando em conta tudo o que eu tinha estudado aqui no Brasil. Fiquei impressionada com a qualidade do atendimento na rede pública de saúde, a quantidade de respaldos em relação à violência doméstica e apoio aos imigrantes. As ruas – retinhas e propícias para andar de skate - me fizeram lembrar as ruas esburacadas da quebrada. Em partes foi maravilhoso, mas nem tudo são rosas.

A cultura extremamente tradicional dá brecha para a manutenção de velhos costumes machistas, levando em conta toda a ideia de "família" que é mais recorrente: muitos filhos, o jeito como a esposa sabe lidar com o marido, as visitas, as suas qualidades quanto mãe/co-

zinheira (todas as ocasiões têm sempre muita comida). Nas comemorações que eu fui TODAS as mulheres ficavam de canto conversando entre elas enquanto os homens cantavam, tocavam e se entupiam de vinho. Almoços e jantares? A mulher serve com gosto! Isso é diferente no Brasil? Não. Mas eu precisei ir para outro país para me tocar que é sempre esse o papel que desempenhamos na manutenção dessa estrutura, me incomodou muito o fato de ter sido tão escancarado; mais escancarado do que de costume, aliás. Eu realmente precisava desse choque de realidade.

Tinham sempre aquelas velhas falas "Você samba? Você dança axé?". Ao me espantar com o jeito rude das pessoas (principalmente homens), me explicavam: os chilenos são assim mesmo. Ao perguntar por que meu vó tratava minha vó daquele jeito, me explicavam: "eles estão acostumados, ela é muito sonsa". Pensei na minha mãe com 19 anos tendo que aturar meu pai sumindo e voltando como se nada tivesse acontecido, deixando-a sozinha no meio de bares, festas, shows; pensei no jeito que todo mundo falava pro meu pai "parabéns pela sua filha, muito bela e inteligente" como se ele tivesse contribuído para alguma coisa na minha formação. De fato, ajudou. Sua ausência me fez mais forte! E essa viagem me deu a oportunidade de lavar a roupa suja e dizer a ele o quanto eu tenho feridas no meu coração. Quanto às cenas de machismo, ninguém admitiu; nem minhas tias comunistas que dizem apoiar as causas feministas. Por quê? A principal célula da sociedade permanece perpetuando e normalizando esses comportamentos.. ■

# ALGO SOBRE ATALHOS



**D**esde adolescente sempre tive muita vontade de viajar, curiosidade de conhecer o mundo, falar outras línguas, aprender outras culturas, conhecer outras pessoas...

No entanto, sei que pelo pouco dinheiro, excesso de trabalho e falta de tempo, essa experiência ou assunto não eram comuns na minha família ou amigos até então. Sendo assim, concretizar o desejo de viajar nem sempre foi algo que esteve próximo a mim.

Lembro a primeira vez em que fui viajar de avião, minha mãe que ainda não teve essa experiência, ficou feliz, mas principalmente preocupada com medo de o avião cair ou acontecer algo ruim quando chegasse na Bahia, onde foi o meu destino.

Desde então, tento conciliar tempo e grana para sempre que possível fazer algo diferente.

Consegui recentemente ir para Colômbia. Fiquei por lá 40 dias, e o que me possibilitou ficar mais tempo, foi um site que conheci chamado workaway ([www.workaway.info](http://www.workaway.info)). É um site que hospeda vários anfitriões: América Latina, África, Europa, Ásia... todo o MUNDO. Você

se cadastra, cria um perfil e paga uma taxa individual de 29 dólares (aproximadamente 90 reais) ou por casal 38 dólares (aproximadamente 120 reais), caso queira ir com seu par, alguém da família ou com um amigo. A partir disso, poderá por 1 ano navegar e conversar com quantas organizações, famílias, fazendas, hostels e outros anfitriões que estão disponíveis para receber voluntários para os diversos tipos de trabalho. Foi bem simples, troquei mensagem com os lugares que me interessei para trabalhar, informando os dias que teria disponível e falando um pouco mais sobre mim. No meu caso foi tudo combinado por mensagem mesmo, dentro de uma caixa no próprio site. Lembro que mandei mensagem para uns 20 lugares e foi até rápida a resposta, o que permitiu me planejar melhor. Escutei durante a viagem que

existe outros sites para busca de trabalho voluntário, mas por enquanto, o que conheci e tive experiência foi esse. Por isso, ainda não sei se é o melhor e não consigo falar sobre outros, mas posso afirmar que para mim essa foi uma maneira bem bacana de viajar.

Dividi meus dias de viagem trabalhando em 2 fazendas, 4 horas por dia, das 8h às 12h. Fiz hortas, plantei, carpi, pintei.... Depois o dia era livre e os finais de semana também. É um trabalho voluntário no qual esses anfitriões te recebem e em troca do seu trabalho, você não paga a hospedagem e alimentação. Nos dois lugares que trabalhei tive a estadia, café da manhã, almoço e jantar. Você paga somente a sua passagem de ida e volta, seja de ônibus ou de avião e demais despesas que possa ter (passeios, transpor-

te, compras e etc). Há vários tipos de trabalho: em hotel como recepcionista, em fazenda, em casas comuns, em ONG's, enfim, muitos. Inicialmente tive receio em relação ao site, mas na verdade percebi que não era só receio, mas sim minha imaginação julgando que seria pouco provável euzinha aqui conseguir através de um site simples e fácil hospedagem e alimentação, ainda que eu trabalhasse. Depois descobri que o workaway é muito popular e comum para os estrangeiros, mas pra variar, para nós latinos, não.

Durante esses dias, conheci outros voluntários, especificamente da Europa e Estados Unidos. Não havia voluntários da América Latina ou outras regiões. Na primeira fazenda, me disseram que eu era a primeira brasileira. E na segunda fazenda, o senhor com quem trabalhei, quando me viu pela primeira vez, ficou feliz pensando que eu era de Santa Marta (uma região da Colômbia onde há muitos negros), ele se explicou dizendo que nunca viu nenhum voluntário que não fosse branco e loiro. Apesar da honra em ser confundida como um deles, e mais ainda de ser reconhecida como negra, fico extremamente chateada com o que ele me conta.

E talvez por isso, tem um desconforto inicial junto aos outros voluntários, pois mesmo na América latina, é como se você é que fosse a estranha. Então, faz um esforço estranho e injusto para acreditar que merece estar ali. É como se estivesse no lugar errado, como se não fosse para você aquilo. Medo, medo e medo. Parecido com aquele mesmo medo que comentei da minha mãe sobre eu ir para outros lugares. E quando comparo esse medo, não é só um medo natural de preocupação, é um medo diferente, um tipo de medo gerado por um mundo que na prática nos faz acreditar que esse mundo não é nosso, então, temos que transitar por determinados lugares.

Essa situação me fez lembrar quando comecei a trabalhar no Centro de São Paulo, eu era bem jovem, uns 16 anos, eu tinha algum tempo de sobra entre o horário de saída do trabalho e a hora que teria que voltar para casa e ir para escola. Então, eu curiosa ficava passeando no Centro e olhando só do lado de fora os museus, cinemas, teatros.... Eu tinha uma vontade de entrar, mas e o medo? Parecia que aque-

**EU CURIOSA  
FICAVA  
PASSEANDO  
NO CENTRO E  
OLHANDO SÓ  
DO LADO  
DE FORA  
OS MUSEUS,  
CINEMAS,  
TEATROS.... EU  
TINHA UMA  
VONTADE DE  
ENTRAR,  
MAS E O MEDO?  
PARECIA  
QUE AQUELES  
LUGARES  
ERAM BONITOS  
DEMAIS PRA MIM**



les lugares eram bonitos demais pra mim, e que se eu tentasse entrar, seria barrada. Demorou um tempo até eu acreditar que a entrada era livre e que assim como os outros, eu também poderia entrar.

Acreditar que o mundo é também nosso e que é possível ir para onde quisermos é uma tarefa difícil contra algo terrivelmente real, que é essa sociedade que se empenha em nos subordinar. Tentam nos obrigar a fazer da nossa vida uma luta constante por uma sobrevivência medíocre, temos pouco, nos acostumamos com pouco, e passamos a crer que merecemos pouco. Isso de uma maneira cruel e descarada enraíza em nós que tudo além de sobreviver é impossível.

Enfim, conheci outros voluntários muito jovens na maioria 18...19 anos, com experiências diversas de viagens, voluntariado e tão novos já falantes de vários idiomas. Pensei na minha dificuldade já com quase 31, em ir além do português, ou viajar mais, apesar do empenho e esforço. Descobri então, que não é limitação nossa, mas que as escolas na Europa, as públicas mesmo, têm programas de intercâmbio para outros continentes em que os alunos ficam por alguns meses, e além disso, o inglês também é ensinado, então, os alunos acabam o ensino médio já fluente em outra língua.

Pensava não só em mim, mas pensava num povo inteiro que somos nós, os latinos, invadidos não só no passado, mas continuamente sendo massacrados e explorados. Para nós, ficam as sobras de uma má educação e de muitos outros não que vão nos distanciando de outras possibilidades e restringindo nossos lugares e vivências.

Esse raciocínio não é para concluir que viajar e falar

todas as línguas é o sinônimo da real felicidade, ou a experiência que todos de maneira universal devem buscar, não é isso! Cada pessoa trilha um caminho. Mas nessa trilha a questão é sobre quais são as possibilidades que estão para nós, ao nosso alcance? O que é que realmente está disponível para eu escolher?

Impregnaram não só no nosso pensamento, mas na nossa realidade prática, a ideia de que não há escolhas, de que não é nosso, de que nosso lugar é um só – esse subalterno – é a noção do impossível para nós.

Não lembro quando dei o primeiro passo para começar a acreditar e viver outras coisas, mas sei que não foi sozinha. Mais recente do que eu posso lembrar, a Fala Guerreira me inspirou a ir para a Colômbia, e junto com tantas outras manas, vou aos poucos descobrindo que é sim possível. Quando toco aquilo, quando vivo aquilo, quando vejo as experiências de outras como eu, começo a acreditar sobre outras possibilidades de existência, começo a abandonar a ideia de que eu não mereço, de que eu não posso, de que é impossível. Isso foi/é transformador da realidade que eu vivo e acredito que sirva para multiplicar e transformar outras realidades também. ■



## CIDADE DO MÉXICO 24.05.16 ÀS 20H30

**É**ramos em 8 mulheres. Caminhávamos e conversávamos sobre a experiência no Museu de Antropologia e a grandeza das civilizações antes da invasão espanhola. Descemos as escadas e nos demos conta que estávamos na área de embarque livre, em que 99% dos usuários são homens. Nos olhavam como se tivéssemos no lugar errado. Não arredamos, mesmo sabendo do vagão feminino. Vagão feminino é uma política com a qual temos muitas ressalvas, é como combater o efeito e não a causa do machismo. Éramos 8 e nos sentíamos fortalecidas por estar juntas.

As portas "cerraram". Começa o tormento. Sinto algo atrás de mim, afasto um pouco. Mas o trem está cheio. Será mesmo que estou sendo encochada? Acho que não. Afasto um pouco. O homem me rodeia. As amigas começam a perceber o clima estranho. Olho pra ele, ele não se abala. Como se nada fizesse.

Afasto mais um pouco. Seguro no ferro do trem e sinto uma mão escorregando sobre as minhas. Abaixo a altura da mão. Ele abaixa. 3 amigas olham pra ele. Ele finge que nada vê. Cruzo o vagão para o outro lado e penso estar a salvo.

Do outro lado, um tiozão com pau duro se enverga e tenta encostar em outras de nós. O ódio vem à tona. A vulnerabilidade também. Nojo, raiva. Vontade de ir pra cima. Contamos as estações para descer. A situação se acirra, falamos em português sobre o absurdo desse tipo de assédio. Nossa fala é nossa arma. Somos 8. Sinto medo.

A porta se abre, agora estamos do lado de fora do vagão. Uma mostra o dedo. A outra xinga. A outra ridiculariza. Nunca vou esquecer da cena. Os homens nos olham, mas não esboçam qualquer reação. Permanecem intactos. Indiferença, condenação, apatia.

De um lado vimos a contemplação das grandes civilizações e toda capacidade humana, do outro, um esvaziamento total das faculdades mentais e o privilégio perverso de machos ao produzir e reproduzir essa conduta violentamente machista.

E nós que estamos em trânsito, sabemos que ainda serão séculos e séculos pela frente. Daqui, em terras estrangeiras, onde não temos casa, nem família, só a força de estar juntas é o que nos faz caminhar.

São 21h. Chove. ■

»Luiza Romão  
NOTAS DE  
DECIFRAMENTO:

# PERCEPÇÕES DO FEMININO NA AMÉRICA DO SUL

**SÃO NOTAS  
ESPARÇAS.  
PEQUENAS  
PERCEPÇÕES DE  
UMA REALIDADE  
ESTRANGEIRA.  
FRAGMENTOS DE  
HISTÓRIAS QUE ME  
ATRAVESSARAM  
ENQUANTO VIAJAVA  
PELA BOLÍVIA, PERU,  
CHILE, ARGENTINA  
E URUGUAI.**



JUANA AZURDUY



LORENZA CAYUHAN



MACHI LINCONAO



TAMARA BUNKE

A língua como órgão de desejo. A boca como descoberta do mundo. Há maior barbárie do que arrancar de uma garganta seu idioma materno? Quisera eu falar qhichwa ou aymará. Em castellano, toda comunicação é um afastamento. Não a toa as pálpebras falam mais que os lábios. Uma caneta é tão violenta quanto um rifle.

O conceito de mérito, tão volúvel quanto o álcool. Juana Azurduy de Padill. Guerreira e heroína. Liderou diversos exércitos pela libertação boliviana. Lutou mais que qualquer comandante-homem. Seu nome, porém, não é lembrado nos livros de história, sua assinatura não consta no documento de Independência. A borracha é a garantia dos poderosos.

Apesar dos diplomas, os neoliberais não conseguem ler. É como se as palavras fossem grafadas em mandarim ou latim antigo. Dois pontos. Não se separa uma madre de sua terra. O solo é extensão dos pés. Os pés de raízes ancestrais. Não se separa uma madre de sua terra. Machi Linconao, presa por falsas acusações. Lorenza Cayuhan, dando à luz em uma prisão. Novidade não há. Genocídio é substantivo masculino, escrito por canetas importadas.

**POESIA  
(AMÉRICA)**  
uma mulher não é um território  
mesmo assim  
lhe plantam bandeiras  
  
uma mulher não é uma souvenir  
mesmo assim  
lhe colam etiquetas  
  
mais que nuvem  
menos que pedra  
uma mulher não é uma estrada  
  
não lhe penetre as cavidades  
com a fúria  
de um minerador hispânico  
  
o ouro que lhe brota da tez  
é antes oferenda  
que moeda  
  
uma mulher descede do sol  
ainda que  
forçada à sombra

Um corpo desaparecido é um abismo pra dentro. Antígona lutou contra o Estado para enterrar seu irmão, nós para desenterrar nossas pares. Tragédia sem reparação: Tânia (codígnome de Tamara Bunke). Guerrilheira argentina. Década de 60. No interior da Bolívia enfrentava o Governo Militar. Única mulher junto à Che Guevara. Por décadas, seus ossos ficaram soterrados, destituídos. Hoje, uma lápide florida resiste. Como ela, nos queremos todas de volta.

## A CATEGORIA DE AMERICANIDADE.

Os termos "Afro-American" (afroamericano) e "African-American" (africano-americano) remetem-nos a uma primeira reflexão: a de que só existiriam negros nos Estados Unidos e não em todo continente. E a um outra, que aponta para a reprodução inconsciente de posição imperialista dos Estados Unidos, que afirmam ser a "A AMÉRICA". Afinal, o que dizer dos outros países da AMÉRICA do Sul, Central, Insular e do Norte? Por que considerar o Caribe como algo separado, se foi ali, justamente, que se iniciou a história dessa AMÉRICA? É interessante observar alguém que sai do Brasil, por exemplo, dizer que está indo para "a América". É que todos nós, de qualquer região do continente, efetuamos a mesma reprodução, perpetuamos o imperialismo dos Estados Unidos, chamando seus habitantes de "americanos". E nós, o que somos, asiáticos?

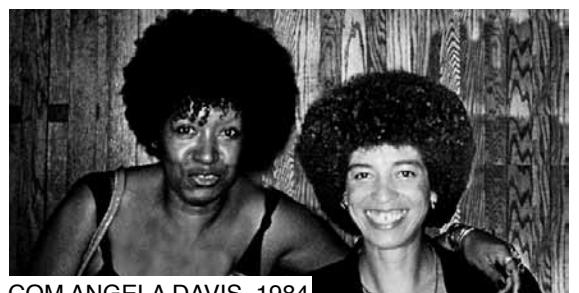
Quanto a nós, negros, como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmo, enquanto descendentes de africanos, se permanecemos prisioneiros, "cativos de uma linguagem racista"? Por isso mesmo, em contraposição aos termos supracitados, eu proponho o de americanos ("Amefricanos") para designar a todos nós (Gonzalez, 1988c)

As implicações políticas e culturais da categoria de Ameficanidade ("Amefricanity") são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA e como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de Ameficanidade incorpora todo um

processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada, isto é, referenciada em modelos como: a Jamaica e o akan, seu modelo dominante; o Brasil e seus modelos yorubá, banto e ewe-fon. Em consequência, ela nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica. Desnecessário dizer que a categoria de Ameficanidade está intimamente relacionada à aquela de Panafrikanismo, "Négritude", "Afrocentricity", etc.

Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Portanto, a Améfrica, enquanto sistema etno-geográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo ameficanas/ameficanos designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, americanos, oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa Ameficanidade que identifica, na Diáspora, uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim com parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades.

**GONZALEZ, Lélia.** A categoria político-cultural de ameficanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, N° 92/93 (jan./jun.). 1988b, 69-82 (páginas 76-77)



COM ANGELA DAVIS, 1984



# LÉLIA GONZALEZ

**N**o dia 1º de fevereiro, há 74 anos, nascia a intelectual, política, professora e antropóloga brasileira, Lélia Gonzalez. Mineira, de Belo Horizonte, seu pai era um ferreiro negro e sua mãe tinha origem indígena. Era a penúltima de 18 irmãos, e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1942.

Graduada em História e em Filosofia, aprofundou os estudos nas áreas da Antropologia, Sociologia, Literatura, Psicanálise, teoria da Estética, Cultura Brasileira, além de ter-se dedicado profundamente à Ciência, Cultura e História africanas. Lélia foi uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro (IPCN-RJ), do Nzanga Coletivo de Mulheres Negras e do grupo Olodum (Salvador).

Feminista militante, Lélia teve importante atuação na defesa da mulher negra, contribuindo para a criação das Delegacias de Defesa da Mulher e para o reconhecimento da violência doméstica pela Constituição Federal de 1988. Participou da primeira composição do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, o CNDM (1985-1989). Na política, atuou ainda como suplente de deputado federal (1982) e de deputado estadual (1986).

Lélia atuou nas universidades brasileiras durante

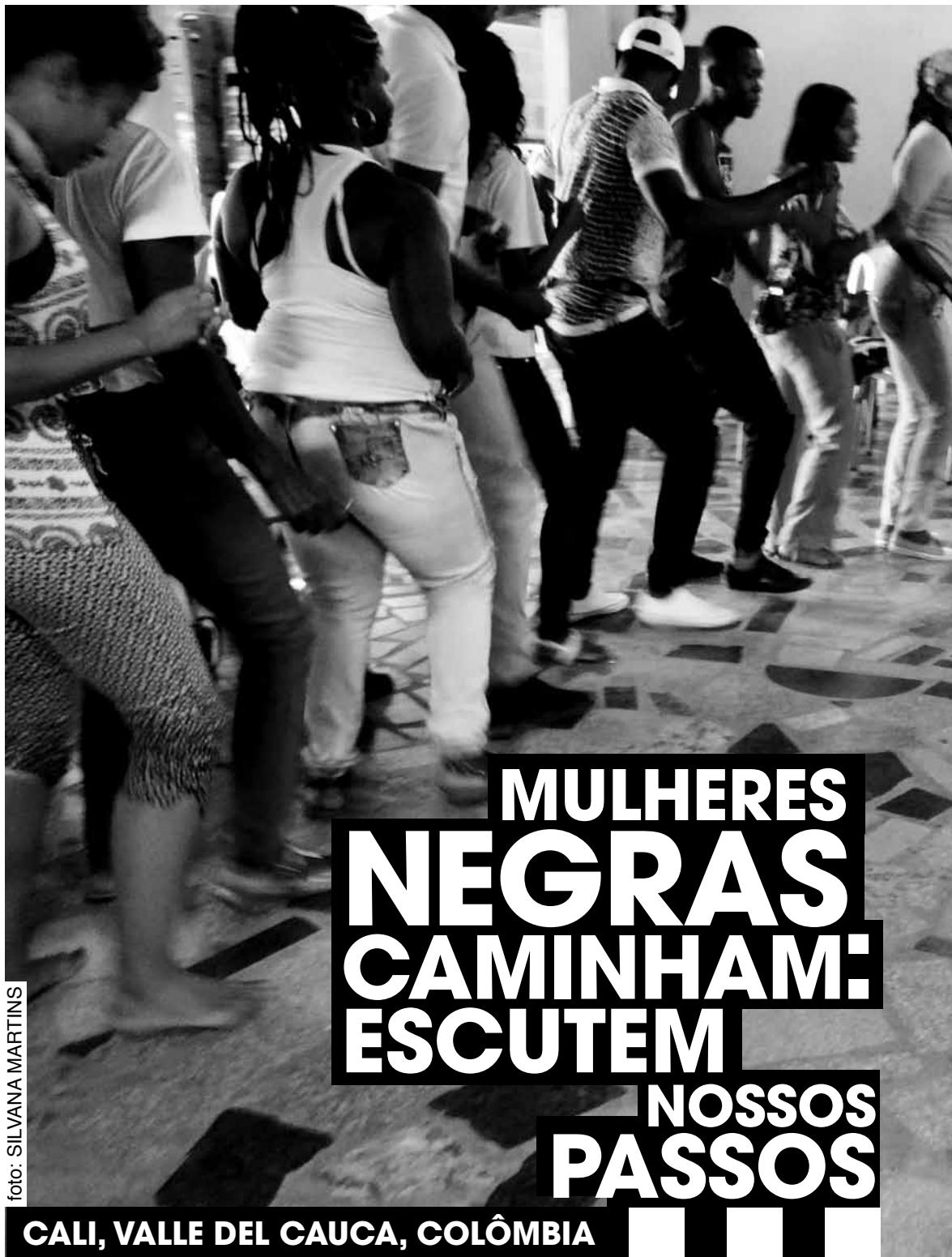


A presidente da Associação das Empregadas Domésticas expõe o plano de trabalho da instituição

## INCLUSÃO DAS DOMÉSTICAS NO QUADRO DOS TRABALHADORES

érias, Aposentadoria e Instrução, Primeiras Reivindicações — Uma

fotos: ACERVO LÉLIA GONZALEZ



**S**omos mulheres negras norte-caucasas (do norte de Cauca, Colômbia), descendentes de africanos e africanas que foram escravizados e conhecedoras do valor ancestral que tem nossos territórios. Sabemos que muitos dos nossos antepassados pagaram com sua vida a nossa liberdade, sabemos o sangue que derramaram nossos ancestrais para conseguir estas terras, sabemos que trabalharam anos e anos em condição de escravização para deixar-nos e eles nos ensinaram que a terra não se vende. Sabiam que deveríamos garantir para os descendentes a permanência no território.

Porque já se passaram quatro séculos e a memória de nossos ancestrais é a nossa memória, suas práticas são nossas práticas transmitidas por nossas avós; nossas filhas e nossos filhos continuam hoje reafirmando nossa identidade como povos cimarrones (quilombolas).

Muitas de nós tivemos de criar nossos filhos e filhas sozinhas: as jangadas, enxadas e pás testemunharam isso. O território tem sido nosso parceiro e tem estado conosco nos momentos de alegria e tristeza. Nossas avós, como Dona Paulina Balanta, nos ensinou que "o território é vida e vida não tem preço" e que "o território é a dignidade e isso não tem preço".

E é por isso que, apesar do abandono do Estado, mantivemo-nos na resistência aos megaprojetos em nome do "desenvolvimento", "modernidade" e do discurso de "erradicar a pobreza". Sabemos que na realidade eles têm gerado as condições para expropriação, o exílio e a miséria. Hoje nossas vidas estão em perigo e a possibilidade de existir como



Foto: SILVANA MARTINS

de mineração, ilegais e inconstitucionais, que continuam a roubar nossas terras, envenenar nossos rios, ameaçando nossas vidas, nossas famílias e gerando deslocamento, desterritorialização e expropriação de nossas terras ancestrais.

Saímos de Toma em Suárez, Cauca. Decidimos caminhar e cantar e não sentir medo, porque é mais forte o nosso amor pela vida que nosso medo da morte. Passamos por muitos lugares, cidades e vilas em que nós compartilhamos contando e cantamos nossas experiências. Ao chegar a Bogotá, tomamos o Ministério do Interior, sem muitas dificuldades, mas os nossos antepassados e ancestrais nos fortaleceram. O governo colombiano foi forçado a sentar numa mesa com as mulheres negras para negociar uma série de acordos para proteger nossas vidas e territórios, mas também para reparar

os danos irreparáveis causados por ação ou omissão do Estado e de suas instituições. Entretanto, o governo não honrou sua palavra.

No dia 17 de novembro de 2016, em comemoração ao segundo ano da Mobilização de Mulheres Negras para o Cuidado da Vida e dos Territórios Ancestrais, mulheres negras decidiram deixar seus filhos, suas casas e seu trabalho diário realizado nas comunidades ancestrais no Norte de Cauca para marchar até Bogotá. Quase dois anos depois da primeira marcha, estas mulheres continuam a organizar na região do Norte de Cauca e também nacional e internacionalmente ações de mobilização permanente, com a finalidade de garantir o cumprimento de acordos por parte do governo colombiano, e também, fortalecer a organização cultural, política e econômica das mulheres negras.

Reconhecendo que tanto suas forças como seus desafios estão ligadas às de suas irmãs na África e na Diáspora Africana, a Mobilização de Mulheres Negras para o Cuidado da Vida e dos Territórios Ancestrais organizou o Encontro de Mulheres Negras da Afro-diaspórica para o Cuidado da Vida e dos Territórios An-





fotos: MARTHA POSSO R

cestrais. Assim como acreditamos que as mulheres negras pariram a humanidade, continuaremos, junto com outras mulheres, parindo a liberdade da humanidade, da natureza e do mundo. Para tanto, o propósito do encontro foi criar um espaço para as mulheres negras na Colômbia, Honduras, Estados Unidos e Brasil para fortalecer seus laços de fraternidade através da construção coletiva de uma agenda que articule seus esforços para garantir a vida e seus territórios ancestrais, conjuntamente.

O principal objetivo do encontro foi estabelecer trocas, refletir sobre os elementos necessários para a construção de uma agenda de resistência e de solidariedade em nossos territórios a partir da perspectiva de Mulheres Negras e projetarmos uma articulação de processos organizacionais das mulheres

negras tanto no nível local quanto afrodiáspórico. A elaboração dos princípios do Coletivo de Resistência, agenda para o cuidado da vida e dos territórios ancestrais e é uma declaração política em várias línguas.

Neste espaço invocamos a força da nossa ancestralidade quilombola, contamos e cantamos nossas alegrias e tristezas, percebemos as múltiplas opressões que como mulheres negras sofremos. Desde os Estados Unidos, passando por Honduras, Colômbia e Brasil refletimos como a violência continuou em nossos corpos depois de desembarcarmos aqui, como se não fosse suficiente a dor do seqüestro para longe de nossa mãe África, as múltiplas desapropriações, ou a desterritorializações, desumanização e objetivação dos nossos corpos que se estendeu as nossas comunidades. Aqui nos demos conta que as violências contra nós são as mesmas que afeta nosso povo. Também nos demos conta da continuidade cultural com a África, re-existência e todas as formas possíveis para libertar e dignificar nossos territórios, cidades e comunidades. ■

*Nós, mulheres negras afrodiáspóricas, reunidas na região norte de Cauca, em território negro ancestral nas calçadas de Quinamayó, a partir da nossa diversidade, experiência e resistência, assumimos a herança de luta daqueles que vieram primeiro e reconhecendo o valor ancestral de nossos territórios:*

#### **DECLARAMOS:**

Defendemos os direitos étnico-territoriais das identidades, o território, a autonomia, participação, organização, a construção própria do futuro e nos solidarizamos com a luta das mulheres negras e de todo povo negro no mundo.

Que o território é vida e a vida não se vende, se ama e se defende, o território é a herança mais preciosa dos nossos descendentes. Reafirmamos no cuidado do nosso território como espaço de existir e re-existir e não como um negócio para promover os interesses econômicos de outros. Qualquer decisão tomada sobre os nossos territórios deve envolver nossa comunidade.

Reafirmamos nossas práticas ancestrais de cuidado, a nossa medicina tradicional, nossa história e nossa soberania e auto-suficiência alimentar. Os cuidados da ancestralidade é o princípio que norteia nossas ações.

Nós reconhecemos a sabedoria dos nossos ancestrais, de nossas anciãs e anciões que são um dos pilares dos nossos processos de luta e um farol que guia nossa comunidade.

Nós reivindicamos nossas próprias formas de organização, persistindo na sua autonomia e apostando no autogoverno. Insistimos para que os movimentos sociais afrodiáspóricos fortaleçam a participação de mulheres na liderança dos processos organizacionais.

## **DECLARAÇÃO POLÍTICA**

Rejeitamos a mineração ilegal e inconstitucional. A invasão de multinacionais e estrangeiras em nossos territórios que trouxeram crimes, violências, abuso sexual e tem afetado a nossa cultura e vida comunitária. A mineração ilegal e inconstitucional tem afetado nossos meios de subsistência: agricultura, pesca e mineração ancestral. O mercúrio contaminou nossa água, nossa comida e nossos corpos. Denunciamos a cumplicidade das autoridades com a entrada de mineração ilegal, concessão de licenças sem consulta prévia das comunidades e perseguição da mineração ancestral.

Rejeitamos os megaprojetos agroindustriais que nos trouxeram ameaças, saques e poluição. Opomo-nos à presença de atores no território que ameaçam e põem em perigo a vida da comunidade e de nossas lideranças.

O que nos une como mulheres negras vem de um profundo sentimento de irmandade, fraternidade e unidade e nosso compromisso com o cuidado e auto-cuidado coletivo. Nossa força vem da força das nossas ancestrais que exercemos diariamente em nossas casas, famílias e comunidades.

**SOMOS MULHERES NEGRAS  
EMPODERADAS. NOSSA POLÍTICA  
E NOSSO PODER SÃO O AFETO  
COLETIVO, O AMOR E O CARINHO.**



# O ÚNICO MEDO DE NURY, UMA MULHER NEGRA QUE CRESCEU EM MONTEVIDEO, NO URUGUAI

**N**uma calçada de uma rua não muito movimentada, pelo menos seis pessoas fizeram um semicírculo. Três homens tocavam três diferentes tambores, necessários para o Candombe acontecer: repique, piano e chico. Ainda na roda incompleta, um trio de mulheres dançava: uma senhora que mora nos arredores, uma jovem passista e uma turista entusiasmada. O movimento dos pés, braços e quadril lembra o samba, mas também parece salsa.

Isso é Uruguai, Montevidéu, especificamente no bairro Sur, centro antigo.



Do outro lado da rua, uma mulher, sentada, fumava um cigarro, segurando-o entre seus dedos. Devagar, ela soltava a fumaça, observando tudo, serena. Fui até ela e perguntei: "Você me daria uma entrevista?". Com a pretensão de um sorriso nos lábios, que logo em seguida floresceu sem perder a desconfiança nos olhos, ela respondeu: "Sí. Vamos 'adentro', o som está alto aqui fora".

Da porta da rua para dentro, havia um espaço central, um vão. Envolta estavam os apartamentos. O prédio era antigo, lembrava vagamente os conventillos ou casas coletivas, onde a população negra costumava viver, séculos atrás.

"Sou filha de brasileiros, meus pais vieram do Rio Grande do Sul", Principiou a conversa. "Minha mãe trabalhava em casa de família e meu pai era pescador. Vieram pra cá e sempre moraram aqui, neste bairro. Tiveram 12 filhos, quatro morreram. Hoje somos em oito irmãos e muitos sobrinhos". Não tardou para que me respondesse se aquele era um bairro de população negra: "Sempre, mas agora não tanto. Pretos ficaram pouquinhos".

Afro-uruguaios são vidas-símbolo da resistência dos povos africanos escravizados que, na segunda metade do século XVIII, foram traficados e levados ao porto de Montevidéu, via Rio del Plata. Parte prosseguia para Buenos Aires, Peru, Bolívia; outra ficava. Segundo o estudo **"POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE NO URUGUAI A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO"**, publicado em 2010, o Uruguai tem, em média, 315.198 pessoas que autodeclararam descendência afro. Do total, 161.046 são mulheres. A cidade com a maior concentração é exatamente Mon-

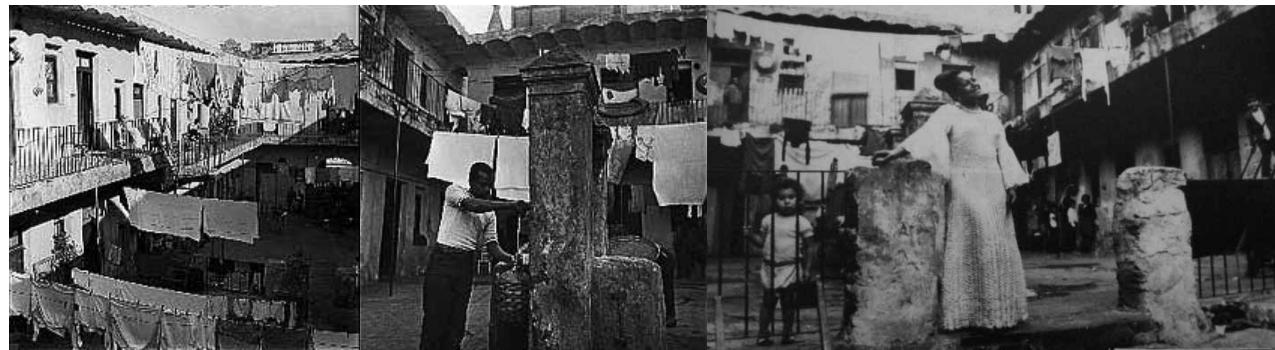
tevidéu, com 141.392 no total, sendo 74.653 mulheres (Fonte: Sistema de Información de Género de Inmujeres en base a ECH-INE 2008.).

Na época da ditadura cívico-militar uruguaia, entre 1973 e 1985, iniciada pelo então presidente Juan María Bordaberry, casas coletivas foram desapropriadas e as famílias expulsas para regiões periféricas de Montevidéu. Como consequência, grande parte da população negra não habita mais os territórios que ainda pulsam e carregam sua origem ancestral.

Um dos mais antigos e simbólicos foi o conventillo Ansina, construído em 1887. Os moradores foram despejados entre 1978 e 1979. Outro ícone foi o conventillo Mediommundo, demolido em três de dezembro de 1978. Hoje, em memória a esta data, todo mês de dezembro se celebra o Dia Nacional do Candombe. Ambos localizados entre os bairros Sur e Palermo, nesses espaços nasceram as primeiras comparsas de candombe, no final do século XIX.

"Adoro o Candombe, adoro!", disse Nury.

**"NO BRASIL,  
ANTIGAMENTE  
NEGROS  
ESCRAVOS  
SE REUNIAM  
NO QUILOMBO  
PARA FESTEJAR, E  
CANTAVAM**



## O LAMENTO, O SAMBA, CERTO? O CANDOMBE É O MESMO.

É o lamento do negro, que também não é tão lamento. É o festejo, o que sentimos no sangue e na pele, é muito bonito. E no Brasil tem Escola de Samba, aqui se chama Comparsa".

Ainda hoje, é nessa região que acontecem as "llamadas" ('Chamadas', em português) todo mês de fevereiro. O desfile das comparsas é o ápice do carnaval uruguai, que dura em média 40 dias. E durante o ano todo, os domingos são religiosos para ouvir os tambores.

"Eu desfilei até meus 20 anos. Depois que eu engravidé da minha filha, não saí mais. Mas era outro carnaval, outro. Era mais alegre, desde os componentes até a companheira de dança. Agora é muita competição. Mas quero voltar. No próximo ano, penso em sair em um grupo de mulheres negras que tem aqui." Em meio ao meu inevitável sorriso, em seguida quis saber como era ser uma mulher negra no Uruguai.

gui. "Igual no Brasil, no Peru, na Colômbia, na Venezuela. O racismo existe", respondeu Nury.

De acordo com a pesquisa "**AVANÇOS E DESAFIOS PARA A IGUALDADE DE GÊNERO**", em 2013, sete em cada dez mulheres declararam ter vivido alguma violência de gênero em algum momento da vida, afetando principalmente as mulheres afros. No campo profissional, indicadores destacam que 14,4% das mulheres com atividade remunerada trabalham como empregadas domésticas e duas em cada 10 mulheres negras ocupadas estão nessa posição. Em 2014, 21,1% das mulheres negras são consideradas pobres, contra 8,5% de mulheres não negras.

Hoje Nury trabalha como empregada doméstica, assim como foi sua mãe. Quando lembra de sua mãe, diz de uma mulher que considerou muito forte, mas "sofrida". Casou cedo, trabalhou duro e se tornou alcoolista, assim como o companheiro dela e, também, seu pai. Aos 15 anos, Nury saiu de casa por não suportar a violência de seu pai. Foi viver sozinha.

"Por muito tempo eu senti como se minha mãe tivesse me abandonado, eu

me perguntava por que ela aguentou tanto. Na minha festa de 15 anos ela estava muito bêbada, internada e a ponto de morrer. Agora que eu sou mulher eu a entendo. Ela fazia isso pra esquecer das tristezas e dos 'golpes' que recebia."

Ao sair do bairro Sur, Nury viveu em condição de rua e chegou a morar em duas das regiões que considera mais periféricas de Montevidéu, que cresceram no período da ditadura: Cerro Norte e o Cuarenta Semanas. Por um período, trabalhou como 'garota de programa'. Quando me contou sobre a prostituição, levantou os olhos e a cabeça e me disse: "Não me arrependo e não me envergonho, eu precisava dar de comer pra minha filha".

Hoje, aos 38 anos, ela não pretende se casar, não gosta de se sentir controlada e está feliz por ter conquistado sua casa. A vontade de ver seus filhos na universidade é um dos seus maiores sonhos: "Eu quero dar esse apoio para os meus filhos".

Segundo dados de 2014, 8,2% de homens negros têm ensino superior, contra 17,2% de não negros. No caso das mulheres, a diferença é de 11,7% para 23,3%, respectivamente.

**"HOJE EU SOU UMA MULHER MAIS FORTE,**

**MAS TEM FERIDAS NO MEU CORPO E EM MINHA ALMA QUE ESSA VIDA NÃO VAI CURAR. NUNCA".**

Eu permaneci em silêncio e ela também. Uma pausa, até prosseguir, minutos depois. "Eu vou contar... Eu era pequena, tinha 15 anos. Um homem que me viu crescer, eu tinha amizade com a filha dele, ele quis se aproveitar de mim." Silêncio novamente. Decidi atravessar o silêncio de Nury para perguntá-la: "Ele te estuprou?". Ela respondeu: "Sim".

E continuou: "Às vezes, disfarço para não lembrar. Mas é só disso que tenho medo na minha vida, de mais nada. Peço a todos os santos que isso nunca aconteça com minha filha nem com meu filho. Isso não sai da gente. Você trata de não pensar, mas quando chega a noite noite, isso volta..." .

Nury não havia revelado esse segredo para ninguém. Aliás, apenas para a então companheira desse homem: "Ela me chamou de puta negra". Por muito tempo, ela pensou que a culpa era dela, mas hoje entende que não. "Eu era uma criança, uma menina... Mas só consegui falar agora". ■



# AS MULHERES AFRO PERUANAS NO CONTEXTO DO NOVO RECONHECIMENTO POLÍTICO AOS AFRODESCENDENTES

A constituição política do Peru reconhece a República como um país multirracial e com várias línguas. O povo Afroperuano é um dos grupos étnicos mais visíveis na construção da República. Embora, atualmente, a população afroperuana continue sofrendo uma violação histórica à respeito de seus direitos humanos, evitando seu pleno desenvolvimento econômico e social. As razões são muitas e têm a ver como uma série de condições históricas e sociais que se têm naturalizado na sociedade peruana.

No final dos anos 90, entretanto, a atenção da comunidade internacional se dirige para as minorias étnicas e os problemas que as afetam em seus contextos nacionais. Este momento que é facilitado pela Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Relacionadas de Intolerância sustentada no ano de 2001 na cidade de Durban, na África do Sul, gera uma nova tendência nos mecanismos de apoio financeiro internacional, como o Banco Mundial,

Banco Interamericano de Desenvolvimento e outros. Cria-se uma janela de oportunidades para que o Estado Peruano preste atenção ao povo afroperuano em suas demandas políticas fortalecendo a regulamentação contra a discriminação racial e gerando políticas públicas de proteção.

**CONTUDO, É IMPORTANTE RECONHECER QUE A EXPERIÊNCIA DE TER UM CORPO NEGRO TEM UM IMPACTO DIFERENTE NAS MULHERES.**

De fato, a nós é depositado não sómente expressões de racismo e discriminação, mas também de sexism

e diferenças de gênero, acrescentando bordas ao prisma de categorias políticas que nos afetam. Todavia, as normas que emitiram para proteger "os afroperuanos" não fazem uma suficiente diferenciação entre as experiências e necessidades específicas das mulheres afrodescendentes.

## E AGORA, QUEM ESTÁ DO NOSSO LADO?

O Ministério da Mulher e Populações Vulneráveis, entidade principal das políticas de igualdade de gênero no país, tem responsabilidade de prestar atenção às mulheres afroperuanas e suas demandas específicas. E então, poderia se pensar que nosso valor e contribuições históricas estariam garantidos. Mas nós constatamos que em nosso país, a igualdade de gênero é, todavia, um sonho a alcançar. E o mais importante, que as normas de igualdade de gênero também não fazem uma suficiente diferenciação entre as experiências e necessidades de todas as mulheres. Assim, mais uma vez, as mulheres afroperuanas são deixadas na invisibilidade.

Apesar disso, nem tudo são más notícias. Efetivamente, o Ministério tem um compromisso com as mulheres afroperuanas. Em princípio, essa é a única agência que por meio de seus Mecanismos de Diálogos com a Sociedade Civil, mantém uma conversação aberta com as mulheres através da Mesa de Trabalho da Mulher Afroperuana. Este é um espaço de coordenação e consulta entre o Estado e as Organizações Afroperuanas para a contribuição de orientações políticas, formulação de propostas e desenvolvimentos desse ponto de vista para a promoção de direitos das mulheres afros. Isso é bastante significativo, mas verdadeiramente limitado, enquanto às normas existentes que não as contemplam.

Então nos organizamos. Presença e persistência!

Os esforços das organizações de mulheres afros não são antigos. Apesar de as mulheres terem sido parte fundamental na luta de bases e nas diferentes

organizações que compõem o movimento afro no Peru. A geração de espaços próprios é recente e começam a tornar o protagonismo necessário com o que uma agenda comum específica oferece. Assim se tem mantido constante. A luta do movimento afroperuano há 30 anos não possuía a bandeira de erradicação da violência contra a mulher, ou dos direitos sexuais e reprodutivos, e isso é compreensível no contexto da época, em que algumas pautas se faziam mais urgentes no coletivo, para além das especificidades do gênero. Hoje em dia, enquanto lutas gerais seguem vigentes e a pura força, nós mulheres temos reivindicado espaços e perseguido lutas específicas com processos próprios, recuperando nossa voz, nossa agência e nossa humanidade... negra.

**NÓS, AS MULHERES AFRODESCENDENTES DO PERU JÁ NÃO PEDIMOS PERMISSÃO, BUSCAMOS ESPAÇOS E NOS APROPRIAMOS DELES. ASSIM COMO APRENDEMOS COM AS ANCESTRais. NÃO ESPERAMOS SENTADAS, ARTICULAMOS E FAZEMOS!**



MARIELA NOLES COTITO é mulher negra, advogada, colaboradora dos movimentos afroperuanos e é pesquisadora em Estudos da Diáspora e LatinoAmericanos

TRADUÇÃO: Formiga

# SILVIA DIAZ DE MOORE.

UMA AFROLATINA



## ROMPENDO AS LACUNAS DA DESIGUALDADE!!!

TRADUÇÃO  
JULIANA BLUM

**S**er Afroparaguaia, afrolatina qui nos EUA significa avançar, promover, cooperar, compartilhar, evidenciar nossa cultura e tradições na América Latina, no Caribe e no Mundo. Nós afroparaguaias somos parte de uma diversidade cultural tão rica, única e pouco conhecida no mundo.

Sou descendente dos lanceiros, que acompanharam o General José Gervasio Artigas em sua odisseia independentista pelo Rio da Prata, que pertencia a coroa espanhola, e, em 1820, durante a ditadura presidencial do Dr. Gaspar Rodríguez de Francia, en-

traram no Paraguai sob asilo político, submetidos a regras estritas e controle. Foram alocados em *Fernando de la Mora*, no bairro de *Kamba Kua*, que significa “Lugar de Negros”.

Havia regras que deveriam ser cumpridas, entre elas estavam: não praticar nossa religião africana; não deveríamos falar uma língua diferente do espanhol e depois das seis horas da tarde, as pessoas de *Kamba Kua* não poderiam se misturar com as pessoas brancas. Essas foram as imposições daquela época. Ao mesmo tempo, o governo ofereceu instrumentos de trabalho, animais, sementes para sub-

sistência e lugar para morar. É por isso, que mesmo passados 196 anos da comunidade *Kamba Kua*, no Paraguai, até os dias de hoje, continuamos preservando a dança do candomblé ao som dos tambores feitos pelas mãos afroparaguaias de *Kamba Kua*.

Atualmente Dominga Medina, mais conhecida como Ina, e Jorge Nuñez são os artesãos que dedicam todo seu tempo à confecção dos tambores junto aos outros membros da comunidade. Em *Kamba Kua*, continuamos celebrando a festividade de San Baltzar, comemorado anualmente no dia 6 de janeiro. As atividades se iniciam com uma novena, depois vem o festival folclórico, que entre outros festivais do país, é um dos mais lotados. Fechamos essas tradições com a missa *guasú*, ou “missa grande”, que se dá embaixo de uma estrutura de folhas, feita a mão, para suportar o calor de janeiro. Desse modo a procissão sai diante do altar, com hasteamento da bandeira às 6 da manhã e a baixa da bandeira acontece às 6 da tarde. A novena é realizada todos os dias com a dança dos *Kambara’anga*, e com som do santo Zapatú. *Kambara’anga* é a primeira chamada para

iniciar a festa e o nome da dança significa “máscara de negros”, é a dança do Candomblé. Essa dança foi declarada pela UNESCO, em 30 de setembro de 2009 Patrimônio Cultural Intangível. Esse roteiro acontece até o final de janeiro. O fim da festa nacional é acompanhado ao som de tambores.

Outra dança típica é o Guarimba Galopa, em que as mulheres com movimentos do quadril e da cintura, vão de um movimento lento ao rápido, convidando o homem a fazer parte da dança, inspirados nos atrativos inatos das Deusas que surgem nas mulheres. Tem também os velhinhos com sua Dança da Sabedoria, onde os mais velhos se destacam e transmitem seus conhecimentos. E também o *Kuarahy*, ou o “Sol”, a Dança da Energia, quando se pede força para combater a adversidade, dançada em círculo, onde





é feito pedidos aos donos do Sol. No San Baltazar, a Dança de Oferenda ao santo, é um ritual para pedir saúde e prosperidade. E por último o *Pitiki*, o frenesi, o êxtase do candomblé em sua máxima expressão.

Tem que ver, sentir e viver pelo místico e extraordinário que é cada movimento centrado nos ancestrais, Santos e Orishas. As tradições seguem a flor da pele com o candomblé, com o sabor de *kichima* um tipo de biscoito feito a base de coco ralado, com purê de mandioca, queijo, ovo e cozido em fogo lento, sujeito a pedaços de madeira seca, pode vir acompanhado de um delicioso cozido ou com um típico chá preto do Paraguai, feito em carvão bem queima-

do, erva mate e açúcar no ponto de caramel. Coisas únicas que convido vocês a conhecer em Kamba Cua.

Vale destacar que as comunidades de *Pardos Libres de Emboscada*, *Kamba Kokue de Paraguarí* também continuam desenvolvendo suas festividades afrodescendentes, é o que temos de bom em comum. Nossas tradições, permanecem de geração em geração, e o interesse é algo intrínseco, desde o nascimento de cada um. Vamos nos desenvolvendo mais e mais e valorizando o nosso, a cada dia que passa.

Em relação a organização do Grupo Tradicional San Baltazar de Kamba Cua, criada em 2012, cujo presidente é Adolfo Bogarín, e a qual representou o Grupo frente a órgãos internacionais, a fim de continuar a preservação da cultura, das tradições e defender os direitos humanos. no orgulhamos de ter conseguido coisas incríveis, segue abaixo algumas delas:

**2013** - Construção de um centro comunitário, banheiros para as famílias que não possuíam, a esplanada da capela e calçadas para a comunidade do bairro de Kamba Cua, com apoio de organizações locais e internacionais.

**2014** - Lançamento da coleção feita pelo artista Arius Romer, foi um sucesso, as obras esgotaram antes mesmo de serem finalizadas.

**2015** - Aprovação da lei Nº 5464/15 pelo Congresso do Paraguai, declarando o dia 23 de setembro como dia da Cultura Afroparaguaia.

**2015** - O Grupo Tradicional San Baltazar de Kamba Cua foi registrado dentro da Organização da Sociedade Civil de Estados Americanos e hoje fazemos parte das organizações afrodescendentes registradas pelas OEA.

O Festival em honra ao santo patrono San Baltzar, um dos três reis magos da natividade católica, incluído na rota turística nacional do Paraguai pelo Ministério do Turismo e o Ministério da Cultura declarou o festival de interesse educativo cultural.

**2016** - Durante a visita oficial do Grupo de Trabalho de Especialistas para Pessoas Afrodescendentes das Nações Unidas aos EUA tive a oportunidade de falar sobre a migração na diáspora para os EUA.

**2016** - Meu trabalho foi reconhecido, pela prefeitura de Whashington D.C. no mês da Herança Afroamericana, por minha dedicação, por dar vi-

sibilidade as comunidades afroparaguais, por continuar apoiando o desenvolvimento das minhas raízes afrodescendentes e promover os direitos humanos, apesar de estar morando longe.

O Paraguai possui lugares mágicos como: *la Mora con los Kamba Kua*, *Emboscada con los Pardos libres*, *Paraguarí con los Kamba Kokue*, *Altos, Aregua y Concepción*, com suas raízes africanas que perduram através do tempo.

Estar longe de nossa terra não deve ser um empecilho para continuar apoiando, e fazer crescer nossa cultura e tradição dia após dia, podemos ir tecendo nossos sonhos, e antes do que esperávamos vamos ter mudado essa realidade assombrosa, para um futuro melhor para as mulheres, homens, crianças e jovens que anseia por melhores oportunidades. Ser mulher afrolatina é ser uma minoria, e isso implica em lutar por melhores oportunidades educacionais, tecnológicas, laborais, de desenvolvimento econômico, social e cultural, por nossas comunidades, para continuar erradicando a lacuna da pobreza em nível nacional, regional ou internacional.

**ESTOU ORGULHOSA DE SER UMA MULHER AFROLATINA, POR PODER DEMONSTRAR AO MUNDO QUE COM POUCO PODEMOS FAZER MUITO E LUTEMOS JUNTOS COM OTIMISMO, PERSEVERÂNCIA, PACIÊNCIA E COOPERAÇÃO. POR UM MUNDO MAIS IGUALITÁRIO, ONDE REINE O RESPEITO.**

Acabemos com a discriminação racial, com estereótipos e outras intolerâncias tão prejudiciais para nossos países. ■

SILVIA DIAZ DE MOORE é mulher negra, advogada, atua pela visibilidade da cultura afrolatinoamericana e dos afroparaguaios  
TRADUÇÃO: Juliana Blum

# MULHER

## NEGRA LESBIANA EM BUENOS AIRES

ENTREVISTA: JENYFFER NASCIMENTO  
E JULIANA SANTOS

SANDRA CHAGAS é feminista e ativista afrocandombeira  
TRADUÇÃO: Jenyffer Nascimento



**SANDRA CHAGAS**

Caminhando pelas ruas centrais de Buenos Aires, pude olhar e reconhecer um cenário que já tinha visto na televisão e nos filmes argentinos: ruas largas, fachadas históricas refletindo a arquitetura da colonização espanhola. No contraponto, noto certa elegância no vai e vem das *personas* vestidas com casacos e sobretudos, buscando estar aquecidas mediante temperatura de 3º C na Plaza de Mayo.

Aos poucos fui botando reparo nas pessoas, elas não me pareciam exatamente como aquelas que vi pela TV. Em pouco tempo de investigação, me deparei com uma argentina que não era de pessoas brancas “pseudo-europeias”, e sim com uma ampla

parte da população de descendência indígena. Mirei-os no trem lotado, nas lojas, nas praças e nas calçadas como artesãos. Eu não deveria estar surpresa, mas há um afastamento tão grande da realidade de nossos vizinhos latinoamericanos, que nunca tinha parado “conscientemente” para pensar como era a população desse nosso vizinho de fronteira.

Passado os dois primeiros dias, a minha inquietação de tanto observar as pessoas e seus jeitos já era outra. Eu me perguntava “Onde estão as pessoas negras?”. “Não há negrxs na Argentina”? Tentava buscar respostas, mas meu conhecimento precário em História não davam conta de responder. Alguns dias depois, me vi incomodada por não encontrar e não reconhecer alguém “dos meus” ou “das minhas” naquela paisagem. Estava esvaziada de um lugar de pertencimento, me sentia exótica diante dos olhares das pessoas, me sentia inadequada como se não coubesse naquele cenário, naquele país. Qual é o lugar de pertencimento quando a corpa é uma corpa negra?

Vida que vai... vida que vem... Não estamos sós, nossos ancestrais sempre nos apontam o caminho. Voltei a Argentina dois anos depois na companhia de amigxs negrxs a fim de investigar e saber “*dónde están nuestros hermanxs pretos?*” E foi nessa missão, que tivemos o privilégio de sermos recebidos por Sandra em sua casa, uma mulher negra nascida no Uruguai e criada em Buenos Aires. Ela é para nós inspiradora por sua luta, experiência, amor e resistência permanente..

**SANDRA, ESTOU ENCANTADA EM CONHECER-TE! PORQUE AS MULHERES DE LUTA E MAIS EXPERIENTES TEM MUITO A ENSINAR A MULHERES DA MINHA GERAÇÃO... E AINDA ESTAMOS CAMINHANDO PARA AS MUDANÇAS QUE BUSCAMOS ALCANÇAR. É ISSO, QUERO OUVHLA!**

**SANDRA** Bom, muito obrigada. A verdade é que me encanta que estejam aqui e que cada uma possa chegar a ser um grão de areia, em poder dar a voz e saber como é ser uma mulher negra. No meu caso negra e lésbica argentina. Isto é difícil mas não impossível. Nós mulheres como sempre, trabalhamos e trabalhamos muito.,

Dentro de nosso coletivo há muitas mulheres que fazem muitas coisas, mas nem todas podem. O ativismo é bastante difícil, muitas têm filhos e seus filhos vão à escola, por vezes são muitos e é preciso sustentá-los, ou seja, acumulam diversas tarefas que são do dia a dia.

Estamos tratando que se empoderem cada vez mais, junto com outras companheiras. Estamos trabalhando criando um grupo que se chama Matamba, dentro de nosso mesmo coletivo afrocultural e na coordenação e acompanhamento pela Rede de Mulheres Afro LatinoAmericanas e Caribenha da Diáspora.

Eu sou um elo deste momento, acontece que estamos tratando de dar maior visibilidade à mulher afro pensando empoderamento a nível político, porque a verdade é que faz falta. Faz falta uma voz, faz falta que de repente se saiba mais sobre nós mesmas, protagonizado por nós mesmas. Nesse sentido, esse é um trabalho que eu tenho me dedicado. As poucas pesquisas que conseguimos realizar temos sido as pessoas que entrevistamos nossas mais velhas. Isso é o que vocês podem ver na película “Soy Tambor”. Nós entrevistamos nossas mais velhas, nossas mais velhas nos passam seu conhecimento e esse conhecimento é o que de alguma forma tratamos de transmitir. Penso que não há outra forma e agora que temos essa tecnologia de filmar é muito importante.

Filmar é bom, agora tenho aí um pequeno projeto que tem a ver com as mulheres e o Candombe, pelas mulheres que são referências no Candombe, dentro do que é a cidade de Buenos Aires. Veja, essa difusão...

# MATAMBAS REIVIDICAÇÕES DAS MULHERES

NEGRAS NO 8M ARGENTINO / 2017

Houve muito trabalho por parte de todas para que também as mulheres afro originárias e imigrantes estivessem aqui e nossas petições se fizeram ouvir e escutar em vários pontos da declaração de **P.I.M. 8M NI UNA MENOS, VIVAS NOS QUEREMOS!**

Coloco aqui o tratado onde se visibiliza nossa entrada e de várias companheiras migrantes e originárias

- Denunciamos a violência econômica que empobrece principalmente as mulheres, marchamos pelas mulheres em situação de rua e dizemos que está também é violência de gênero.
- Repudiamos que as mulheres sejam encarceradas por delitos menores que criminalizam forma de sobrevivência, ainda os crimes das corporações e narcotráfico ficam impunes porque se beneficiam do capital
- Repudiamos e exigimos a anulação do DNU 70/2017 que modifica a Lei de Migraciones 25.871 por racista, xenófobo, discriminatório y criminalizador fazia a comunidad migrante. Esta reforma por decreto de lei de migrações no só viola direitos e estigmatiza, sendo que busca dividirnos violentando nossos históricos laços de irmandade
- Exigimos também a eliminação do Centro de Detenção de Migrantes.
- Nos pronunciamos contra a violência simbólica que exercem os meios de comunicação, a cristalização dos estereótipos de gênero, a estigmatização de nossas decisões, a invisibilização de nossas lutas.
- Não somos adornos! Queremos mais vozes feministas em todos os debates políticos, econômicos, sociais, culturais, somos produtoras de sentidos e lutas em todos os âmbitos. Deixem de falar por nós!
- Paramos contra a despropriedade violenta de terras de comunidades indígenas e campesinas, contra a intoxicação por agrotóxicos que nos envenena e nos mata. Paramos pela defesa das sementes e da diversidade de nossos recursos naturais.
- Paramos contra o racismo, a discriminação e xenofobia hacia as mulheres indígenas, negras afrodescendentes e afroindígenas. Paramos contra o genocídio e femicídio de mulheres que tem origem no tratado escravista e na violência colonial. Paramos pelo bem viver de nós e nossa comunidade.

**PARAMOS PARA DENUNCIAR QUE O ESTADO É RESPONSÁVEL.  
O ESTADO E OS GOVERNOS SÃO RESPONSÁVEIS.**

em um dado momento tinha apenas uma comparsa e hoje temos quarenta! O que significa que tem crescido nos últimos 30 anos. O que queremos também é que siga crescendo, mas com consciência. Não queremos um Candombe sem consciência social, não queremos um Candombe sem saber de onde vem e para onde vai. Dgamos que a nossa organização sempre partilhou, desse princípio porque disso se trata o Candombe de compartilhar, mas sempre com uma consciência social junto a nossa comunidade... Sabemos que o candombe é nosso, de nós negros, assim como é o samba e também com todas as sociedades negras.

Não é uma competência, não essa coisa de quem toca mais ou quem dança mais, é sobre compartilhar. É saber de onde viemos. Antes, se via esse grande quilombo onde tínhamos tudo, a capoeira, as religiosidades.. Cada cultura nossa vem fragmentada. Veja, se você faz capoeira, faz capoeira; se faz candombe, faz candombe. Se pratica religião, fica só na religião, antes não era assim...

Bom, o que nos ficou é poder transmitir às crianças e a quem interesse realmente saber de nossa cultura afro com consciência, porque isso demora, é isso que a nós nos interessa.

**PODE NOS FALAR SOBRE APAGAMENTO DA CULTURA AFRO E INDÍGENA NA ARGENTINA? UM PROJETO DE APAGAMENTO DAS CULTURAS NEGRAS E ORIGINÁRIAS...**

**SANDRA** A mim chama atenção, é como tapar o sol com a mão. No Brasil, apagar a cultura negra que está nas ruas é impossível. Aqui se praticou outra coisa, que é a invisibilização. A invisibilização se praticou desde o escrito, ou seja, se falava de uma pessoa negra sem nomeá-la como negra. Se tirava uma foto e na foto aparecia um branqueamento... Não dá! E ainda se faz, até hoje. *Há pessoas que falam do tango e falam de um tango branco, quando se sabe que o tango é um tango negro*, ou seja, seguem querendo invisibilizar, tapar e ocultar tudo que vem dos negros, como se tudo que vem de nós negros fosse ruim. Por exemplo, minha mãe teve que lutar com sua avó para aprender o Candombe, porque não a deixavam. Por quê? Por-



**AMANHÃ VAI PROCURAR UM EMPREGO E NÃO VÃO TE DAR! E NÃO TE DAO PORQUE VOCÊ É NEGRA E NÃO PORQUE É GORDA. O RACISMO OPERA DESSA MANEIRA.**

que lá estão os negros. Temos que ensinar a juventude que nós valemos, que nossa cultura tem um valor. O mesmo valor que qualquer outra cultura. É isso que temos que seguir empoderando-los dessa sabedoria que é própria. Na verdade temos feito a escola primária e secundária e nos ensinaram de tudo... de Grécia de Roma, menos de África. Aprendemos bem onde estão todos os

rios da Europa, mas não sabemos nem sequer da comida típica da Bolívia, como sofreram os afrobolivianos que se jogavam nas minas de Potosí, que eram nossos também esses ancestrais...

Me impressiona que há pontos muito próximos na nossa história enquanto negros na América Latina...

Nós somos divididos de uma maneira tal que tu é afrobrasileira, eu sou afruruguaia, ele é afroperuano, afrochileno, afroamericano... Nós somos negros primeiro, depois vem os países. Nós somos divididos, então como você vive do outro lado... Mas a tu se passa o mesmo que se passa comigo! Amanhã vai procurar um emprego e não vão te dar! E não te dão porque você é negra e não porque é gorda. O racismo opera dessa maneira...

#### **E SOBRE SER LÉSBICA, COMO VÊ ISSO?**

**SANDRA** Bom, há políticas. Há matrimônio igualitário. Eu atuando nos coletivos e cuidando de minha mãe, tendo uma vida nesse momento clandestina, não posso ser leviana, não foi fácil. Eu vivi a época difícil, de ter que me esconder, de ter que tratar de que a família

**NÓS SOMOS DIVIDIDOS DE UMA MANERA TAL QUE TU É AFROBRASILEIRA, EU SOU AFRURUGUAIA, ELE É AFROPERUANO, AFROCHILENO, AFROAMERICANO... NÓS SOMOS NEGROS PRIMEIRO, DEPOIS SE VEM OS PAÍSES.**

não sofresse. Pensava em não fazer sofrer o outro, mas tratar de ser feliz... Sendo quem sou, nisso nunca me traí, nunca! Vocês também viram minha mãe como é... As amigas lhe perguntam "E sua filha quando se casa? Hoje se tem maior abertura... Mas duas garotas estavam se beijando em um bar e pediram que se retirassem, não deveriam passar por isso.

#### **UM POUCO SOBRE AUTORRECONHECIMENTO**

**SANDRA** A verdade é que a mudança não se dá pela lei. A mudança é cultural. E pra isso tem que fazer um trabalho cultural, é como ser afrodescendente. Nós aqui na Argentina vemos milhões de afrodescendentes afroargentinos, o problema é que a pessoa se vê no espelho e sabe que não é... se olha no espelho e se vê branco. Eu tenho minhas dúvidas em dizer: - Não, branco é branco, você é mestiço, em todo caso, "mais afro", "menos afro", "mais indígena", "menos indígena" ou de povos originários como queira.... Ou é afroindígena e espanhol. Mas as pessoas sempre saem dizendo: "Não, porque tem um sobrenome espanhol, italiano ou francês..." Veja, pode ser adotado e ter um sobrenome, nesse caso. Ter um sobrenome não significa nada. De certa maneira, olhando a pessoas nos damos conta que ela é negra, mas ela não sabe... Falta consciência e também falta um pouco do que te dizia, as mudanças são a nível cultural. Tem fazer um trabalho e nós temos feito muito.

Por isso, digo, quando o Estado também toma parte, as coisas mudam. Muda, porque todos vamos ter livros que falem da história afroargentina ou vamos manter livros que falam de uma migração que se praticou 1880 quando vieram as educadoras inglesas... Mas temos que lembrar que havia uma história prévia. Havia povos originários antes que viesse Colombo e mesmo nos navios vieram escravizados e não podemos negar isso e nem quem já estava aqui antes, ou seja, é como se a história tivesse começado em 1880 e todo anterior não se deu? Está comprovado, o primeiro senso que se fez aqui na Argentina entre 1784 ou 1788 (não me lembro bem) constatado que havia mais população negra que branca... Está nos livros, não sou eu que estou inventando... ■

# MULHERAGEM

## VIVA OS 50 ANOS DE NENÊ SURREAL



**A VOVÓ GRAFITEIRA**

MURAL DE  
MARIANA SALOMÃO



# MOTAS

FOTOS: SEMAYAT OLIVEIRA  
TEXTO: ANA LAURA PEDRAJA AREVALO

**CRESPAS MULHERES, ALÉM FRONTEIRAS. ALÉM FRONTEIRAS NO QUE DIZ RESPEITO AOS NOSSOS PASSOS E AOS NOSSOS CORPOS. CRESPAS MULHERES SE ENCRESPANDO, NO PLENO SENTIDO DE RECONHECIMENTO DE NÓS. É RENASCIMENTO DEPOIS DE DOLOROSOS TRAUMAS, REJEIÇÕES E MUITO, MUITO RACISMO. CRESPAS MULHERES BRASILEIRAS E CRESPA MULHER URUGUAIÀ SE ACARINHANDO. CRESPAS, LAVANDO, ENSABOANDO E ENXAGUANDO "LAS MOTAS" UMAS DAS OUTRAS. A GENTE SE LAVA, SE ENSABOA, SE ENXAGUA E BRILHA AO SOL, PORQUE O SOL TAMBÉM FOI FEITO PARA TODAS NÓS, MULHERES NEGRAS, ALÉM FRONTEIRAS, NO COTIDIANO DE NOSSAS VIDAS.**

COM ANA LAURA PEDRAJA AREVALO, JULIANA DOS SANTOS E JENYFFER NASCIMENTO

**H**á uma hora de Montevideu, capital do Uruguai, fomos passar alguns dias no município de Cañelones, na casa de Ana. Ana é amiga de Simone Ricco que conhecemos no RJ, na casa das Mulheres de Pedra e mesmo antes de nos conhecer fomos criando laços de irmandade, além fronteiras.

Fomos muito bem-recebidas, Ana nos abriu a porta de sua casa e nos acolheu com todo amor do mundo e em sua companhia fomos felizes, compartilhando de dias leves, conversas agradáveis, carinhos e cuidados.

Ana nos ensinou o significado de MOTAS, e nós nos reconhecemos, porque MOTAS temos todas! MOTAS, palavra linda, palavra CRESPA, e se no passado fez doer, hoje nos faz amar. Ana compartilhou escritos de suas memórias afetivas sobre suas MOTAS e agora compartilhamos aqui, um pouco do seu olhar tão rico e potente, porque é carregado de amor.

**LENTA E TORTUOSAMENTE  
OS CRESPOS CEDIAM  
CEDIAM A TRADIÇÃO.  
SE ESTIRAVAM E AFROUXAVAM  
IGUAL O ROSTO DE MINHA MÃE  
DE TANTA CONTORÇÃO.**



ANA LAURA PEDRAJA AREVALO  
é educadora, afroandombeira  
e musicista  
TRADUÇÃO: Jenyffer Nascimento



### PENTE I

Lentamente umedeço meu cabelo crescido. Desenrolo meus crespos, não é violento. É carinho e vou ao seu encontro.

Utilizo o pente de dentes largos. Não lastima, não morde. Artefato adequado para meu cabelo.

Começo lentamente pelas pontas, estou erguida com a cabeça apontada ao chão.

Memórias dolorosas que se voltam ternas. São nós emaranhados na nostalgia do presente acariciado.

Pente que se adentra no profundo, dentre os finos fios, dando passo a raiz de seu entendimento.

### VERGONHA ENTRE A LIBERDADE DE MEUS CRESPOS E SUA RECLUSÃO SE ESCORRIAM A VERGONHA E A DOR.

ADOLESCÊNCIA.



### MEU CABELO, APRENDENDO

**AS MULHERES DA MINHA  
FAMÍLIA AFRO SEMPRE  
ESTAVAM PREOCUPADAS  
COM OS CABELOS.  
SE TINHAM QUE VER  
EXTENSOS, NA MODA,  
ÀS VEZES, COM  
VISLUMBRES DE  
NEGRITUDE, PORÉM  
NÃO DE TODO.**

Me detengo. Volto a pentear convencida da determinante imensidão de meu cabelo. Vivo, está vivo! E solto.

Outra vez penteio; sacudo minha cabeça, o vento ainda seca meu cabelo. Acaricia e massageia desenterrando a recordação, arraigando sensações alegres deste momento.

Derramo em minhas mãos um aroma essencial para perfumar meu cabelo coroando este ato de singela humanidade. Caminho com meus crespos despertando a cidade.



**LIBERDADE**

**QUANDO ENTREI NA UNIVERSIDADE MEUS CRESPOS DE REVOLUCIONARAM, SE CONVERTEREM EM CABELOS. POUCO A POUCO A VERGONHA E O MEDOS SE ASSUMIAM COMO ERAM: BOBAGENS. DIVERGENTES E INCONSEQUENTES. ANTIMODA. COM A MODA, COMECEI A DAR CONTA QUE MEUS CRESPOS ERAM SIMPLESMENTE CRESPOS.**

**CRESPA AVÓ**

A estadia na casa de minha avó paterna era uma aventura e um ritual que se desvirtuava do habitual sistema.

Mas indo a meus crespos, minha avó sempre me dizia cada vez que ia me pentear:

- Eu não sei como sua mãe faz para penteá-la!

Levava as vezes o cabelo trançado e o que ela fazia era molhar-me um pouco e alisar os crespos rebeldes exclamando:

- Ai! (Como se nela doesse).

**PENTE 2**

Crespos suaves, ásperos, finos, sonhados, mal lavados, maltratados e finamente tratados.

Crespo poesia, que nutre e fortalece minhas Crespas. Belas em sua resistência. Necessariamente emaranhadas, para desentranhar minha história. Crespo não é ruim, não é impermeável, impensável. O diferente que devia ser disciplinado a todo custo e de qualquer forma.

Não é ruim nem exótico, é herança familiar que desembarcou ali nos anos de escravidão.

O diferente, o exótico; palavras de desencontros que vem em minhas Crespas cotidianas um espeílo, que lhes devolve o olhar do poder lançado de forma impiedosa.

Impedimento de ver a dor dosificada, metódica e historicamente, sistematizada na cotidianidade de meus crespos.

O impenteável, resistência negra. Ferramenta que encarca e não deixa ser. Manutenção de privilégios. Minha busca desentranha a dor, e segura em meus crespos o poder.

Crespas sensual, crespo ruim, crespo doméstico, Crespa sexual. Já não vou mais aprisionar em mim as regras interiorizadas:

Sou Crespa e o que me determinou a fazer com elas. Vejo a dor de minha história, de meus antepassados:

Sou negra e ser humano também, eu me posiciono além de onde me querem.

Como não entrar o amor nesta questão? Se eu fui sujeitada como mulher negra, mulher pobre, mulher de esquerda, um zero à esquerda. O peso da construção histórica que não me tem deixado ser, pondo em marcha sutilmente o mecanismo cotidiano de esmagamento da autoestima para que não assuma meu poder. Eu escolho soltar o intermediário que me tem escravizado, igual ao que meus antepassados, já não me define essa moral contra os outros.

Quero ser, sou, vou sendo para que os encontros, sejam realmente encontros. Sou mulher, mulher crespa, mulher negra.

Assumo meu poder, não mais categorias, e minha luta de amor próprio que me tem devolvido a dignidade de ser.



# CARTA DE UMA BRASILEIRA NEGRA À AMÉRICA LATINA

**N**esse ano, faz exatamente 10 anos que te conheci pessoalmente. Nosso encontro foi às cegas. Até então, tudo o que eu sabia de você era Chaves e Chapolin, as *Mariás* da Thalia, os *pies descalzos*, da Shakira. De um vôo promocional que coube no meu orçamento, começou nossa história de amor. Desde então, fui ao Peru 7 vezes; à Argentina duas; Chile, Bolívia, Colômbia, Porto Rico, México e as fronteiras da Venezuela e do Paraguai, uma. Cada vez que percorro suas montanhas, mergulho nos seus mares, penetro seus caminhos, eu descubro um pouco mais de mim, mais do Brasil que insiste em te virar as costas.

Nossa relação é uma faca de dois gumes. A uma ponta corta, fere e faz sangrar. Muitas vezes, ela me machucou quando eu me sentia mais vulnerável: nas cantadas inapropriadas dos motoristas de táxi de Lima; no assédio ultrajante no metrô lotado da Cidade do México ou nas ruas de Santiago; da “solidariedade negra” dos vendedores de Cartagena, que, na verdade, me viam não como uma “irmã”, mas sim um nicho de mercado; os olhares de desprezo ou volúpia nas ruas de Buenos Aires (Argentina), San Cristóbal de las Casas (México) ou Sucre (Bolívia). Essa ponta da faca é sorrateira! Ela mina minhas forças sem eu me

dar conta. Quando caio em mim, já é tarde. Já estou com medo. Medo de ser abusada, estuprada, agredida, desrespeitada em cada “*Saque una foto con nosotros!*”; “*Puedo tocarte el cabello?*”; “*Qué linda cadera<sup>1</sup> tienes, morena!*”. Cada frase dessas me lembra que eu sou uma mulher negra. Meu corpo feminino e negro é visto como um objeto de desejo, de lazer, de exotismo.

O outro lado da sua faca também penetra minha carne, mas, ao contrário da outra - que dói, ela acaricia e deixa profundas marcas de carinho no coração. Lembra do que me aconteceu em Cusco em 2007? Pela primeira vez na minha vida, eu ouvi que meu cabelo é bonito! Exotismo? Folclorização? Pode ser. Mas, ouvir as senhoras indígenas na Av. El Sol me elogiando, me tocou muito. Elas me diziam: “eu adoro seu cabelo! Quero ter o cabelo “crespito” como o seu!”. Fiquei muito emocionada. Mas, descobri que aquelas senhoras, assim como eu, viviam sob o julgo da raça. Como o racismo é insidioso! Por causa dele, essas mulheres achavam seus lisos cabelos negros, sua herança indígena, feios e meu cabelo crespo, minha herança africana, bonito. Esse cabelo crespo que minha mãe sempre quis alisar. Cabelo que demorei 28 anos reconhecê-lo como bonito na forma natural. A opressão que eu vivi aqui, elas vivem lá.

Esse é o mesmo lado da faca que fez os peruanos no Rio de Janeiro me adotarem como parte da comunidade. Com todo carinho, me ensiram a ter a fluência no espanhol que já me levou a ser confundida como falante nativa.

Foi também eles que me apresentaram à grande mestre afroperuana Victoria Santa Cruz. “Me gritaron negra” atravessou minha alma! A distância no tempo e no espaço não me impediram de sentir que o poema da Victoria contava minha história. Em 2012, recitei pela primeira vez esse poema nas *Fiestas Patrias*<sup>2</sup> peruanas no Rio de Janeiro. Todos se emocionaram!

Com amigas peruanas, colombianas, mexicanas, dominicanas e chilenas, aprendi a dançar ritmos tão teus! Pelas tuas veias, conheci muitos outros: salsa, merengue, festejo, tondero, cumbia, mapalé, currulao, caporales, saya, tango, zamba, cueca, candombe, bomba. Mais ou menos engolidos pela branqueadora mestiçagem, em cada um desses ritmos encontrei uma parte de mim: uma mulher negra latina em diáspora. Me reconciliiei com meu corpo negro, dos largos quadris aos cabelos crespos. Eu poderia ser de Chincha, Chocó, Loiza, Costa Chica, Arica ou Los Yungas<sup>3</sup>. Não sou. Sou uma brasileira que aprendi sobre mim através dos seus filhos, meus irmãos. Por isso, minha relação com você, América Latina, é (in)tensa. Eu te amo, mas meu amor por você não é cego. No meu corpo, tenho um coração que bate de amor por ti, mas também olhos que enxergam suas tensões e a pele que sente suas opressões. Este corpo, inteiro, se entrega à luta para que você, minha querida América Latina, seja de tod@s nós. Na diáspora, você se tornou nossa casa. ■

1 Quadril.

2 Celebração do dia da Independência do Peru.

3 Regiões conhecidas pela significativa presença de populações afrodescendentes: Chincha (Peru); Chocó, (Colômbia); Loiza (Porto Rico), Costa Chica (México); Arica, (Chile) e Los Yungas (Bolívia).





## ATRAVESSANDO A LINHA DO EQUADOR MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS, NO EQUADOR

O nome tem origem a linha imaginária que divide o planeta em dois hemisférios e que atravessa o país em toda a sua dimensão. Além do território continental, também faz parte do país, as ilhas Galápagos - localizadas a 960 quilômetros - que a população mais pobre e que vivem no país ainda não conhecem, devido ao valor exorbitante nas passagens, ficando apenas para o deleite dos turistas europeus, alguns poucos latinos e nortes americanos endinheirados.

O Equador foi colônia espanhola, após várias batalhas nas lutas pela independência, Simón Bolívar, acompanhado de várias mulheres fizeram parte deste processo que derrotou o exército espanhol em 1822. E juntamente com a Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá, passou a integrar a Federação da Grã-Colômbia. No dia 24 de maio de 1830, o Equador tornou-

-se um estado autônomo, oficializando sua independência.

No ano de 2000, fui viver no Equador, na cidade de Quito, a qual para mim foi a mais linda experiência de vida, militância. Através da JOC – Juventude Operaria Cristã e pude vivenciar outras culturas e perceber o quanto diferente, mas ao mesmo tempo, o quanto igual são nossas vidas, como povo negro e indígenas, ainda que em outro país. E como a ideologia do apagamento de nossas raízes e histórias é forte também em outras culturas, pois o mestiço, que é a mistura do índio com o espanhol se sente acima do negro e do índio e assim o racismo prevalece. São eles que em sua maioria vivem nos bairros nobres e ação parte da classe média.

Os rostos que aparecem nos programas e telejornais dos meios de comunicação são brancos e têm cabelos lisos, ainda que, a população seja predominantemente indígena e negra. Nesta vi-

vência, pude perceber e ver que o mundo era maior, em todos os aspectos, para além do espaço que eu vivia. Aprendi a falar o Espanhol-Castellano formal e informal no cotidiano do povo, ouvi a quíchua língua comum entre os povos indígenas. Viver no Equador era parte do trabalho de Coordenação Internacional deste movimento, com mais quatro pessoas da Venezuela, Peru, Paraguai e Colômbia, éramos responsáveis pelo Continente Americano e Caribenho. Vivi no Equador um período de cinco anos e claro trabalhando também com outros países Andinos como Peru, Bolívia e Colômbia, acompanhando e formando a juventude nos mais diversos espaços de trabalho, formal, informal, fábricas e plantações de flores.

### ASPECTOS SÓCIOCULTURAIS

Há uma situação de desigualdades sociais e raciais no Equador. Na capital, onde passei maior parte do tempo, porque lá vivia, o centro da cidade na época, era pensada para turistas, era muito forte, pois as pessoas equatorianas, tanto negras como indígenas, não frequentavam ou frequentavam poucos espaços, de bares, restaurantes, discotecas para desfrutar do lazer, pois sentiam que ali

**EQUADOR TEM UMA ÁREA DE 58,18 HAB./KM<sup>2</sup>,  
A POPULAÇÃO É DE 16,5 MILHÕES DE HABITANTES (ESTIMATIVA 2016)**  
**SÓCIO CULTURAIS DE COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO:**  
**EURAMERÍNDIOS 55%, AMERÍNDIOS 25%,  
EUROPEUS IBÉRICOS 10%  
EAFRODESCENDENTES 10%.**

(FONTE: sua pesquisa.com – Portal de Pesquisa Temática e Educacional).

não eram seu lugar. Mas com o tempo e a resistência de ocupar o centro histórico e novas políticas, isso foi mudando.

O racismo era visível e presente nos diferentes grupos, que o indígena se colocava diferente, do negro, e mestiço acima do indígena por ter o tom de pele mais clara e supostamente a descendência européia dos espanhóis. Este aspecto era forte e explícita na população e nas práticas diárias. Me lembro de vários fatos acontecidos comigo e principalmente com o um amigo negro.

Nos bairros, como o Comité del Pueblo, Ayacucho, Pifo, África Mia, sempre havia a relação de solidariedade e convivência entre os diferentes grupos étnicos, onde abrigavam os mestiços pobres se encontravam nas ancestralidades seja ela indígena ou africana, nas precariedades das condições de vida e na busca de alternativas de sobrevivências do trabalho, da saúde e da educação. Pelos nomes dos bairros era possível visualizar os traços de África e a mobilização do povo negro, as músicas, as religiões de matriz africana- ainda muito restrita, o Hip Hop, a Bomba, os tambores, as danças, comidas típicas de negros preservando a cultura afroequatoriana. E a cultura indígena também conservando

sus raízes, como as línguas nativas, suas comidas, suas músicas, trajes coloridos do dia a dia.

#### **DAS MULHERES COM QUEM CONVIVI**

As condições das mulheres negras não eram tão boas ou diferente de várias mulheres brasileiras, trabalhadoras domésticas, mães que cuidam sozinhas dos filhos, pois muitos dos maridos emigraram para Espanha em busca de melhores condições de vida e enviam recursos para seus familiares. Então as mães, em sua maioria, são as que sus-

e moda, era a única na sala de aula e poucas queriam fazer os trabalhos com ela. Era sempre pressionada a sair porque vivia de bicos para pagar o curso, era pobre e preta. Mas ela conseguiu concluir e hoje é uma grande artista e estilista. Voltando a falar do trabalho das mulheres e homens negros, na cidade de Quito, assim como no comércio, era raro de ver um negro no mercado informal, pelos centros, mas se saíssemos aos arredores e nas estradas, lá estavam eles vendendo banana, galinha ou na construção civil.

Desta realidade, como mulheres e como negras, também havia muitas resistências e formas de expressar com as outras. Via-se várias experiências de grupos comunitários, ou mesmo nas casas de mulheres negras, reunindo-se para superar as dificuldades do trabalho e da violência. Um elemento comum entre elas como estratégia foi pentear os CABELOS CRESPOS, elas se encontravam para pentear a si e as outras, fazer tranças africanas e, com isso, falavam de seus problemas no trabalho com as patroas, em casa, sobre sua solidão, a saudade do companheiro, ou dos filhos em terras distantes produzidos pelo efeito da imigração, as diversas situações enfrentadas de racismo. Criavam laços de solidariedade, de amizades, encontravam estratégias, ainda que “pequenas”, de resistências frente aos problemas. Com isso, iam resgatando a autoestima, afirmando sua identidade e o valor de ser mulher e ser negra e tudo isso expresso através do cabelo crespo. Aos poucos iam identificando que o que viviam era racismo e que também acontecia com outras mulheres negras. Desse pequenos grupos em alguns lugares

foram crescendo e tornou-se a associação de mulheres negras, e a articulação do movimento negro em pequenos núcleos. Isso acontecia nestes bairros de África Mia, Comitê del Pueblo, Ayacucho e outros.

Outro aspecto importante de dizer é sobre as Mulheres Jovens indígenas e mestiças que trabalhavam nas fábricas e grandes plantações de flores. Colômbia e Equador são países vizinhos, são grandes produtores e exportadores de flores para Europa e com isso há grandes empresas, principalmente colombianas, que ocupavam territórios equatorianos. Essas fábricas eram compostas por mulheres e jovens e mestiças, na sua maioria.

Com condições precárias, sem direitos assegurados, sem direito de se organizarem em sindicatos, elas eram obrigadas a fazerem horas extras, muitas vezes sem pagamento, sofriam assédio e abuso sexual, acidentes de trabalho e para se organizarem no espaço de trabalho era muito difícil. Este processo com as jovens trabalhadoras se deu também na Colômbia. Como todas sabemos, Colômbia tem o maior índice de sindicalistas assassinados e a organização sindical neste setor é muito difícil.

No Equador, trabalhar com estas meninas era um grande desafio. Então, nos reunímos nos fins de semana para partilhar a realidade, os problemas vividos, atividades de lazer, roda de conversa, passeios e busca de estratégias mínimas, que permitiam sua proteção, sem correr riscos. E estes espaços funcionavam, davam coragem, força, e autoestima, pois viam que não estavam sós e que outras viviam a mesma realidade. Não era fá-

cil... Me lembro que uma das estratégias que tiramos juntas era caso uma fosse obrigada a fazer hora extra, ao menos mais três também ficariam, como forma de proteger e inibir o chefe de qualquer ação. Outra coisa importante foi fazer parcerias com algumas organizações de países como Alemanha, Espanha, Bélgica para criar campanha de não comprar flores de empresas que exploravam e abusavam das jovens trabalhadoras. Esta ação foi importante porque deu visibilidade e várias empresas mudaram no tratamento das jovens. As lojas dos países da Europa mencionados acima só compravam flores das empresas que tinham o selo de qualidade que “respeitava” as trabalhadoras.

E o desafio maior, seria juntar os dois grupos de mulheres negras com as indígenas e mestiças, porque a sociedade capitalista nos divide e enfraquece nossas lutas, realizamos algumas atividades juntas, mas com muitos limites. Ainda assim, foi importante para que os grupos entendessem que no capitalismo são as mulheres, as pretas e as índias que mais sofrem. A relação entre estes dois grupos mudou.

Acredito e desejo muito que a realidade de muitas mulheres, inclusive estas das quais estive mais perto tenha mudado ao longo destes anos, com melhorias na saúde, educação etc. Mas acredito também que a luta das mulheres é todo dia e que “somos mulheres e não mercadoria” e que como mulheres negras o desafio é ainda maior. Por isso, o feminismo é essencial em nossas vidas, em nossas lutas para transformação e a construção de um mundo novo, sem machismo, sem racismo, para o bem viver. ■

**UM ELEMENTO COMUM  
ENTRE ELAS COMO ESTRATÉGIA  
FOI PENTEAR OS  
CABELOS CRESPOS.  
ELAS SE ENCONTRAVAM PARA  
PENTEAR A SI E AS OUTRAS,  
FAZER TRANÇAS  
AFRICANAS E COMISSO  
FALAVAM DE SEUS  
PROBLEMAS NO TRABALHO  
COM AS PATROAS, EM CASA,  
SOBRE SUA SOLIDÃO...**

tentam seus lares. Em sua maioria, são trabalhadoras domésticas, com salário baixo e condições precárias. Muitas neste trabalho são acusadas de roubo, sofrem violência, assédio, além da violência doméstica. Era raro ver nas lojas de comércio, atrás do balcão mulheres ou homens negros trabalhando, este setor não as empregava. Pode ser e espero que hoje, após estes anos, que voltei para o Brasil, alguma coisa tenha mudado na vida das mulheres negras equatorianas. Pois, se no Brasil era raro ver uma negra em sala de aula, imagina no Equador. Uma amiga, que fez a faculdade de arte



## LEVANTIE DAS GUERREIRAS MUNDURUKU

**D**e acordo com registros históricos, o primeiro contato dos Munduruku com os invasores, colonizadores, ou *pariwas* (não-indígenas), ocorreu no final do século XVIII. Desde os primeiros registros, seu povo ficou conhecido como “indígenas cortadores de cabeça”, por sua tática, em ofensivas de guerra, de cortarem e mumificarem as cabeças de seus inimigos.

Esse caráter lutador, tanto no passado como nos processos de resistência dos dias atuais, têm consolidado o protagonismo masculino nos processos políticos. No entanto, a intensidade dos ataques ao seu território e a seus direitos constitucionais têm desencadeado no grupo uma nova demanda, onde o papel da mulher chega com uma força extraordinária, jamais registrada em sua história de resistências.



A Nação Munduruku ocupa um vasto território, também conhecida como Mundurukânia. Localizada no oeste do estado do Pará, às margens do rio Tapajós, ela abriga mais de 30 mil indígenas Munduruku. São cerca de 130 aldeias espalhadas ao largo do alto, médio e baixo Tapajós, região que tem se transformado, nos últimos 10 anos, no epicentro das demandas de investimentos para o setor primário-exportador na Amazônia Legal.

Assim, como todos os povos indígenas do Brasil e do mundo, os maiores esforços do povo Munduruku hoje são projetados na batalha pela garantia de seus direitos. Frente a uma lista de ameaças que coloca em risco todo seu modo de vida, os Munduruku ganharam visibilidade em todo o planeta por sua impressionante determinação na defesa seu território, especialmente contra grandes planos do governo federal de exploração hidrelétrica naquela região.

É possível afirmar que essa força se deve a profundos laços culturais e espirituais, que levaram os e as indígenas Munduruku a desenvolver um forte sentimento de pertencimento e coesão tanto como nação quanto em relação ao seu espaço territorial.

Hoje, mulheres e homens Munduruku lutam lado a lado, ocupando espaços de protagonismo parecidos. Juntos afirmam que para muito além das lutas de resistência, é preciso pensar um projeto de vida Munduruku. Um projeto que ao mesmo tempo que resgate os valores ancestrais, possa apontar para novas formas de entendimento e relação com o mundo.

<< Em uma entrevista especial para esta publicação da coletiva Fala Guerreira, a jovem Maria Leusa Cosme Kaba Munduruku, de 29 anos, nascida na al-

deia Missão São Francisco, do município de Jacareacanga, no Pará, nos explica como se tornou uma das mais proeminentes guerreiras Munduruku. Hoje, mãe de 5 crianças, ela é a primeira coordenadora do Movimento de Resistência Munduruku Ipereg Ayu e já viajou numerosas vezes para Brasília e diferentes regiões do Brasil e do mundo representando seu povo e reivindicando seus direitos constitucionais. >>

### NAYA - COMO FOI QUE COMEÇOU A LUTAR, LEUSA?

**LEUSA** Estou na luta desde 2012, desde a morte do parente Lelo Akay. Criminosos e traficantes estavam tomando a cidade de Jacareacanga. Alguns deles roubaram e mataram brutalmente o Lelo e a polícia não fez nada. Eu ainda era jovem. Mais tarde, um agente do Estado assassinou o guerreiro Adenilson Kixi, durante a Operação Eldorado, em Teles Pires. Eu fiquei muito revoltada e comecei a lutar junto com a Rosenilda Börö e a Neusa Kirixi. Fomos as primeiras mulheres que nos levantamos e nos tornamos guerreiras.

### COMO VOCÊ CHEGOU A COORDENAR O MOVIMENTO? COMO SEU O POVO TE ELEGEU COMO LIDERANÇA?

**LEUSA** Quando comecei eu só acompanhava. Houveram vários homens coordenando o movimento durante esse tempo. Primeiro foi o Cândido, depois o Valdemir, depois o Josias – os homens estavam coordenando – e as mulheres, eu, a Rosenilda e a Neusa acompanhavam. Eles lideravam as mulheres. Mas nós, mulheres, começamos a tomar frente também.

Mais tarde, em uma assembleia ge-

ral de 2014, na aldeia de Waro Apompo, do médio Tapajós, as pessoas ali participando decidiram que quem estaria coordenando o movimento daquele momento adiante seria eu.

A gente era quem mais tava organizando, com cuidado, alertando os caciques e lideranças. Eles achavam que eu tinha coragem de falar. Dizer pra todo mundo: não às barragens! Não às hidrelétricas. E assim os representantes das aldeias Munduruku presentes na assembleia geral me indicaram como coordenadora do movimento. Antes eu só estava representando as mulheres, mas a partir daquele momento eu comecei a representar homens e mulheres pelo Movimento de Resistência Munduruku Ipereg Ayu.

#### **COMO É SER UMA MULHER GUERREIRA MUNDURUKU?**

**LEUSA** Depois que eu fui escolhida pelas lideranças, eu tive que ter muita responsabilidade e compromisso para representar meu povo. Então eu pedi coragem, porque pra nós, mulheres, não é fácil deixar a família. Mas eu conversei com a minha família e eles sempre me apoiam. Aí eu tomei a decisão de ir acompanhando eles (as lideranças homens, os caciques), ajudar a organizar, convocar as oficinas, a assembleia e articulando com os parceiros (movimentos, ONGS, igreja, etc) e muitas pessoas para conseguir construir alianças para que possamos lutar juntos. No começo eu nem sabia como fazer. Mas sempre tinha uma pessoa pra ajudar a gente, principalmente o Movimento Xingu Vivo Para Sempre, e assim a gente conseguiu avançar na nossa luta. Mas não é fácil. A gente deixa a nossa roça, a famí-

lia, passa 15 dias, 1 mês longe de casa. Depois passam poucas semanas e já temos que sair de novo. Mas a gente se acostuma, e eu sei que é importante continuar fazendo esse trabalho.

#### **RECENTEMENTE HOUVE O I ENCONTRO DE MULHERES MUNDURUKU. FALA PRA GENTE COMO FOI?**

**LEUSA** Primeiro houve uma oficina de mulheres na aldeia do Katô, no alto Tapajós, onde falamos dos riscos que está correndo o nosso território. Foi muito importante, as mulheres ficaram animadas com a oficina e a partir daí foi proposto um encontro maior para as mulheres, onde convidamos mulheres de várias aldeias e outros povos da região.

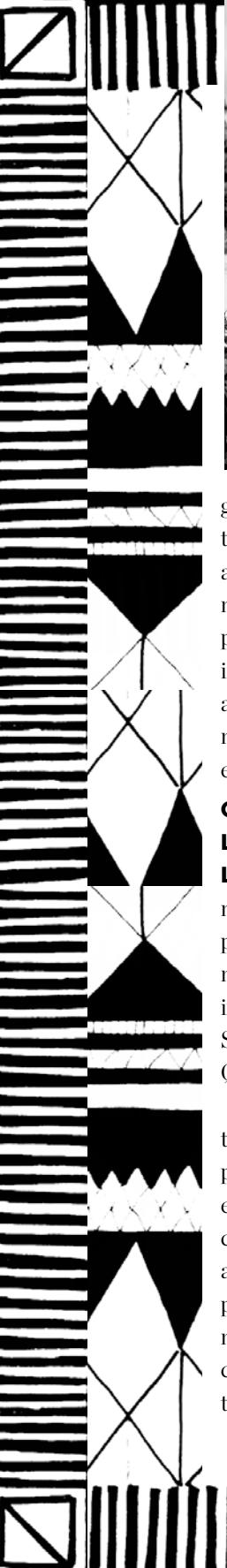
Lá discutimos o nosso modo de vida, como nós, mulheres, cuidamos dos nossos filhos, e de como nós também somos capazes de lutar e de cuidar do nosso território. As mulheres se animaram, e agora tem várias que estão nos acompanhando. Só que não é fácil de reunirmos sempre. Porque dependemos muito de recursos financeiros pra sair das nossas aldeias. Muitas mulheres também querem ir à Brasília quando vamos, mas não conseguimos levar todas.

Lá no médio Tapajós as mulheres também se animaram e fizeram um encontro de mulheres do médio. E fomos 28 mulheres do alto Tapajós para esse encontro.

#### **COMO UMA MULHER MUNDURUKU SE TORNARÁ UMA GUERREIRA? COM QUE IDADE ISSO PODE ACONTECER?**

**LEUSA** Tem uma história nossa de uma grande guerreira, a Wakoburûn, que conta a história dessa guerreira Munduruku que era jovem. Ela não tinha filhos. Eu não sei qual era a idade dela, mas ela foi guerrear quando mataram o irmão dela. Quando tiraram a cabeça do irmão dela. Então depende da pessoa se esforçar e ver que está a frente. Se a moça conseguir defender, então não importa qual a idade. Agora mesmo já temos 7 cacicas mulheres. Algumas já são mães, algumas já são até avós.

Os homens estão entregando o que antes era apenas seu espaço para as mulheres. Eles estão entendendo que as mulheres também têm que ter essa oportunidade. Hoje eles confiam em nós. Isso foi uma



grande conquista nossa aqui, porque antigamente, há alguns anos atrás, era muito difícil os homens acreditarem nas mulheres. Porque às vezes o marido não deixa sair, né. Às vezes eles não deixam as companheiras sairem nem alí. Mas depois de todas essas iniciativas com as mulheres, nós conseguimos trazer as mais guerreiras, e podemos contar com mais delas nessa luta. Nesse momento, as mulheres Munduruku estão bem animadas.

#### **COMO AS MULHERES MUNDURUKU PRETENDEM LUTAR DAQUI PRA FRETE?**

**LEUSA** Nós sempre falamos para nossas mulheres: nós somos capazes de dar educação para nossos filhos, porque a educação que vem dos pariwat (não indígenas) traz muito prejuízo para as pessoas e traz muitos impactos pra nós. A gente sempre fala: somos capazes. Somos capazes de fazer. Somos capazes de idealizar. Que somos capazes de construir.

Aconselhamos as nossas mulheres a cuidar do seu território. Não apenas da casa e da roça. A gente sempre aconselha elas nesse sentido. E incentivamos todas elas a cuidar da nossa cultura, o artesanato, as medicinas tradicionais, os remédios. Porque, por exemplo, a primeira coisa que fazem quando uma mulher tem problemas na gravidez é envia-la pra cidade pra tomar medicamentos, aqueles remédios. E aqui, se não é um caso sério, a gente não aceita, a gente recomenda outros caminhos pra elas.

O governo com suas iniciativas traz muitas restrições

pragente, como rodovias, hidrovias, mineração, hidrelétricas. Para nós o desenvolvimento é o nosso território: o rio, a floresta, o igarapé. E nós pensamos que agora tá na hora de nós construirmos nosso plano de vida e mostrar para o governo. E a gente está construindo agora. Nós mulheres estamos construindo. ■

**NAYANA FERNANDEZ** é documentarista e passou alguns meses na Mundurukânia durante as filmagens do seu documentário "Tecendo a Resistência" (25min, 2014) e no desenvolvimento de outros trabalhos junto ao povo Munduruku. Hoje milita junto a mais povos do rio Tapajós desde a cidade de São Paulo pelo Comtapajós – Comitê Paulista de Solidariedade à Luta pelo Tapajós.

Leia mais sobre o Levante de Mulheres Munduruku no texto "A Nação Munduruku e seus Horizontes de Vida – Novas Perspectivas a Partir do Protagonismo Feminino", por Ana Laide Barbosa, Dion Monteiro, Luiz Claudio Teixeira e Verena Glass, publicação da Fundação Rosa

# MOVIMENTO ZAPATISTA E A ALEGRIA E REBELDIA QUE PERMANECE EM NOSSOS CORAÇÕES

**E**m 2016, realizei um sonho: estive em terras zapatistas, olhei nos olhos de guerreiros e guerreiras que somente conhecia virtualmente. Conheci o movimento zapatista em 2009, numa aula na universidade sobre movimentos sociais e educação popular. Eu me lembro como se fosse ontem: um vídeo mostrando indígenas encapuzados enfrentando o Estado com armas e reivindicando dignidade para suas vidas. Eu achei aquilo tão incrível, porque era tão ousado e corajoso, tão cheio de vida, tão inspirador, tão revolucionário e anticolonial. E vi total sentido para nossa luta na periferia: reivindicar autonomia para nossos territórios e se desvincilar do Estado. Afinal, a quem serve essa ferramenta senão aos colonizadores? Não fomos nós que criamos essa maneira de governar, de tomar decisões.

Meu corpo inteiro ficou apaixonado por essa rebeldia. Foi uma faísca que entrou em mim e nunca mais saiu, pulsa e se desdobra cada vez que partilho o que significa a luta zapatista para nossos mundos.

Depois desse primeiro contato, fui pesquisar mais para entender como eles/as se organizam, como vivem, quais foram seus caminhos, vitórias e derro-

tas. Vou tentar tocar o coração de vocês com um pouco do que aprendi com eles/as e torcer para que, a cada descoberta do zapatismo, o seu coração se contagie com essa energia rebelde.

Foi em 1 de Janeiro 1994 que o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) se levantou armado nos altos das montanhas de Chiapas no México para instaurar um processo de revolução socialista e expulsar os governantes-poderosos que nada faziam para melhorar a vida de seu povo (mau governo). Neste mesmo ano, foi acordado no México o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (procurem saber sobre o NAFTA). Importante mencionar que esse levante estava sendo organizado em silêncio durante 10 anos (pois é galeira, nada de facebook). Eles/as derruba-

ilustração: CAROLINA TEIXEIRA (ITZÁ)



**TRECHO QUARTA DECLARAÇÃO DA SELVA LANCADONA (CHIAPAS, MÉXICO)**

"Nós nascemos da noite. Nela vivemos. Nela morreremos. Porém, a luz será manhã para os demais, para todos aqueles que hoje choram a noite, para quem o dia é negado, para quem a morte é uma dádiva, para a dor e a angústia. Para nós, a alegre rebeldia. Para nós o futuro negado, a dignidade insurrecente. Para nós, nada. Nossa luta é para fazer-nos escutar, e o mau governo grita soberba e tapa com canhões os seus ouvidos.

Nossa luta é contra a fome, e o mau governo oferece balas e papel aos estômagos de nossos filhos.

Nossa luta é por uma moradia digna, e o mau governo destrói nossa casa e nossa história.

Nossa luta é pelo saber, e o mau governo reparte ignorância e desprezo.

Nossa luta é por terra, e o mau governo oferece cemitérios.

Nossa luta é por trabalho justo e digno, e o mau governo compra e vende corpos e vergonha.

Nossa luta é pela vida, e o mau governo oferece a morte como futuro.

Nossa luta é pelo respeito ao nosso direito de governar e nos governarmos, e o mau governo impõe à maioria a lei da minoria.

Nossa luta é por liberdade para o pensamento e o caminhar, e o mau governo impõe cárceres e túmulos.

Nossa luta é por justiça, e o mau governo está cheio de criminosos e assassinos.



Nossa luta é pela história, e o mau governo propõe o esquecimento.

(...)

Por trabalhar nos matam, por viver nos matam. Não há lugar para nós no mundo do poder. Por lutar nos matarão, mas nós construiremos um mundo onde tenha lugar para todos e todos possam viver sem morte na palavra. Querem nos tirar a terra, para que o nosso passo não possa andar. Querem nos tirar a história, para que a nossa palavra morra no esquecimento. Não nos querem índios. Nos querem mortos.

Para os poderosos, o nosso silêncio era uma bênção. Calando morríamos, sem palavra não existíamos. Lutamos para falar contra o esquecimento, contra a morte, pela memória e pela vida. Lutamos pelo medo de morrer a morte do esquecimento" (Quarta Declaração da Selva Lancadona, Chiapas, México, Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional, 1996),

ram algumas prefeituras, mas o mau governo, violento e sedento por mortes, chamou seu exército, que veio com sua brutal força armada. Mas foi sem arreco! Foram dias de combate... Muitos zapatistas foram assassinados. O cenário foi de muitas mortes. Com isso, um

pedido fez com que eles cessassem fogo: o povo mexicano saiu às ruas pedindo que parassem a guerra, porque não queriam mais mortes. E os zapatistas bateram em retirada.

Aí me vem a lembrança de uma placa enorme quando chegamos no Caracol Oventik: "Aqui o povo manda e o governo obedece". Caracol é um dos territórios zapatistas de entrada e saída de informações, porque a informação entra, mas também tem que sair. Então os caracóis são estratégicos para comunicar o mundo sobre a luta zapatista. Além disso, os zapatistas se organizam em municípios autônomos. Isso significa que eles têm territórios em que eles governam com a Junta do Bom Governo, decidindo entre eles o que é melhor para o povo. As decisões são tomadas em assembleias com todos/as zapatistas. Um de seus lemas é "mandar obedecendo": quem ocupa cargos públicos não toma decisões, mas executa a vontade coletiva decidida nas assembleias.

Poderia ficar explicando por linhas e mais linhas como se organizam. Mas acredito que essas informações são fáceis de serem encontradas na internet. O que eu queria prosejar mesmo com vocês é algo que eu fiquei muito pensativa, que é a questão da autonomia na luta zapatista. E achei tão bonita como autonomia está no pensamento zapatista que fiquei matutando como pode se encontrar com nossas experiências nas periferias urbanas.

A autonomia não é uma reivindicação, porque não é uma demanda, autonomia é uma prática que está relacionada com a construção de cada pessoa enquanto sujeito político e isso se articula fundamentalmente quando "eu posso falar". O poder da palavra para os/as zapatistas é muito importante, acredito que para nós também. Poder falar. Escutar e ser escutada. É como as decisões são tomadas: no poder das palavras que caminha com a realidade, a qual precisa ser transformada para o bem coletivo.

Aprofundando mais essa ideia, autonomia é a forma de construir o cotidiano e por isso é uma reconstrução descolonizadora e que precisa de todos e todas para decidir o rumo de nossas vidas, quais são nossas necessidades, nossas alegrias, nossas dores. É saber que a utopia é construída cotidianamente, não vem antes, é constante aprendizado. Por isso nossa caminhada pode ser feitas de erros e acertos, o importan-

te é conversarmos e pensarmos coletivamente como superar as decisões que nos oprimem.

**"ESTAR SENDO"  
ALGO. NEGAR  
AS DEFINIÇÕES  
OPRESSORAS. É  
NO FLUXO DO  
TEMPO QUE SE  
APRENDE.**

Obviamente não são passos fáceis de serem dados, mas os/as zapatistas mostraram ao mundo que é possível. Como existir a partir do nosso território (corpo e terra) com dignidade?

Nossa fome precisa ser extermínada. Precisamos retomar nossa soberania alimentar. Nossos corpos precisam de terra fértil e não de cana de açúcar para alimentar carros (bem diria Eduardo Galeano). Roubaram nossas terras, violaram nossos corpos, roubaram nossas memórias. Por isso temos que recriar nossos calendários e geografias, como dizem os/as zapatistas. Reconstruir nossas histórias, reconstruir aquilo que somos.

Nossa história é território, é um lugar de autonomia. O quê e como conhecemos o mundo caracteriza o lugar que habitamos.

Depois que conheci a luta zapatista e ainda após ter tido a oportunidade de compartilhar o mesmo espaço e tempo com eles em 2016 no México, meu coração está imerso na defesa de nossas vidas e pulsando cada dia mais forte com a certeza da nossa vitória, mesmo que devagar e cotidiana – venceremos. ■



foto: BEATRIZ OLIVEIRA

# JÁ É TEMPO

**C**ompartilho companheirxs, um sentimento que anima o coração coletivo do povo mexicano. No 1º de janeiro desse ano, no Caracol Oventic, chegou ao que eu acredito ser um presente para a história desse país. Desde os cantos mais esquecidos, as vozes de centenas de homens e mulheres chegaram através das delegadas e delegados do Congresso Nacional Indígena (CNI). Este dia, escutamos o acordo de 43 povos originários do México, a proposta de nomear um Conselho Indígena de Governo, onde existam representantes homens e mulheres de cada povo que conforma o CNI e que se tenha como finalidade governar esse país.

Essa proposta foi aprovada durante o V Congresso Nacional Indígena que se realizou em São Cristóbal de las Casas, Chiapas, no outubro passado. Até então, dizem alguns assistentes, esse es-

paço-casa dos povos indígenas que representa o CNI, havia sido um lugar onde as dores das comunidades se encontravam e se abraçavam, se queixavam do espolio, da exclusão, do racismo e à violência que vivem os povos indígenas. Entretanto, esses dias de encontro tiveram como resultado a iniciativa de fazer algo diferente, algo que permita que se escute e se cumpra a vontade dos povos. Desde esse momento, o Congresso Nacional Indígena se declarou em assembleia permanente para consultar os povos sobre o que se apresentou como acordo no 1º de janeiro. Essa proposta é também significativa porque terá como porta voz uma mulher indígena, que será candidata independente à presidência em de 2018.

É necessário mencionar que o CNI surgiu com o chamado que fez o Ejercito Zapatista de Liberación Nacional, pouco tempo depois de seu levante em 1994. Grande parte dos povos indígenas do estado do Chiapas que o conformam, são também bases de apoio do EZLN. Após o anúncio em outubro sobre a consulta aos povos, a respeito se aceitavam ou não a proposta de um Conselho indígena e uma mulher como porta-voz, apareceram as críticas dizendo que

## CHEGOU A HORA DO CONTRA ATAQUE. E DEVEMOS

a proposta havia sido dada pelo EZLN e não pelas comunidades do CNI, premissas que foram assinadas no comunicado de novembro “Uma história para tratar de entender”.

Efetivamente, havia sido uma ideia do EZLN que se discutiu e foi aceita pelas delegadas e os delegados do CNI: “Nós, zapatistas, pensamos que é o momento de passar à ofensiva. Chegou a hora do contra ataque. E devemos começar golpeando um dos corações do sistema, a política de cima”, anunciava-se assim a proposta. O Subcomandante Moisés dizia que esta é a última oportunidade talvez para mudar a vida dos povos no México, porque o capitalismo está acabando com tudo, a ciência está a serviço do sistema capitalista, grandes empresas transnacionais estão destruindo a cultura e nós mesmos favorecemos também a esse modelo de morte.

Quanto à ideia de que seja uma mulher que represente, e não um homem, é prova dos processos de organização e autodeterminação das mulheres nas comunidades e municípios autônomos zapatistas. Esse exemplo se compartilha agora aos povos do CNI para que também outras mulheres levantem sua voz. É necessário que as mulheres do campo e da cidade saiam a defender a terra e a vida que os projetos neoliberais estão destruindo.

Parece-me que o EZLN e o CNI ainda não falam com tantos detalhes sobre a importância da participação das mulheres neste processo, mas me atrevo a supor que a defesa da terra e o território ao qual se referem neces-

sitam das mãos e vozes das mulheres. Por exemplo, no México, 51% do território ainda é propriedade “ejidal” (título de propriedade de terra coletiva. Ver Lei Agrária de 1915), por isso é importante que as mulheres decidam nas assembleias comunitárias, já que são esses espaços onde se tomam as decisões sobre o uso ou venda da terra, a autodeterminação das mulheres favoreceria esses processos para cuidá-la e defendê-la.

A proposta do CNI nos chama a defender a terra contra os megaprojetos do modelo neoliberal que danam a biodiversidade, projetos impulsionados por empresários que estão na classe política. A candidatura indígena, segundo minha interpretação, convoca também à organização das mulheres para defender nossa vida, nosso corpo e o território. A reconhecer que somos nós as que preservamos a cultura, transmitimos a língua, o segredo do poder curativo das ervas e, em geral, as que cuidamos da vida.

A sociedade mexicana, que julga com maus olhos a proposta, evidencia o racismo que vivemos como sociedade e ri da inviabilidade política de uma mulher, também reflete a violência e desigualdade de gênero que ainda não pudemos superar. De maneira nenhuma é uma iniciativa que divide, e sim um processo de questionamentos, de reflexão, é um momento que questiona também nossa identidade cultural, indígenas ou mestiços, se nos somamos a proposta do CNI ou não. ■



LARISSA FUENTES é feminista, militante e educadora Centro de Direitos das Mulheres dos Chiapas, em San Cristóbal de las Casas.

# ENTREVISTA

## PROFESSORAS NO ACAMPAMENTO DA RESISTÊNCIA MAGISTERIAL

**EM SAN  
CRISTÓBAL  
DE LAS  
CASAS,  
CHIAPAS,  
MEXICO,  
JULHO 2016.**

**C**hegamos no México diante de uma grande mobilização de professoras e professores de escolas públicas contra reformas educativas que o governo atual tenta implantar e que são semelhantes com nosso contexto brasileiro. Por todo território mexicano haviam acampamentos travando rodovias para pressionar o dialogo com o governo. Escutar essas guerreiras nos fez pensar ainda mais como o projeto de sucateamento da educação pública tem proporções globais.

**ENTREVISTA POR:**  
**ARAILDA CARLOS  
AGUIAR, BEATRIZ  
OLIVEIRA, DAYSE  
OLIVEIRA, DANI  
REGINA, LARISSA  
FUENTES, RITA  
CARNEIRO**  
**TRADUÇÃO: JULIANA  
MERCURI**



"Somos um grupo de professoras, a maioria está lecionando no segundo grau técnico e estamos aqui para compartilhar nossas experiências e nosso processo de luta. No secundário técnico atendemos grupos de 12 a 15 anos. Somos professoras que estamos em processo de luta, algumas temos relações mais próximas, de afeto, porque ficamos mais tempo nas escolas, algumas de nós se conhecem de tanto nos vermos em diferentes momentos e na luta. Eu conheço a muitas pessoas que mesmo sem saber seus nomes, sei que estamos juntas e que desde nosso ser mulher nos fortalecemos e nos fortalece ver-nos, o nosso encontro, mesmo quando a gente não interaja mais diretamente. Nos momentos de reflexão ou memórias sempre me passa pela mente todas as companheiras com as quais nos encontramos na luta, mesmo quando eu não sei qual o seu centro de trabalho, mas sei que estamos (juntas) e sei que se somos muitas. Nos protegemos e nos apoiamos." (LAIDY)

**ENTREVISTAMOS AS MAESTRAS LEIDY CHAMÉ LOPEZ E AMADA ALEGRIA MENDONZA E AS ADMINISTRADORAS ESCOLARES MARGARITA MARTINEZ, GRACIELA CRUZ GARCIA, YOLANDA GARCIA DIONISIO, MARIA DEL CARMEN**

**DANIELLE: GOSTARÍAMOS DE SABER QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DA REFORMA EDUCATIVA PROPOSTA PELO GOVERNO E COMO ESTÁ O DIÁLOGO? UMA IDEIA GERAL PARA PODER ENTENDER MELHOR A LUTA DOS PROFESSORES?**

**LEIDY:** Isso é um processo, não podemos dar data porque é orquestrado pelo sistema capitalista e sabemos que essa luta é titânica. A luta não é com o secretário de educação, nem com o presidente da república, nem com todas as autoridades representativas do nosso país. Tem a ver com os ricos do México e as políticas do sistema capitalista a nível mundial, por isso não posso falar de datas, senão que faz parte de um projeto bem encaminhado.

Sabemos que o projeto de reformas está pensado para mais três períodos de governo. Mas estes (governos) vão fazer o trabalho para os ricos do México, que por sua vez estão controlados pelos ricos do mundo. Aqui no México são poucos e, além disso, são famílias.

Enumerar como nos afeta: Eu acho que (querem) transformar a todos em trabalhadores e (fazer com que a gente perca) os poucos benefícios que ganhamos no transcurso da luta social, desde que se estabeleceu a constituição. Fomos ganhando alguns artigos (na constituição) tanto no terreno agrícola, sobre a propriedade de terra, (como) em educação. O Artigo Terceiro (da constituição) diz que os projetos educacionais devem emanar do povo e (serem elaborados) com a participação do povo, e é tudo isso que estamos perdendo agora com a reforma. Falar sobre uma perda como minha vaga é minimizar a luta porque (as mudanças) implicam em muitas outras perdas. Isso deve ser visto como uma problemática de toda América Latina e também de outros países do mundo. Seria muito bom se tivessem encontros e congressos da



América Latina para falar do sistema capitalista. (Para falar de) todo esse pensamento em contexto global, e (sobre) os efeitos diretos em cada um dos professores, porque eles também estão em situações diversas.

**DANIELLE: EM BRASIL HÁ UM PROJETO QUE SE CHAMA “ESCOLAS SEM PARTIDO” QUE É UM PROJETO MUITO CONSERVADOR NO QUAL OS PROFESSORES NÃO PODEM FALAR SOBRE POLÍTICA, GÊNERO OU RAÇA, QUASE QUE ESTÃO APROVANDO (O PROJETO DE) LEI. VOCÊS SABEM QUE ESTAMOS PASSANDO POR UM GOLPE DE DIREITA NO BRASIL, É MUITO FORTE A BANCADA (NO CONGRESSO). GOSTARÍAMOS DE SABER, NO MÉXICO PODE FALAR ABERTAMENTE DESSES TEMAS COMO POLÍTICA OU RAÇA (NAS SALAS DE AULA)?**

**AMADA:** Eu acho que como professores falamos com certas limitações, principalmente no que é religião. Existem situações ou escolas onde se fala

sobre questões religiosas, porque é permitido, já que existem acordos na Secretaria com as escolas, principalmente nas privadas, porque nas escolas públicas sim há restrições. Por exemplo, aqui no México, quando há estudantes que não saúdam a bandeira porque sua religião não permite, como professores temos que respeitar e não podemos obrigar, mas, é importante conscientizar os pais a respeito. De um lado, esta a religião e de outro a educação. (Dizemos) a eles que no secundário estamos formando também para que os estudantes tenham seus próprios critérios.

**DANIELLE: NO BRASIL, A MAIORIA DOS DIRETORES É A FAVOR DO GOVERNO. AQUI TAMBÉM?**

**LEIDY:** Não porque os supervisores e os chefes de ensino se reúnem e fazem uma declaração sobre sua postura. Agora o governo está dando datas para os cursos de atualização, mas os supervisores e chefes de ensino se negam a comparecer.

**DAYSE: AQUI TEM ALGUMA LEI SOBRE CULTURA INDÍGENA? QUE OBRIGUE A ENSINAR SOBRE CULTURA AFRO OU CULTURA INDÍGENA?**

**LEIDY:** Sim, está nos acordos de educação, há professores que falam várias línguas, que são trilingues porque falam tzeltal, tzotzil e espanhol. Esses pro-

fessores trabalham nas comunidades indígenas e sua área se chama Educação Indígena, mesmo que nem sempre os professores dessa área são indígenas, porque exemplo, eu estive em uma comunidade tzeltal e para mim era complicada a comunicação, mas aí eu aprendi algumas coisas e as crianças aprendiam espanhol. Há casos que ainda se respeita a forma da comunidade e a língua, mas há outros onde quiseram desaparecer com os idiomas colocando professores que não falam a língua originária.

**MARGARITA:** Em 96, quando aconteceu os Acordos de San Andrés Larrainzar, da luta Zapatista, se abriu um diálogo que nunca se cumpriu, então não tem um artigo onde esteja estipulado isso de respeitar a cultura indígena.

**LEIDY:** Os zapatistas criaram seu próprio sistema educativo, eles têm outro modelo educativo, fazem ênfase na educação popular e no resgate dos usos e costumes, Mesmo que nem todos os usos e costumes sejam bons para as mulheres.

(...) Na biologia falamos de biodiversidade e da cultura culinária, por exemplo, tudo que deixaram os mayas.

**MARGARITA:** Em matemática também se reconhece a numeração maya, antes somente os números romanos.

**MAGDA:** Também se faz análise de palavras estrangeiras, e do por que usamos tantas palavras em inglês. Essas são as influências que vieram nos bombardear, pois o México está muito próximo aos Estados Unidos e há muitos imigrantes que voltam já com suas palavras.

**DANIELLE: GOSTARÍAMOS DE SABER, COMO É A RELAÇÃO ENTRE O MOVIMENTO MAGISTERIAL COM O MOVIMENTO ZAPATISTA?**

**LEIDY:** Como estrutura magisterial a relação é pouca, depende dos líderes e da filosofia dos zapatistas. Eu, pessoalmente, estive pensando sobre essa relação, depois que nos levaram apoio. Percebo, desde meu ponto de vista, que se não há vínculo político, não se devia ter recebido o apoio. Porque sabemos o que cus-

ta esse apoio e que aos zapatistas não sobra. Eu me perguntava agora qual vai ser a resposta do magistério. Os professores não foram às atividades políticas zapatistas, talvez de maneira individual alguns tenham ido. Eu vou porque estou de acordo com seu processo de luta. Mas como estrutura magisterial não foram, e isso ainda ficou para ser conversado em reunião.

Os zapatistas sim nos apoiam. O que eu vou dizer escutei de um dos companheiros que disse publicamente que nos deram apoio econômico de 20 mil pesos através de nossas organizações. Mas não estou de acordo com essa prática do magistério de receber, se ideologicamente não estamos de acordo. Acho que devemos fazer um vínculo na prática.

**MARGARITA:** Mas ontem eu fui ao CI-DECI<sup>1</sup> e me impactou muito porque havia uma caixa que dizia ‘apoie os professores’.

**LEIDY:** Só que como estrutura não há um vínculo, é importante que se pronuncie politicamente o Secretário geral da sessão, isso é muito forte, aqui na região não foi companheiro. Mas sim devo dizer que de todo o estado dos Chiapas, esta é a região mais consolidada entre os professores e pais de família porque aqui se vive o zapatismo. Há muita coincidência, há muita gente intelectual, muita gente que vem de fora, vem gente de todos os países que

<sup>1</sup>Centro indígena de Capacitação Integral- A situação da qual Margarita se refere ocorreu durante o festival CompArte



apoiam o movimento zapatista e isso faz com que nós, como professores, dessa região nos mantenhamos vivos e às vezes até mesmo os pais nos impulsionam. Achamos que nenhuma região do estado de Chiapas tem apoio dos pais de famílias como aqui. Se como estrutura política estivéramos unidos, se isso acontecesse, para mim, seria um salto muito grande. Com isso não digo que nos armemos e que todos saiam como zapatistas porque, isso é, entre em outra luta.

Eu gostaria que vocês compartilhassem sua experiência que tiveram com os adolescentes no Brasil, algo que me chamou muito atenção.

**BEATRIZ: NO (ANO) PASSADO, NO BRASIL, AS ESCOLAS FORAM OCUPADAS PELOS ESTUDANTES DE SECUNDÁRIO (SEGUNDO GRAU) CONTRA A MEDIDA DO GOVERNO QUE TENTAVA FAZER COM QUE A ESCOLAS FUNCIONASSEM POR CICLOS. COM ESSA MEDIDA MUITAS ESCOLAS SE FECHARIAM, MUITOS PROFESSORES SERIAM DESPEDIDOS, PRINCIPALMENTE OS PROFESSORES TEMPORÁRIO-SUPLENTES. TAMBÉM AS CLASSES FICARIAM MUITO CHEIAS, COM QUASE 50 CRIANÇAS. OS ESTUDANTES NÃO ACEITARAM E TOMARAM AS ESCOLAS, EXPULSARAM OS DIRETORES E OS**

#### **PROFESSORES. TUDO COMEÇOU EM SÃO PAULO E DEPOIS OUTROS ESTADOS POR QUASE TRÊS MESES.**

Em uma escola, a polícia invadiu e agrediram estudantes, pais, professores e isso teve uma repercussão muito grande. Mesmo com a invasão da escola, os estudantes não saíram, continuaram aí e alguns professores se uniram aos estudantes. Os diretores não se uniram. Em uma grande avenida colocaram cadeiras escolares e bloquearam as ruas. Os pais e mães apoiaram muito a luta, isso aconteceu em 2015.

**LEIDY:** Aqui os estudantes são muito cuidados pelos seus pais, mais ainda no secundário. Eu falo dessas coisas, e falo dos direitos, sobre como deveriam ter uma escola com biblioteca e outros direitos, mas os estudantes não se mobilizam, mais ainda porque estão cuidados pelos pais. Nas marchas nas quais vamos os pais estão presentes, os estudantes não.

**MAGDA:** Talvez em outros graus, como no preparatório, sim se mobilizem.

**LEIDY:** Mas é que aqui houve mais repressão aos alunos, houve desaparecidos, por exemplo, os normalistas<sup>2</sup>.

**MAGDA:** O estado paralisou os estudantes

**LEIDY:** Aqui nós, quando começamos a manifestar nessa etapa, houve muita repressão com gases e balas de borracha e muito confrontamento. Houveram mor-

tos de Oaxaca e, eu estou certa de que se manifestassem os estudantes do preparatório, iam ser reprimidos. Os estudantes da preparatória são os de 15 a 18 anos aproximadamente.

**MAGDA:** Sim, houve um movimento muito importante de secundário e preparatório quando houve o movimento "eu sou 132", porque moveu muitos jovens que também foram reprimidos, principalmente na Cidade do México (DF). O movimento 132 se deu durante a candidatura de Peña Nieto.

**LEIDY:** O governo também da muito dinheiro para comprar as pessoas, mil, dois mil, três mil, vinte mil, dependendo da força política. Agora estamos nesse movimento porque a maioria do comitê é democrática, mas se nos houvesse ganhado um "charro", que está a favor do governo, a reforma educativa já haveria entrado. Quando acontecem as assembleias nós temos que ficar muito fortes por que aí perdemos muito, porque se chega um "charro", perdemos. Parece que há uma oferta onde dizem que nos estados da república que entraram no movimento não haverá reforma, mas somos somente quatro estados, Se nos outros 28 se aplica a reforma porque não se mobilizaram, pois então, talvez em dois ou ter anos a reforma entre.

#### **BEATRIZ: VOCÊS PODERIAM FALAR DE COMO É SER MULHER NA LUTA ?**

**LEIDY:** Tripla jornada, sou mãe, sou filha, sou professora e sou mulher. Me custa muito lutar no interior com os companheiros. Na minha escola somos 25 ou 28 mulheres e 20 homens e mesmo assim, não podemos fazer acordos com um pouco mais de equidade de gênero. Revindicar trabalhar com equidade nas nomeações do comitê, quer dizer mesmo numero de

mulheres e homens, é complicado. Algumas vezes são até as mulheres mesmas que estão contra essas propostas.

Em quase todos os níveis se difunde muito a ideia da competição entre mulheres, em diferentes ocasiões. Por exemplo, "a rainha da primavera" no primário, no secundário e no preparatório se fazem concursos de "miss". Eu fui contra, porque tudo isso leva a objetificação da mulher. Eu explico aos meus alunos, mesmo assim esse é um motivo de ruptura entre os professores, mesmo que estejamos aqui lutando juntos, pois temos posturas políticas distintas.

Na minha escola há um grupo de professores de ação social que fazem atividades de arrecadação de fundos para a escola e utilizam esse tipo de atividades de utilização da mulher. Então nos dividimos porque há alguns (de nós) que não estão de acordo com essas formas. Os professores que estão de acordo com isso utilizam os pais, para convencê-los respaldar esses concursos ou atividades.

Nós revindicamos outros concursos, como de inteligência ou sobre o conhecimento de sua identidade e cultura. Mesmo assim, como a beleza é algo de onde se pode tirar dinheiro, fazem concurso de quem dá mais dinheiro. É benefício para a escola, mas para mim, isso causa dano ao emocional das me-

<sup>2</sup> Históricamente o Estado Mexicano vem sendo denunciado pelos massacres contra as/os estudantes que se posicionam de maneira crítica em relação as medidas autoritárias dos governos, dois exemplos para ilustrar isso são os massacres de Tlatelolco, em 1968, deixando mais de 300 pessoas mortas, e o ataque da polícia mexicana aos estudantes da Escuela Rural Normal de Ayotzinapa, em 26 de Setembro de 2014, o massacre resultou em seis mortos cerca de 20 feridos e 43 estudantes desaparecidos.

ninas. Eu tive meninas com uma inteligência emocional muito estável, mas depois que passam os concursos são assediadas, com problemas de qualificações. Eu questiono esses temas nas reuniões, mas não são retomados.

Eu provavelmente me aposento este ano mas quero deixar bem claro esse tema. Fiz uma revindicação com companheiras de Direitos Humanos, levamos ao diretor muitas assinaturas manifestando que não concordamos com essas atividades e o diretor ignorou esse ato.

Tínhamos pensado também em ir a Sessão 7, da parte sindical, para se fazer conhecer esse ato. É incongruente obter dinheiro para as escolas utilizando o corpo da mulher, não estou de acordo. Há um plano de fazer chegar essa inconformidade à Secretaria de Educação Pública, a nível federal. Detivemos o projeto como movimento, mas em um congresso vamos a reivindicá-lo como mulheres.

Eu nunca gostei de utilizar os pais de família para estar contra os diretores porque acho que gera mais conflito no interior das escolas.

**BEATRIZ: O QUE ESPERAM DA NEGOCIAÇÃO COM O GOVERNO?**

**LEIDY:** Temos 75 dias em luta e continuaremos porque a reforma não caiu. Já ofereceram a pagar tudo o que nos devem, há professores que não recebem há dois anos. Tenho um sobrinho que foi temporário-suplente, cobriu uma professora que se foi do sindicato para Tuxtla. Não a pagaram, e menos ainda o meu sobrinho. Ele teve que deixar o trabalho e até migrou. Nossos re-

presentantes, ainda que sem dinheiro, estão na luta há quatro meses e nós seguimos com os 75 dias que não pagaram, mas os representantes (não são pagos) desde fevereiro. Eu estou segura que se seguimos aqui, vamos chegar até dezembro, porque o governo não se importa em matar-nos de fome, nem aos nossos filhos. Antes se podia utilizar um direito, que nenhum patrão pode te tirar uma quinzena porque é a comida dos seus filhos, agora o governo não se importa.

**MARGARITA:** É uma maneira de manter a pressão e de desgaste para que todos em algum momento regressemos as aulas. Além de toda manipulação que está nos meios de comunicação que são pagos pelo mesmo governo, e aí estão bombardeando dizendo que a educação seguirá sendo gratuita, afirmam que vão haver benefícios. Dizem que os professores não querem trabalhar e rejeitam tudo que é a reforma educativa mas, na realidade, de reforma educativa no tem nada, porque é uma reforma trabalhista que estão aplicando aos professores que já têm mais de vinte ou trinta anos de serviço e que em algum momento, assinaram seu contrato ou sua vaga. Eles tinham direitos a uma aposentadoria porque entregaram parte da sua vida ao serviço. Tudo é muito absurdo porque um presidente da república que só está há seis anos tem (direito a) uma pensão vitalícia e que não se compara com a pensão de um professor.

**LEIDY:** Além disso, me descontam quinzenalmente para minha poupança, é o dinheiro que eu economizo e resulta que, agora vem uma (proposta de) economia (afore) institucional, que me ofereceu guardar meu dinheiro em um fundo particular e que, é muito provável, que essa instituição se declare em quebra e já não nos dê nada de pensão.

Eu tenho 35 anos de serviço e daqui até que eu morra eles têm a obrigação de pagar meu serviço. Os novos professores já entram sem nenhum direito. O presidente da república está há seis anos e tem uma pensão de milhares de pesos. São muito milhões de pesos mensais para pensões não somente para os deputados também aos senadores. Eles modificam as leis a seu favor. ■





**F**im de tarde, estávamos juntas depois de uma reunião planejando as atividades do Periferia Segue Sangrando e alguém soltou “Cês viram que vai ter um Festival de Artistas Feministas no México?”. Atiçou a sede antiga de beber de outras fontes, vontade de superar a separação que impuseram a nós, brasileiras e nossas hermanas la-

tinoamericanas na arte e no cotidiano. No pouco de informações que chega nas bandas de cá, algo nos coletivos e artistas de Abya Yala instigam por suas soluções rebeldes aos processos cara-pálida de colonização que todas nós sofremos.

## II FESTIVAL INTERNACIONAL DE ARTISTAS FEMINISTAS DA CIDADE DO MÉXICO

Nosso bonde TRAMA SANGRE BUENA é composto por Mariana Salomão (Punga Crew), Mariana Fideles (ComunaDeusa), Juliana Mercuri (ComunaDeusa) e Marina Nascimento (Periferia Segue Sangrando), além das Fala Guerreiras - Periferia Segue Sangrando: Alessandra Tavares, Jenyffer Nascimento, SilSil do Brasil e Carolina Teixeira (Itzá). O Festival Internacional de Artes Feministas ocorreu na UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México) em 21 de Maio de 2016.

Os ventos sopraram... Nossa vontade foi correndo mundo, criando corpo e força. No passar dos dias, a cada mana que encontrávamos no olho no olho ou virtualmente, crescia o apoio a nossa decisão ousada de atravessar fronteiras. Não se tratava apenas de uma viagem, era mais que isso, significava que nós

pobres, pretas e de luta, estávamos juntas desafiando as probabilidades, contrariando as estatísticas. Não demorou, outras parças se juntaram ao nosso bonde, manas da Punga Crew, e da coletiva ComunaDeusa e assim, formamos a TRAMA SANGRE BUENA.

Mobilizadas pela nossa experiência no Brasil com as cirandas e cartografias que realizamos, chegamos na pergunta instigadora: “*Donde mi sangre me libera?*”. Aqui ressignificamos o sangue derramado, para pensar que o sangue é também nossa materialidade, nossa ligação com a mãe terra, nossa capacidade de criar vida. Pensar que, nem sempre sangue é sinônimo de dor. Refletir essa perspectiva é dar vazão ao que habita em nós, daí que pulsa e corre nas veias e nos coloca em estado de libertação.

Chegando a Universidade Autônoma da Cidade do México, local do Festival, o sentimento era de ânimo e também de apreensão. Não sabíamos como seriam as mulheres que cruzariam nosso caminho, tampouco seus rostos, seus olhares ou seus passos, mas a nossa certeza é que precisávamos desse encontro. Havia aproximadamente 80 coletivas de mulheres de várias partes da América Latina, com atividades simultâneas durante o dia inteiro.

Participaram de nossa ciranda cerca de 50 mulheres. Inicialmente sentimos um distanciamento que foi se quebrando aos poucos. Nos olhamos nos olhos, depois invocamos para a roda, uma mulher que carregamos em nossas andanças. Durante a ciranda a pergunta “*Donde Mi Sangre me libera?*” ecoava nos corpos, e com tinta, nas



cores vermelha e preta, propusemos uma cartografia-útero, onde imagens e palavras iam sendo derramadas, formando um mapa de experiências cheio de significados.

O corpo-território de cada pessoa, ali presente, foi se abrindo em relatos, olhares, dores, choros e muito, muito acolhimento por estarmos conectadas em círculo. No final, estendemos nosso mapa uterino em um local alto e visível, puxando uma linha vermelha que escorreu simbolicamente até a rua, fora da Universidade, para



marcar que as nossas questões são subjetivas e ao mesmo tempo ocupam o espaço público!

Finalizamos essa experiência com a convicção de que tínhamos que ter vivido esse momento, era a vida confirmado os passos que escolhemos dar.

Festejando nosso encontro, nossa potência e a liberdade de nossos caminhos dividimos o bonde em dois: Um partiu rumo a Oaxaca e outro a Chiapas. Nos corações existia uma curiosidade gigante de conhecer experiências de coletivos de mulheres e de luta.

Fomos e levamos na bagagem não só a força e a coragem de nossas irmãs guerreiras, mas através de um salve geral conseguimos levar também suas produções artísticas, espalhando suas sementes em outras terras.

**AS PARÇAS MANDARAM SUAS ARTES:** Quilombo Mulheres Negras, Esméralda Souza, Esméralda Ribeiro (Cadernos Negros), Raquel Almeida, Mel Duarte, Michele Santos, Miriam Alves, Marília Rossi, Priscila Obaci, Débora Garcia, Landy Freitas, Aline Binns, Andreza Delgado, Coletiva Chega de Assédio.

## CHIAPAS

Em Chiapas conhecemos muitas mulheres, professoras, educadoras, militantes, donas de casa e trabalhadoras rurais. Conversamos muito sobre feminismo e as perspectivas predominantes no debate no México e nos chamou atenção a existência de uma área dentro da universidade que se denomina feminista e não de gênero, reconhecendo uma abordagem científica e filosófica do feminismo. A mulherada era porreta!

No Centro de Direitos da Mulher de Chiapas um encontro alegre e rebelde aconteceu com Márcia, Cláudia e Larissa. Depois de muita troca fomos convidadas para acompanhar e realizar uma ciranda com as mulheres de Chicomuselo na divisa com a Guatemala. A viagem demorava cinco horas e, por isso, saímos às 4h30 da manhã.



idade, ela veio até nós para nos abraçar.

Fizemos uma ciranda. Uma ciranda inesquecível abençoada por todas às árvores ali presentes. Queiramos ouvir e conhecer. Elas puderam relatar um pouca das situações que causavam dor e sofrimento, partilhando também suas

estratégias pessoais. Trouxemos na mochila um pouco da suas histórias. Ouvimos, ouvimos e ouvimos. Ao final celebramos com boa comida e conversa. Lembro de quando no final do dia subimos no carro para voltar pra Chiapas todo nosso corpo ter sido tomado de gratidão e confiança nos nossos passos.

As emoções não paravam mais: fomos até o Caracol Oventinik. Lá em cada canto era possível sentir o cheiro da autonomia. Tivemos a emoção de ver mulheres ocupando postos importante, ouvir um pouco sobre a comandanta Ramona e as estratégias de resistência. Tem coisas que são impossíveis de descrever em palavras. Tem coisas que só entendemos pelos pés.



Atravessamos paisagens, vilas e vilarejos com o estômago apertado de emoção e ansiedade. A viagem era cheia de emoções. No meio do caminho fomos parados pela polícia. Encontramos outras mulheres no trajeto, e o ponto de encontro era um quintal. Um terreiro como chamaria nossas avós. Ali em baixo das árvores as mulheres mais velhas montaram uma altar maia. Toda a mística estava ali presente nos alimentos, sua cores, a esfera e o triângulo. A emoção tomou conta de nós, porque também montamos nosso círculo, nosso altar.

O dia começou com uma atividade para pensar os direitos das mulheres e os desafios vivenciados pelo grupo. Conhecer estas mulheres foi uma dádiva. Todas chamaram nossa atenção e marcaram nossas vidas, mas uma senhora sentada na roda, com aproximadamente noventa anos, passou o encontro todo em silêncio e nos olhando ao final, com toda a dificuldade de sua

## TOPILEJOS

Outra experiência marcante foi conhecer a quebrada de Topilejo, um bairro na Cidade do México onde fica o Colectivo OchoOcho, (afinal... quebrada é quebrada em qualquer lugar!!!). A Monse, grafiteira zica que se tornou nossa hermana do coração disse que são por volta de 50 integrantes espalhadxs pelo México. São grafiteirxs, muralistas, artistas gráficos - clandestinxs ou não - ali na pequena sede de blocos de concreto cheia de equipamentos de silk, prensas e cheiro de aerossoles. Ali aprendemos a descolonizar a linguagem e abandonar palavras gringas tão comuns no graffiti do Brasil (como spray). Fizemos um mural coletivo comendo tortillas apimentadas e bebendo pulque fresquinho (a história do pulque é bonita demais, uma bebida retirada de manhãzinha do coração do agave, depois fermentada).

A arte mexicana rebelde se impõe, demarca seu território e tem uma engenhosidade estética que gera mensagens de linguagem popular e complexa. Brinca com as cores e palavras, traz ancestralidade e cotidiano.



Lições que aprendemos caminhando por lá, fertilizadas pra sobreviver nas ruas de SP.

**EM NOSSOS CORPOS,  
A PERGUNTA AINDA ECOA  
“ONDE MEU SANGUE  
ME LIBERTA?”**



## OAXACA

Lá em Oaxaca conhecemos diversos coletivos, e andando pelas ruas é incrível a infinidade de murais, lambes, estêncil e todo tipo de arte gráfica que grita a luta dos movimentos insurgentes. O som das paredes se misturou ao acampamento gigantesco das maestras e mestros em luta, dias antes do conflito contra o Estado chegar a níveis gravíssimos.

# CIRANDAS NA AMÉRICA LATINA CHIAPAS MÉXICO JULHO, 2016

## FESTIVAL COMPARTE POR LA HUMANIDAD

### TECENDO A RESISTÊNCIA: ENCONTRANDO O FIO QUE NOS UNE

**QUANDO SE APROXIMOU DO HORÁRIO DA CIRANDA FICAMOS NA PORTA CONVIDANDO AS MULHERES QUE ALI PASSAVAM E LOGO ERAM RECEPCIONADAS COM UM LARGO SORRISO.**

“Queremos nos encontrarmos, olhar nos olhos de todas e falar das experiências de luta que cada mulher leva consigo em seus territórios” foi com esse chamado que lançamos a proposta de fazer um bonito círculo de mulheres no 1º Festival CompArte pela Humanidade<sup>1</sup>. Companheiras de muitos cantos do mundo compartindo suas lutas coletivas e individuais, mostrando através da palavra-ação que se não existem fronteiras para o patriarcado, para o machismo, para o racismo, para a lesbofobia e demais formas de opressão, logo também não há fronteiras para a subversão das mulheres!



# CIRANDAS



“[...] mulheres que tinham sido arrasadas sob tantos aspectos, de quem se esperava que permanecessem prostradas, que até receberam ordens para tanto, que tiveram sal espalhado pela terra ao seu redor, que foram arrebanhadas, dizimadas, incineradas, expulsas, descartadas como lixo – elas eram perigosas de fato –, porque voltaram a crescer! Elas reivindicavam um lugar na sua sociedade, essencialmente qualquer lugar que desejassem pois não queriam esperar, implorar nem precisar adular para que alguém – a família ou a cultura – lhes concedesse esse lugar. Elas traçavam um círculo. Entravam nele. E diziam: ‘Estou aqui. Se vocês quiserem proximidade, fiquem perto de mim. Se não, afastem-se, porque nós vamos avançar.’ [...]”

(CIRANDA DE MULHERES SÁBIAS)

fotos: BEATRIZ OLIVEIRA E DAYSE OLIVEIRA

**D**epois nos apresentamos e falamos um pouco de nossa luta diária contra o machismo, foi bem interessante porque observamos que mulheres de um país diferente do nosso tinham as mesmas dificuldades em se expressar por ser uma mulher. Houve vários relatos de tudo que é tipo carregado de muita emoção e choro. Passada toda aquela emoção, prosseguimos com outra atividade: todas pegaram um pedaço de tecido e canetas de tecido para relatar aquela emoção em desenho artístico. Saíram verdades e emoções presas no coração e no corpo.

1. O Festival Comparte foi chamado juntamente com o Festival Consciências, onde as artes e as ciências (...) são as que resgatam o melhor da humanidade” e “(...) já representam a única oportunidade séria de construção de um mundo mais justo e racional.” Portanto esses festivais foram um chamado para militantes do mundo inteiro que se interessassem em se encontrar para celebração e partilhar a rebeldia através da arte e produção do conhecimento.



No final da atividade fizemos uma grande roda para cantar e dançar com uma grande de ciranda de mulheres. Foi muito emocionante, com sorrisos e satisfação em poder compartilhar com todas aquelas mulheres de várias culturas e países diferentes do nosso! Na grande ciranda de mulheres havia mulheres indígenas, negras, inglesas, espanholas e nordestinas de outras partes do Brasil.



Fazer parte do círculo de conversa e poder compartilhar as nossas histórias de luta com mulheres guerreiras de várias partes do mundo foi um marco em nossa história. História que deve ser escrita como em forma de conto e de poesia, virar música e ser cantada em vários ritmos musicais, virar documentário e filme e ser exibido e assim ecoar em todas as partes do mundo para que todas mulheres saibam que não estão só, que sua luta é nossa luta e que temos em nós a rebeldia do universo.

mundo foi pulsante! Ainda que com muitas dificuldades de comunicação por conta do idioma, existia alguma coisa entre nós que fazia que o principal não precisasse ser necessariamente verbalizado. Alguma coisa que transcendia a comunicação oral e nos colocava num estado de sintonia, de empatia e de solidariedade. Talvez um pouco como as mulheres mais velhas das quais a autora de Ciranda das Mulheres Sábias retrata tão bem em suas páginas, nós traçamos um círculo, entramos nele e dizemos: Estamos aqui, estamos crescendo e não nos prostraremos!

Tecer a nossa resistência na ciranda que fizemos no México foi uma lindezia de partilha. De sorrisos e angustias. Foram muitas emoções que nos colaram em união. Que nutriu a nossa escuta e a nossa força. A rebeldia era o tempero das palavras. Estábamos ali e éramos de muitos lugares. A rebeldia que ali compartilhamos e nos alimentamos partiu para cada território que ali se fez presente. ■

# CIRANDAS NA AMÉRICA LATINA MANIZALES COLÔMBIA

NOVEMBRO, 2016

**A** faísca que se instalou em nossos corações para embarcarmos nesta viagem leva o nome de “II Bienal Ibero Americana de Infâncias e Juventudes”, promovida pelo CLASCO (Conselho Latino Americano de Ciências Sociais), que nos permitiu levar nosso trabalho, enquanto Coletiva Fala Guerreira, para discutir, expor e trocar com outros coletivos latino-americanos nesse encontro em Manizales, Colômbia.

Dessa faísca, então, fizemos incêndio em nossos corações. Partimos para materializar na vida aquilo que queríamos: conhecer outros coletivos latinos que lutam autonomamente. Enxergamos ali a oportunidade de trocar com outras minas da América Latina, de expandirmos nossas sensações e, claro, ver como o machismo, racismo e as opressões se desenvolviam em outros territórios e como estes grupos se articulavam.

Foram festas, rifas, vendas, vaquinhas e muito, muito, muito trabalho da coletiva e das minas individualmente. Levamos em nossos mochilões cheios. Neles estavam nossas revistas, nossas irmãs que não puderam ir, nossa luta, nosso trabalho, nossa família e as milhares de mulheres de periferia que, muitas vezes, não atravessam a fronteira. Eles também estavam cheios de medos, algumas nunca haviam viajado de avião, outras nunca haviam saído ao país, não falávamos espanhol fluentemente e estar em outro território nos atraía e nos fazia tremer. Mas o medo nunca é maior que a vontade de viver e fomos!

Fomos com a cara e a coragem e para custearmos a viagem, que não foi barata e nem tão simples assim (algumas de nós ainda estão pagando e a viagem aconteceu há quase 6 meses), contamos com a ajuda brava, forte e firme de um monte de manas, coletivas, coletivos e toda a comunidade





periférica que acredita em nós. Não nós, "Fala Guerreira", mas nós: Mulheres Periféricas.

Essa teia de mulheres que acreditaram e acreditam em nossas capacidades, em nossa afetividade e em nossas vozes que estão gritando, rasgando e desbravando a nossa representatividade: o tempo inteiro! Em tom de poesia, pra ficar mais potente: "Mulher, caminha com outras igual a tu. Elas são teu sol" (Jenyffer Nascimento).

Toda a viagem foi mágica. Cada uma chegava em dias, cidades e horários diferentes. Nosso primeiro desafio: se



encontrar! Aliás, nos encontrar sem internet. Mas, nossos instintos e a rede que sempre mobilizamos onde quer que vamos e em qualquer idioma nos apoiou e sim rolou o mais belo encontro em Santa Helena, Medellín, Colômbia. Ficamos numa casa encantada no meio das montanhas, a uma hora da cidade. Depois de um longo ano de luta, uma reconexão necessária entre nós, com outras forças da natureza e da Deusa, então partimos pra nossa aventura: participar da II Bienal.

II Bienal Ibero Americana Infâncias e Juventudes era enorme havia intelectuais e coletivos de diferentes países da América Latina e acontecia simultaneamente em três espaços. Nessa loucura nos perdemos em vários sentidos: erramos a data da apresentação e duas guerreiras voltaram um dia antes, nos perdemos nos espaços e fomos parar no lugar errado, outro grupo de guerreiras pegou um táxi ficou com medo do caminho, parou na metade e voltou para o hotel no dia que iríamos entender como a Bienal acontecia.

Como era de se esperar: nos encontramos. Ficamos no espaço de mesas dedicadas aos coletivos e nos encantamos com a força e a potência dos trabalhos. Aprendemos muito, trocamos e construímos relações e redes. Parte delas, aqui nesta

fotos: SILVANA MARTINS, ilustração: CAROLINA TEIXEIRA (ITZÁ)



revista. Também festejamos, cantamos, dançamos e bebemos com as parceiras e parceiros que conhecemos. Foi um encontro lindo que com certeza firmamos no plano astral.

Nossa proposta não era restringir a nossa participação para falar da nossa atuação. Queríamos lembrar a todos os presentes que estávamos falando das mulheres simples, trabalhadoras, donas de casa e periféricas que cercam suas vidas e que ainda passam despercebidas. Queríamos falar das mulheres que participam das lutas e coletivos que não são devidamente reconhecidas ou valorizadas. Não buscávamos ser ou levantar algum ícone do movimento feminista, e, sim, colocar como ícone a batalha diária destas mulheres que tem suas vozes silenciadas.

Por isso, optamos por fazer uma ciranda. Normalmente, fazemos ciranda somente com mulheres, mas apostamos na força ancestral do círculo, da esfera, do olho no olho, da horizontalidade, da brincadeira que ensina, do potencial da escuta e da libertação da fala num grupo misto também.

**APOSTAMOS E GANHAMOS.  
FOI UM MOMENTO MÁGICO,  
SENSÍVEL E POTENTE  
POLITICAMENTE.**

Nessa ciranda pedimos para cada pessoa ali presente resgatasse o nome das mulheres significativas em suas vidas. Ouvimos o nome de muitas mães, avós, tias, filhas, amigas, professoras, artistas e companheiras. Todas se fizeram ali presente e conectadas por um fio vermelho. O vermelho do nosso sangue menstrual, dos nossos partos, do nosso sangue e da nossa dor. Um vermelho também da nossa luta, nossa conexão e da força da nossa rebeldia. O vermelho do sangue que simboliza também o aborto do velho mundo e nosso parto por esse tempo que estamos parindo.

Depois de conectar todas essas mulheres, as colocamos no centro do nosso círculo e da nossa fala. Finalizamos o círculo dizendo: nossa história é a história das mulheres simples e de periferia. De mulheres como nós e, por isso, viemos aqui, em bonde, falar o que acontece conosco.

**FALAMOS SOBRE  
NOSSOS SENTIMENTOS,  
NOSSAS ESTRATÉGIAS  
DE CUIDADO, DAS  
NECESSIDADES  
QUE ESTAMOS  
DESCOBRIENDO E,  
PRINCIPALMENTE, QUE  
DECIDIMOS NÃO  
SILENCIAR E NEM NOS  
DEIXAR SILENCIAR.**

Afirmamos com nosso corpo, dez guerreiras, e bem mais de 50 mil manas que estão na batalha, que o feminismo não é apenas uma bandeira de luta. É soprar dos ventos de um novo mundo. ■

# FALA GUERREIRA FAZENDO A CABECA COM AS MANAS AMEFRICANAS

destaque

## VIOLETA PARRA

**HÁ CEM ANOS FLORESCIA  
VIOLETA PARRA!**

Esse ano completa-se 100 anos do nascimento de Violeta Parra. Violeta del Carmen Parra Sandoval foi uma grande lutadora, compositora, cantora, artista plástica e ceramista, considerada a mais importante folclorista e fundadora da música popular chilena. Violeta foi uma mulher forte e aguerrida, e suas canções embalaram bravamente toda uma geração contra as ditaduras na América Latina. Violeta Parra sofreu muitas perseguições políticas e por muitos anos de sua vida não pode viver no Chile, teve arrancada de si sua pátria, mas não sua identidade! Mesmo em outras terras ela jamais deixou de denunciar as barbáries das quais viviam seus pais - "O mineiro já não sabe quanto vale sua dor/ [...] Voltei para Santiago sem compreender a cor com que pintam a notícia quando o pobre diz não/ Abaixo a noite escura/ Ouro, salitre e carvão" (Arriba quemando el sol) As dores e as alegrias da vida de violeta alimentaram os seus versos. Violeta Parra sempre há de florescer nas terras férteis dos corações das/os que ousam a sonhar com o novo mundo

### GRACIAS A LA VIDA

Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me dio el corazón que agita su marco  
Cuando miro el fruto del cerebro humano  
Cuando miro el bueno tan lejos del malo  
Cuando miro el fondo de tus ojos claros  
  
Gracias a la vida que me ha dado tanto  
Me ha dado la risa y me ha dado el llanto  
Así yo distingo dicha de quebranto  
Los dos materiales que forman mi canto  
Y el canto de ustedes que es el mismo canto  
Y el canto de todos que es mi propio canto

GRACIAS A LA VIDA, GRACIAS A LA VIDA

# MÚSICA



**MISS BOLÍVIA**

(Argentina): cantora que mescla hip hop, reggae, cumbia, dance e elementos dos povos originários. Suas letras carregam denúncias contra diversas opressões. Linda, atrevida y loka!



**CHOCOLATE REMIX**

(Argentina): um grupo de reggaeton feminino formado por mulheres lésbicas como uma maneira de reivindicar um reggaeton livre de machismo e sexism.



**ANA TIJOUX** (Chile):

Suas canções no ritmo hip hop traz temas sobre pós-colonialidade, movimento indígena Mapuche, movimento estudantil no Chile e contra o patriarcado. Guerreira que inspira nossas ideias.



**DANAY SUAREZ** (Cuba): cantora que mescla hip hop e reggae, traz em seu repertório a força e simplicidade e beleza de Cuba.



**TOTO LA MOMPOSINA**

(Colômbia): cantora folclórica colombiana, mistura ritmos dos povos originários sul-americanos e afro-latino. Músicas que encantam nosso cotidiano.



**MARE ADVERTENCIA  
LIRIKA** (México): Mare

é uma rapper de origem indígena zapoteca, e sua música se combina com um dos primeiros grupos de rap feminino de seu país o Advertencia Lirika. Com letras envolventes, desperta nossa revolta.



**SUSANA BACA** (Peru):

ciniciou sua carreira no Rap em 2006. As músicas de Preta Rara são fagulhas que incitam a chama da rebeldia, e a descolonização dos nossos conhecimentos.



**RAP PLUS SIZE** (Brasil):

Issa Paz e Sara Donato criaram o projeto do Rap Plus Size. As músicas do Rap Plus Size abordam questões como gordofobia, feminismo, racismo, empoderamento da mulher periférica fora dos padrões, afirmando e valorizando a autonomia da mulher que luta.



**YZALU** (Brasil): Recentemente Yzalu lançou "Minha Bossa é treta". A guerreira Yzalu é mulher negra, periférica e está no cenário musical há algum tempo. Yzalu faz das suas músicas arma da crítica contra o racismo e o machismo.



## MI RAP NO ES FEMENINO, SÓLO FEMINISTA

Mi única virtud y defecto es ser imperfecta  
Mi lengua cuchillo doble filo en tu oreja  
En esta vida y en la anterior soy guerrillera  
Me matan pero vuelvo a nacer en esta tierra  
Vengo a vengar con palabras a todos los muertos  
Prefiero cantar una canción en los entierros  
Viene a manchar tu pared con mi grito de esperanza  
Calladas gargantas yo cortaré de una tajada  
Yo peleo con el poder que coloniza mentes  
No escupo balas sino palabras irreverentes  
Santas son las sustancias que me mantienen despierta  
Santas las plantas que el espíritu me alimentan  
Mi rap no es femenino sólo feminista  
No busco el poder porque yo soy una anarquista  
No quiero dominarte soy una artista  
Te embrujan mis palabras porque soy espiritista  
La magia de la música la traigo en las venas  
Mi pecho un tambor mi pulso una canción sin pena  
Las alas de mi mente me llevan a donde quiera

*Minha única virtude e defeito é ser imperfeita  
Minha língua é faca de dois gumes no seu ouvido  
Nesta vida e na anterior sou guerreira  
Matam-me, mas volto a nascer nesta terra  
Venho para vingar com palavras todos os mortos  
Prefiro cantar uma música em enterros  
Vim para manchar sua parede com meu grito de esperança  
Gargantas silenciosas eu corto de uma fatia  
Eu luto com o poder que coloniza mentes  
Não cuspo balas e sim palavras irreverentes  
Santas são as substâncias que me mantêm despierta  
Santas são as plantas que o meu espírito alimenta  
Meu rap não é feminino, só feminista  
Não busco o poder, porque eu sou um anarquista  
Eu não quero te dominar, eu sou uma artista  
Te assombram minhas palavras porque eu sou espiritualista  
A magia da música eu trago nas veias  
Meu peito um tambor, meu pulso uma canção sem pena  
As asas da minha mente me levam aonde quero*

## BANDEIRA NEGRA

REBECA LANE é RAPativista, socióloga e poeta guatemalteca. Fundadora do projeto Somos Guerreiras que visa capacitar as mulheres para criar através do Hip Hop, gerando espaços de formação, vida e produção de eventos. Leia mais em [mujeresdebolsagrande.blogspot.com.br](http://mujeresdebolsagrande.blogspot.com.br). Escute mais em [soundcloud.com/rebecca-lane](http://soundcloud.com/rebecca-lane)

Soy luz y oscuridad, pero mi bandera es negra  
Mi bandera es negra  
Mi rap no es bueno porque sea femenino  
No le pongan a mi arte esos malditos prejuicios  
En tarima con tacones no es porque sea culito  
Me gusta verme guapa cuando canto en el micro  
Para ser ruda no preciso más testosterona  
Peligro que mi estrógeno anda machucando bolas  
Tengo millones de huevos en cada ovario  
No me hace más mujer ni a vos te hace menos macho  
Mi rap no es femenino sólo feminista  
No busco el poder porque yo soy una anarquista  
No quiero dominarte soy una artista  
Te embrujan mis palabras porque soy espiritista  
La magia de la música la traigo en las venas  
Mi pecho un tambor mi pulso una canción sin pena  
Las alas de mi mente me llevan a donde quiera  
Soy luz y oscuridad pero mi bandera es negra  
No quiero tu respeto nada más por traer falda  
No me insultes porque nunca he sido una dama  
Reconoce una poeta cuando la escuches  
No me juzguen nada más por mi bonito estuche  
Mi rap no es femenino, sólo feminista  
No busco el poder porque yo soy una anarquista  
No quiero dominarte, soy una artista  
Te embrujan mis palabras porque soy espiritista  
La magia de la música la traigo en las venas  
Mi pecho un tambor mi pulso una canción sin pena  
Las alas de mi mente me llevan a donde quiera  
Soy luz y oscuridad, pero mi bandera es negra

Sou luz e escuridão, mas a minha bandeira é preta  
Minha bandeira é preta  
Meu rap não é bom porque é feminino  
Não coloque na minha arte seus malditos preconceitos  
No palco de salto não é porque seja estúpida  
Gosto de me ver bonita quando eu canto no microfone  
Para ser rude não preciso de mais testosterona  
Periga que meu estrogênio esteja machucando bolas  
Tenho milhões de ovos em cada ovário  
Não me faz mais mulher nem te faz menos macho  
Meu rap não é feminino, só feminista  
Não busco o poder, porque eu sou uma anarquista  
Eu não quero te dominar, eu sou uma artista  
Te assombram minhas palavras porque eu sou espiritualista  
A magia da música eu trago nas veias  
Meu peito um tambor, meu pulso uma canção sem pena  
As asas da minha mente me levam aonde quero  
Sou luz e escuridão, mas a minha bandeira é preta  
Não quero o seu respeito nada mais por usar saia  
Não me insulte porque nunca fui uma dama  
Reconhece uma poeta quando a ouve  
Não me julgue nada mais pela minha aparência bonita  
Meu rap não é feminino, só feminista  
Não busco o poder, porque eu sou um anarquista  
Eu não quero te dominar, eu sou uma artista  
Te assombram minhas palavras porque eu sou espiritualista  
A magia da música eu trago nas veias  
Meu peito um tambor, meu pulso uma canção sem pena  
As asas da minha mente me levam aonde quero  
Sou luz e escuridão, mas a minha bandeira é preta

FALA GUERREIRA  
FAZENDO  
A CABECA  
COM AS MANAS  
AMERICANAS

## PODA PARA CRESER

Desse montículo de pó,  
de ossos triturados  
espalhados pelo tempo,  
tenho que refazer minha dimensão;  
fortalecer-me com os totens de meus  
antepassados,  
invocando os espíritos ancestrais  
que uma vez vieram como colibris  
— asas rápidas bicando  
sem medo os caçadores —  
afastar a tapas  
ventos e más línguas  
obstinadas em apequenar  
os estrondosos latejos do meu coração.  
Dessa desconjuntada,  
golpeada estrutura,  
hei de renascer  
forte como os mulungus,  
linda como a tempestade  
— que não se assusta diante de portas  
fechadas —  
para golpear o mundo com palavras  
com meu corpo convertido em argila,  
já modelado,  
inquebrantável diante de maus-olhados,  
mas delicado para as lagoas e as luas  
e a rima e o verso  
e o sorriso de meus filhos.  
É duro desvincilar-se da água,  
das duas pequenas poças encharcadas  
no meio da face  
e o nariz vermelho  
e a boca contorcida pela tristeza.  
Cavar a esperança na desesperança,  
buscar o amargo  
o conhecido, o pressentido, o saboreado  
gosto do mel.  
É duro o contorno da figura  
recortada no cérebro  
— difusa, odiada, mas indestrutível —

Cautelosa me dou conta  
de outras mãos oferecendo temura,  
promessa, calor de sorrisos  
enquanto o braço estendido do futuro  
anuncia para mim, no espelho,  
que estou plena, inteira,  
dura e frágil,  
disposta para o novo,  
indecifrável,  
amanhã.  
Gioconda Belli



destaque

## GIOCONDA BELLI

NICARÁGUA

Começou a escrever ainda jovem, na mesma época em que se envolveu com a luta para derrubar a ditadura no país. Depois do terremoto de 1972, decidiu se juntar de vez à Frente Sandinista de Libertação Nacional, dessa vez não mais como colaboradora clandestina, mas na linha de frente, deixando as filhas com a família. O clima foi ficando cada vez mais pesado, e ela exiliou-se no México em 1975. Em seguida, em Costa Rica e Cuba. Só retornou à sua amada em 1979, quando os sandinistas tomaram o poder. Em 1990, o partido dos sandinistas perdeu as eleições. Nos anos seguintes, Belli se tornou crítica do partido. Nesse tempo, continuou a escrever. Alguns de seus livros receberam vários prêmios, como o romance *A Mulher Habitada* (1988) e sua autobiografia, *O País Sob Minha Pele* (2001). Gioconda Belli doa-se. **"ESCREVER PARA DAR FORMA AO MUNDO, / PARA DELINEAR O PERFIL DA LÁGRIMA, / A TRISTEZA DA ÁRVORE CORTADA".** Uma poesia derramada, de afirmação, que busca espantar a tristeza, embora nunca ignore a dor, o luto, a saudade. Poesia fecunda, que fala de ser mulher, e dos universos imensos que isso abarca.

(REFERÊNCIA BLOGUEIRAS FEMINISTAS)

ERAVURA

## ROSÁRIO CASTELLANOS

Um encontro pulsante entre a poesia de Rosário Castellanos e nossas andanças pelos altos das montanhas de Chiapas. Com vocês suas palavras que encantam e acalentam nossos corações:



# O COTIDIANO

Para o amor não há céu, amor,

só este dia;

este cabelo triste que se cai

quando te estás penteando ante o espelho.

Esses túneis longos

que atravessamos com ofego e asfixia;

as paredes sem olhos,

o oco que ressoa

de alguma voz oculta e sem sentido.

Para o amor não há trégua, amor. A noite

não se volta, de repente, respirável.

E quando um astro rompe suas correntes

e o vês ondular, louco, e perder-se,

não por isso a lei solta seus ganchos.

O encontro é a escuras.

No beijo se mistura

o sabor das lágrimas.

E no abraço cinges

a lembrança daquela orfandade,

daquela morte.

## VIRGINIA BRINDIS SALLAS

**IZABEL ORONoz** é uma pesquisadora e jornalista uruguaya que se dedicou a resgatar a memória de Virginia Brindis Sallas, poeta e militante negra no Uruguai da década de 40. Virginia teve sua escrita questionada e chegaram a atribuir seus textos ao seu marido, como se ele escrevesse e emprestasse o nome a ela. Uma estratégia cruel de apagamento de sua força e invisibilização histórica pelo racismo.



Turbación de  
cuerpos adheridos  
el cadáver de una  
noche.

Ayer tambor,  
hoy danza;  
tenue langor,  
Alabanza.



Y es que la Revolución  
desde nuestra Independencia  
no ha cesado de latir  
dentro de cada conciencia.

Livros  
"Pregón de Marimorena" (1946) y  
"Cien cárceles de amor" (1949) e  
contribuiu no periódico "Nuestra Raza".

O livro ROMPENDO  
SILENCIOS nos permite  
conhecer a história e os  
poemas publicados de  
seus dois livros, textos  
que denunciam as  
condições de vida dos  
afrouruguaio.



# FRIDAY



detalque

# KAHLO



**ROSANA PAULINO,**  
paulistana da Freguesia do Ó, é artista plástica com especialização em gravura pela London Print Studio, em Londres

e doutora em Artes Plásticas pela ECA/USP. Já participou de diversas exposições no Brasil, assim como nos EUA, Chile, Bélgica, Holanda, Portugal e Espanha. O racismo estrutural do Brasil, os resquícios da escravidão que ainda se fazem presentes, os padrões de beleza feminino e, sobretudo, a condição da mulher negra na sociedade são temas fortes da Arte de Rosana, que combina questões de gênero e de etnia de maneira explícita, mostrando o machismo e o racismo que opõe milhões de mulheres no Brasil.



PROTEÇÃO  
EXTREMA CONTRA  
A DOR E O  
SOFRIMENTO, 2011,  
grafite e aquarela  
sobre papel,  
42,5x32,5 cm (Foto:  
Divulgação)

# ARTISTAS

**FALA GUERREIRA  
FAZENDO  
A CABEÇA  
COM AS MANAS  
AMERICANAS**

## DOLORES CACUANGO

Nos encanta pensar em Dolores

Cacuango e como permanentemente durante a história as mulheres sempre resistiram e criaram formas de enfrentamento. Dolores é uma pioneira revolucionária indígena que viveu a extrema pobreza, mas sempre lutou para emancipação de seu povo e mais adiante veio a fundar a associação de mulheres indígenas, reconhecendo as necessidades específicas dessas mulheres.

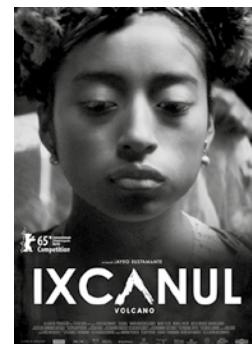
Dolores, nascida em 1881 Pichincha no Equador, é quíchua do povo Kayampi. Herdou de sua comunidade as referências culturais, língua e a história acumulada das experiências de seus antepassados.

Com 44 anos de idade participou ativamente da rebelião indígena e por sua capacidade de articulação e fala, se tornou uma importante liderança. Foi perseguida pelo governo e teve sua casa incendiada como represália de sua atuação, junto aos indígenas.

Dolores lutou contra o analfabetismo e fundou junto a María Luisa Gómez de la Torre, as Escolas Comunitárias Indígenas do Equador. Passou seus últimos anos na extrema pobreza, mas ainda hoje seu espírito de luta aquece e

dá brilho às nossas rebeldias.

Filme:  
**DESCOBRIENDO A DOLORES CACUANGO**  
LINK: [HTTPS://VIMEO.COM/158814498](https://vimeo.com/158814498)



### IXCANUL

(Guatemala 2015)  
Filmaço! Uma teia de complexidades, vida, amor e tradição que pulsam no coração e experiências de uma família indígena guatemalteca. Um jovem. O sonho americano. Uma jovem grávida. Exploração. Casamento forjado. Negação. Tristeza. Nos olhos do vulcão. Ixcanul nos mostra que a colonização não acabou e desde que se instalou nunca mais pudemos ser o que éramos.

# FILMES

**CORAZÓN DEL TIEMPO:**  
Se você é como nós que busca viver o amor e a possibilidade da revolução, irá se encantar com esse filme e com a personagem Sônia, uma mulher intensamente real, não só apaixonada como apaixonante, tudo isso no contexto das lutas indígena e campesinas, no território Mexicano.

DISPONÍVEL:  
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HA3KNI\\_QHL0](https://www.youtube.com/watch?v=HA3KNI_QHL0)

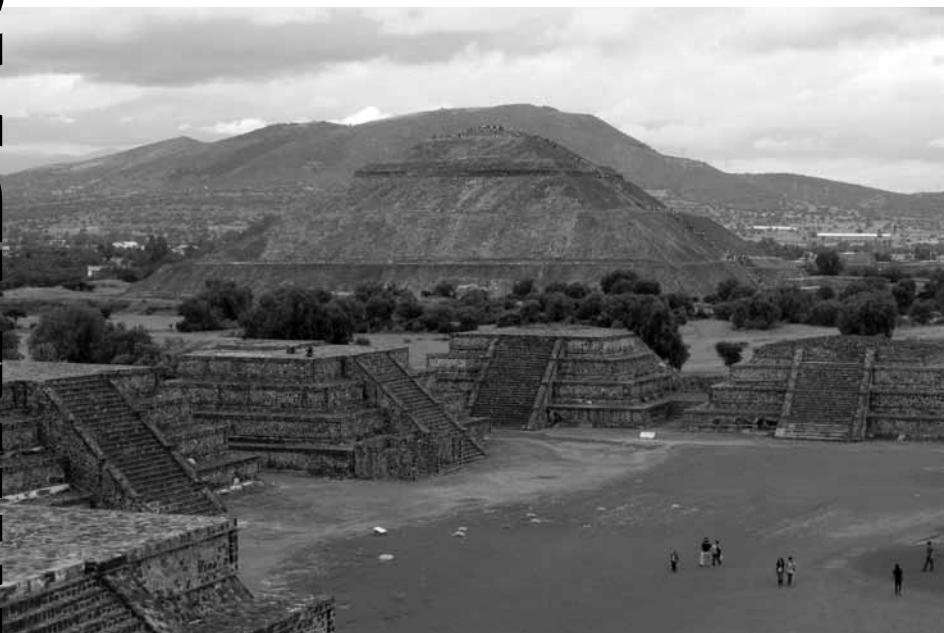
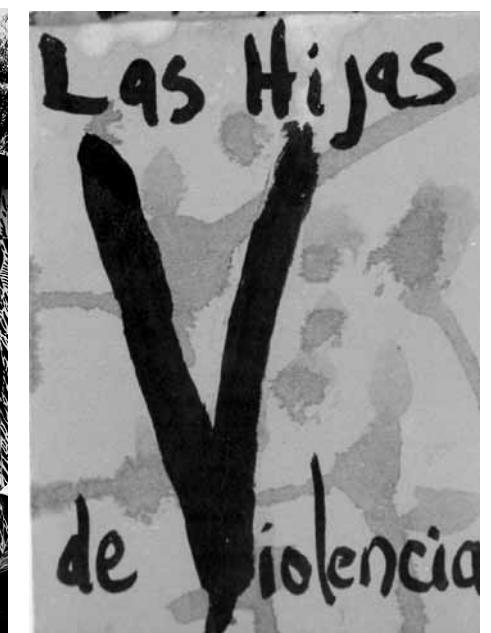


# MIRADAS



# MIRADAS

170





# MIRADAS



**DESOBEDECE**

